



UFRR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

JOSUÉ FERREIRA GOMES

AS AVENIDAS DA COMPLEXIDADE NA CONSTITUIÇÃO DA NARRATIVA  
JORNALÍSTICA EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19 EM RORAIMA

BOA VISTA

2023

JOSUÉ FERREIRA GOMES

AS AVENIDAS DA COMPLEXIDADE NA CONSTITUIÇÃO DA NARRATIVA  
JORNALÍSTICA EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19 EM RORAIMA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Roraima (UFRR), como parte dos requisitos avaliativos para a obtenção do título Mestre em Comunicação. Linha 2: Estudos de Mídia, Território e Processos Comunicacionais.

Orientadora: Doutora Tatiane Hilgemberg  
Figueiredo

BOA VISTA

2023

JOSUÉ FERREIRA GOMES

AS AVENIDAS DA COMPLEXIDADE NA CONSTITUIÇÃO DA NARRATIVA  
JORNALÍSTICA EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19 EM RORAIMA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Roraima (UFRR), como parte dos requisitos avaliativos para a obtenção do título de Mestre em Comunicação. Linha 2: Estudos de Mídia, Território e Processos Comunicacionais.

---

Profa. Dra. Tatiane Hilgemberg Figueiredo  
Orientadora/Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima (PPGCOM/UFRR)

---

Profa. Dra. Verônica Soares da Costa  
Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)

---

Prof. Dr. Vilso Junior Chierentin Santi  
Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima (PPGCOM/UFRR)

BOA VISTA

2023

Ao meu irmão Jessé Ferreira Gomes, que morreu vítima da Covid-19, aos 35 anos de idade. Te amarei para sempre!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus (em todas as formas de interpretação e crenças) por não ter me deixado desistir. Agradeço a mim por ter suportado uma pesquisa em meio a tantas dificuldades e por acreditar que a ciência é o caminho para um futuro promissor. Externo esse momento de felicidade à minha família que tanto amo, aos amigos dentro e fora do mestrado que me sustentaram nessa caminhada tão árdua, e aos jornalistas que, sem dúvida, foram essenciais para esta pesquisa.

Sem vocês, amigos de profissão, a desinformação teria feito mais vítimas, o obscurantismo e o negacionismo seriam piores e ainda mais devastadores, e as pessoas viveriam aquém da mentira. Por isso, enaltecer o protagonismo jornalístico é mais do que uma tarefa diária: é um lema que deve ser lembrado por nós e respeitado por toda a sociedade. Até mesmo por aqueles que torcem contra nossa atuação. Vocês foram e são valentes e defenderam a sociedade em dias sombrios e tristes.

Gratidão à minha orientadora Tatiane Hilgemberg, que tive o prazer de conhecer ao logo desses dois anos quase intermináveis (risos). Ela me compreendeu em dias ruins, em decisões difíceis e outras assertivas, e depositou a confiança em alguém que voltava à academia depois de três anos longe da pesquisa. Estendo esse sentimento à professora Verônica e ao professor Vilso, que contribuíram significativamente com esse trabalho.

Desejo que este estudo contribua com o saber acadêmico, perpassando outras áreas, fazendo valer a discussão da complexidade defendida por Edgar Morin, tecida por mim ao jornalismo, minha paixão.

Gratidão!

“Nós nunca sabemos nada, pois o aprendizado é infundável” – Edson Trokideias Falcão.

## RESUMO

Esta pesquisa busca analisar como se deu o processo de constituição da narrativa jornalística durante a pandemia Covid-19 na imprensa em Roraima. Para isso, utiliza a teoria da complexidade de Edgar Morin (2005) para identificar quais são essas interferências e como elas se manifestam dentro do processo de construção da notícia em quatro veículos de comunicação: Rádio 93FM, TV Roraima (Globo), Portal G1 Roraima e o jornal Roraima em Tempo. Para compreender o que é uma narrativa, utiliza-se o conceito abordado e discutido por alguns autores, como Barthes (2011), Dalmonte (2009) e Motta (2004). Neste estudo discorre-se sobre a complexidade de Morin e como ela pode ser aplicada à narrativa jornalística e aborda-se o surgimento da pandemia e aspectos da política enquanto desaliada no combate à Covid-19. Para alcançar o objetivo proposto, oito jornalistas foram entrevistados e detalharam o processo de constituição da narrativa, o que permitiu analisar as interferências em dois momentos, denominados de Avenidas Principais e Avenidas Paralelas. Nas Avenidas Principais, foram identificadas cinco interferências: a desinformação, a pessoalidade, a familiar, a política e a empresarial. Cada uma delas agiu direta ou indiretamente na condução da narrativa jornalística. Já nas Avenidas Paralelas são apresentadas as forças que tiveram atuação secundária sobre a construção das notícias: os primeiros impactos da pandemia nas redações, o tratamento do público com os jornalistas, e as mudanças que indicam um possível “novo jornalismo”, mais enxuto, com menos equipamentos e profissionais. Em todas elas são apresentados elementos que permitem entender como as interferências ocorreram e quais foram as consequências deixadas por elas na narratologia.

Palavras-chave: Jornalismo; Pandemia; Narrativa Jornalística; Complexidade.

## RESÚMEN

Este estudio busca analizar cómo ocurrió el proceso de constitución de la narrativa periodística en la pandemia de Covid-19 en la prensa de Roraima. Para eso, utiliza la teoría de la complejidad de Edgar Morin (2005) para identificar cuáles son esas interferencias y cómo ellas se manifiestan durante el proceso de construcción de las noticias en cuatro vehículos de comunicación: Radio 93FM, TV Roraima (Globo), Portal de Noticias G1 Roraima y el periódico Roraima em Tempo. Para comprender lo que es una narrativa, la pesquisa utiliza el concepto de algunos autores, como Barthes (2011), Dalmonte (2009) y Motta (2004). Ese estudio habla acerca de la complejidad de Morin y cómo ella puede ser aplicada a la narrativa periodística y aborda el surgimiento de la pandemia y aspectos de la política como enemiga del combate de la Covid-19. Para alcanzar el objetivo propuesto, ocho periodistas fueron entrevistados y detallaron el proceso de constitución de la narrativa, lo que permitió mirar las interferencias en dos momentos, llamados de “Avenidas Principales” y “Avenidas Paralelas”. En las “Avenidas Principales”, fueron identificadas cinco interferencias: la desinformación, la personalidad, la familia, la política, y las empresas. Cada una de ellas tuvo participación directa o indirecta en la conducción de la narrativa periodística. En las “Avenidas Paralelas” son presentadas las fuerzas que tuvieron actuación secundaria sobre las noticias: los primeros impactos de la pandemia en los periódicos, el tratamiento del público con los periodistas, y los cambios que indican un posible “nuevo periodismo”, con menos personas y equipamientos. En todas las avenidas son presentados los elementos que permite comprender cómo las interferencias ocurrieron y cuáles son las consecuencias que ellas dejaron en la narratología.

Palabras-claves: Periodismo; Pandemia; Narrativa Periodística; Complejidad.



## ABSTRACT

This research seeks to analyze how the journalistic narrative constitution process took place during the Covid-19 pandemic in the press in Roraima. For this, it uses Edgar Morin's theory of complexity (2005) to identify what these interferences are and how they manifest themselves within the news construction process in four communication vehicles: Radio 93FM Radio, TV Roraima (Globo), news portal G1 Roraima, and Roraima em Tempo journal. To understand what a narrative is, one uses a concept discussed by Barthes (2011), Dalmonte (2009) and Motta (2004). In this study we talk about Edgar Morin's complexity y how it can be applied to journalistic narrative and we discuss about the beginning of the pandemic and political aspects against to it. To achieve our goal, we conducted interviews with eight journalists who detailed the narrative constitution process, what allowed us to analyze the interferences in two moments, called by: "Main Avenues" and "Parallels Avenues". In the "Main Avenues", we identified five interferences: the disinformation, the personality, the family, the politics, and the business. Each one of them acted directly or indirectly in the conduction of journalist narrative. In the "Parallels Avenues" we present the forces that had secondary action in the news construction process: the first impacts of Covid-19 pandemic, the treatment of public to the journalists, and the changes that indicate the "news journalism", less employees and equipment. All of them showed elements that allowed us to understand how the interferences have happened and what were the consequences left for them in the narrative process.

Key-words: Jornalismo; Pandemic; Journalistic Narrative; Complexity.

## **LISTA DE TABELA**

Tabela 01 – Programação da Rádio 93FMRR.....	70
--	----

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1. A COMPLEXIDADE NO ENTORNO DA NARRATIVA JORNALÍSTICA ...</b>	<b>18</b>
<b>1.1. A constituição de uma narrativa .....</b>	<b>19</b>
<b>1.2. A complexidade na constituição da narrativa .....</b>	<b>28</b>
<b>1.3. Representação do cotidiano na profissão.....</b>	<b>37</b>
<b>1.4. Jornalista, narrativa e complexidade.....</b>	<b>40</b>
<b>2. OS EFEITOS DA PANDEMIA NO JORNALISMO .....</b>	<b>45</b>
<b>2.1. O surgimento da Covid-19.....</b>	<b>46</b>
<b>2.2. Jornalismo científico.....</b>	<b>49</b>
<b>2.3. O jornalismo e as mídias sociais .....</b>	<b>55</b>
<b>2.4. A política como desaliada na pandemia.....</b>	<b>58</b>
<b>3. MÉTODO PARA ALCANÇAR OS RESULTADOS .....</b>	<b>70</b>
<b>3.1. Veículos de comunicação.....</b>	<b>71</b>
3.1.1. Exclusão de veículo da pesquisa .....	73
<b>3.2. Entrevista com profissionais dos veículos de comunicação .....</b>	<b>74</b>
<b>4. AVENIDAS PRINCIPAIS E PARALELAS: A COMPLEXIDADE DA NARRATIVA JORNALÍSTICA NA PANDEMIA DA COVID-19 .....</b>	<b>80</b>
<b>4.1. PRIMEIRA PARTE: OS EFEITOS DA PANDEMIA E A CRIAÇÃO DAS AVENIDAS PRINCIPAIS .....</b>	<b>82</b>
4.1.1. “Avenida Desinformativa”: o maior desafio da profissão.....	83
4.1.2. Transitando pela “Avenida Pessoal” .....	90
4.1.3. As relações abaladas e desinformação na “Avenida Familiar” .....	99
4.1.4. “Avenida Política”: marcada por ataques e interferências diretas .....	107
4.1.5. “Avenida Empresarial”: reflexão sobre decisões das empresas com interferência na narrativa.....	116

<b>4.2. SEGUNDA PARTE: COMO SE FORMAM AS AVENIDAS PARALELAS NA CONSTITUIÇÃO DA NARRATIVA JORNALÍSTICA .....</b>	<b>121</b>
4.2.1. Relatos daqueles que estiveram frente a frente com a pandemia .....	121
4.2.2. Amor e ódio evidenciam tratamento do público com a imprensa .....	124
4.2.3. Surgiu um novo jornalismo? As heranças deixadas pela pandemia para a profissão .....	126
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>131</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>134</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>144</b>

## APRESENTAÇÃO

Meu nome é Josué Ferreira. Na data em que escrevi este início de dissertação tinha 25 anos. Formado em jornalismo pela Universidade Federal de Roraima (UFRR), mesma instituição da qual pretendo sair, pela segunda vez, com o diploma de Mestrado em Comunicação. Entrei para o mercado de trabalho no segundo mês do curso de graduação, em novembro de 2013, estagiando no Núcleo de Rádio e Televisão Universitária (NRTU).

Desde então, já são quase 10 anos de trajetória jornalística, com coberturas marcantes na vida profissional, que também influenciam a vida pessoal. Quando concluí o curso de jornalismo em 2017, não pensava em dar passos em uma difícil etapa acadêmica: o mestrado. Contudo, o professor Vilso Santi, que honrosamente compõe esta banca, fez quase uma pressão psicológica (contém humor) para que eu voltasse a pesquisar. Aceitei o desafio, fiz o processo seletivo e, aqui estou eu, fechando um novo ciclo.

Esta pesquisa é fruto de uma mistura de superação e força de vontade. No dia 1º de março de 2020 se iniciaram as aulas do mestrado que eu sonhei e celebrei com minha família em meio à pandemia da Covid-19. O pico de casos e mortes pela doença havia sido em junho daquele ano e, em dezembro, durante viagem para Florianópolis (SC), recebi a notícia da aprovação. Mas, em fevereiro de 2021, a vida trouxe surpresas desagradáveis. À época, eu trabalhava no jornal Roraima em Tempo, no cargo de editor-chefe.

Quando as aulas começaram eu estava dentro do Hospital Geral de Roraima (HGR), brigando por uma tomografia para meu irmão Jessé Ferreira Gomes, internado na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) número 5 com Covid-19. Ele travava uma batalha entre a vida e a morte, assim como milhões de pessoas Brasil e mundo afora. Fiquei face a face com os problemas da saúde pública que eu mesmo denunciava desde o início da pandemia, um ano antes. Como qualquer jornalista, passar de entrevistador a entrevistado é uma transição quase insuportável, a depender da situação.

No dia seguinte, em 2 de março, acordei com a notícia da morte do meu irmão. Amarguei e ainda amargo a ferida mais profunda da pandemia: a perda de um familiar para uma doença tenebrosa. A morte nos coloca a refletir sobre nosso rápido papel nisso que entendemos por mundo. Meu irmão se foi aos 35 anos. Fez aniversário no dia 9 de fevereiro dentro da UTI. Até pensei em como seria a festa quando ele saísse de lá: cartazes com frases emocionantes na porta do hospital e balões com gás hélio. Tudo ficou em um mundo utópico, gélido e desafiador.

Até ali eram 11 meses recebendo constantes mensagens de pessoas que, às vezes, nem conhecia. Elas denunciavam a falta de medicamentos, profissionais, leitos, materiais... Escrevi sobre a morte de tantas pessoas, ajudei, por meio de matérias, a salvar outras. Ouvi relatos que me partiram o coração. Senti a dor de tanta gente que buscava no jornalismo um refúgio para tanto sofrimento. É que o jornalismo também ajuda nessas horas a brigar por um leito, por um remédio que não tem no hospital, por um ponto de oxigênio.

Uma semana depois, em meio a um luto que nunca termina, voltei a trabalhar. Agora, com um olhar muito diferente daquele que tinha antes de ter a carne cortada pela pandemia. O jornalismo nos obriga a conviver com situações felizes e tristes. Coloca-nos no olho do furacão e, às vezes, não nos diz como sair de lá. Eu disse para minha orientadora, Tatiane Hilgemberg, que caminhou comigo até este momento de entrega final, que era difícil desenvolver um estudo com uma cicatriz que não sara. Ainda mais porque falo de um assunto que me afetou no mais íntimo. É catar cacos que sobram e reinventar-se. Buscar forças na fraqueza.

Ouvi muitos questionamentos depois que voltei para a redação do jornal Roraima em Tempo. Como você consegue escrever sobre o tema pandemia? É difícil, não há como negar. Há uma fresta gigantesca entre o ser humano e o ser jornalista. O caminho para construir uma notícia passa a ser cheio de pedras, com charcos de lágrimas, ainda que escondidas. Vivemos um misto de sentimentos: ser parcial ou ser imparcial? É possível esses dois status? Qualquer jornalista se enxerga em um espelho de cobranças e amputações de sentimentos.

Cobrir uma pandemia sequer passaria pela cabeça de jornalistas tão jovens como eu, e até mesmo aqueles que já estão no mercado há muito tempo. Esse estudo, portanto, ganhou forma a partir de uma perspectiva pessoal, transpassada pelo moínho da dor, que desemboca na tentativa de entender a realidade de outros jornalistas que encararam a Covid-19. Deixaram suas casas sem hora para voltar, enfrentaram o medo, a solidão, o *home office*, e as drásticas mudanças na profissão trazidas por essa crise sanitária.

A imprensa se transformou em um painel de denúncias, um campo de saudades, um diário de relatos de superação, um mar de lágrimas, uma página na História. Tudo isso em um complexo processo de metamorfose quase infinito, com uma narrativa contínua de um tema novo e desafiador. Dessa forma, a pandemia não apenas cobrou o máximo dos jornalistas, mas os jogou em uma incógnita que muitos nunca haviam experimentado.

É preciso ressaltar que não estou colocando em xeque a seriedade deste estudo ao citar uma trajetória pessoal. Apenas sinalizo um dos motivos para a existência dele. Afinal, essa visão personificada também pode ser entendida como uma parte crucial de um contexto

amplo, complexo e necessário para o universo jornalístico e científico, que será esmiuçado ao longo dos próximos capítulos.

## INTRODUÇÃO

Em síntese, este estudo busca analisar o processo de constituição da narrativa jornalística a partir das discussões teóricas que ajudam a compreender o que é a narrativa e como ela é empregada pelo jornalismo durante a pandemia da Covid-19 em Roraima. Além disso, entrelaço esses entendimentos com a teoria da complexidade de Edgar Morin, para dar conta das diferentes interferências que a constituição da narrativa sofre na crise sanitária.

O objetivo central é entender como se deu o processo de constituição da narrativa jornalística em quatro veículos de imprensa em Roraima: a Rádio 93FM, a TVRR, e os portais de notícias Roraima em Tempo e G1 Roraima. O período escolhido para o estudo foi o primeiro ano de cobertura da pandemia (2020). São objetivos específicos: observar de que forma interferências externas e internas interferiram na constituição da narrativa durante a pandemia da Covid-19 na imprensa roraimense; avaliar as razões que, invisivelmente, estão vinculadas à constituição da narrativa complexa na pandemia; contrastar a transformação da pluralidade de conteúdos diários em uma hegemonia comunicacional.

Para chegar a uma reflexão ampla sobre a complexidade na constituição da narrativa jornalística, foram adotados alguns métodos que conduziram esse caminho de construção do conhecimento. Além das discussões teóricas, foram feitas entrevistas semiestruturadas com oito jornalistas dos veículos mencionados, com perguntas previamente elaboradas, para se ter relatos de quem esteve à frente da produção de conteúdos. Foram excluídos os profissionais sem formação na área de jornalismo. Em seguida, foi feita uma análise de conteúdo das entrevistas. Os jornalistas tiveram as identidades preservadas, principalmente por abordar-se a interferência política nos veículos de comunicação.

O primeiro capítulo traz uma discussão teórica sobre o que é a narrativa e de que forma ela pode ser utilizada pelo jornalismo. Para isso, foi usado o conceito de narrativa a partir de autores como Roland Barthes, Luiz Gonzaga Motta e Edson Fernando Dalmonte, que compreendem esse processo como histórico, da literatura para o jornalismo. A narrativa é, portanto, constituída a partir de diferentes elementos vinculados ao campo do jornalismo. Como diria Bourdieu (1997), esse campo<sup>1</sup> está repleto de tensões, reúne forças e diferentes relações, com intuito de transformar esse espaço.

---

<sup>1</sup> Entende-se por campo “um espaço social estruturado, um campo de força – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem dentro desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças” (BOURDIEU, 1997, p. 57).



Há uma perspectiva histórica da literatura sendo utilizada pelos jornalistas, como forma de dar ao texto uma roupagem mais humanizada do que normalmente se faz no jornalismo diário. Além disso, provooco a fusão entre a teoria da complexidade de Edgar Morin (2005) e a constituição da narrativa, para indicar que ao redor desse processo há elementos primordiais e decisivos para a construção das notícias, e que só podem ser observados e indicados a partir de uma abordagem complexa.

No segundo capítulo discorro sobre a pandemia e o jornalismo, lembrando o surgimento da doença e a onda de (des)informação provocada por ela. Há uma exaltação do jornalismo científico não apenas como uma espécie de tradutor de uma linguagem técnica e restrita para uma linguagem clara e compreensível, mas também como um profissional capaz de contextualizar os debates, comentar as descobertas e processos científicos, e lidar com histórias, estórias e personagens. Fortaleço a importância do jornalismo e refuto a ideia de que perfis nas redes sociais online, sem compromisso com a apuração e a verdade, podem ser classificados como jornalísticos. Por fim, mostro como a política esteve alheia à pandemia, exemplificando com a postura do então presidente Jair Bolsonaro.

O terceiro capítulo traz as estratégias para obter o resultado desta pesquisa. Explicito os caminhos percorridos na condução de entrevistas semiestruturadas com os jornalistas dos quatro veículos abordados. Pelos desafios da proposta é necessário evitar o acento meramente ilustrativo das mudanças provocadas pela crise sanitária, ou seja, é importante aprofundar, por meio das respostas dos profissionais, as interferências no curso da constituição da narrativa.

O quarto e último capítulo traz a perspectiva dos jornalistas entrevistados, reforçando o protagonismo da profissão na pandemia e buscando entender a constituição da narrativa e o processo de construção da notícia durante o período. A ideia central foi analisar as interferências sofridas no trabalho de parte da imprensa de Roraima, para comprovar que a profissão é árdua, mas necessária. Dessa forma, usando o conceito de Avenidas, de Edgar Morin, presente na sua obra *Introdução ao pensamento complexo* (2005), criei dois conceitos-chaves para entender a construção da narrativa jornalística complexa na pandemia: as Avenidas Principais e as Avenidas Paralelas.

As Avenidas Principais tratam de cinco interferências diretas no processo de construção de notícias na crise sanitária: interferências da desinformação; interferências pessoais; interferências familiares; interferências políticas; e interferências empresariais. A análise mostra como cada uma delas agiu sobre a constituição da narrativa, contribuindo para o que defende este trabalho: um processo complexo dentro do jornalismo para se criar os produtos midiáticos. Cada uma das interferências é exemplificada com situações práticas na

rotina dos veículos de comunicação, revelando a importância do jornalismo, em muitos casos, de se manter firme aos ataques internos e externos, bem como agir diante de interferências contínuas.

Já as Paralelas trazem abordagem secundária a esse processo, isto é, as transformações causadas no entorno da produção. A análise permite enxergar como essas avenidas se cruzam nesse sistema de fabricação de notícias e como são usadas pelos jornalistas para se chegar à narrativa complexa. Essas avenidas ganham força à medida que as Principais vão definindo melhor o caminho da produção de conteúdo. Para ajudar em um entendimento inicial, exemplifico com a transformação emocional mencionada por todos os entrevistados no momento de se criar notícias, causada pela cobertura diária da pandemia; ou ainda as mudanças na apuração e entrevistas, que vieram com a pandemia, e não vão ser deixadas de lado pelo jornalismo.

Acredita-se, assim, que este estudo pode contribuir com o constante debate sobre o processo de comunicação, que converge a cada momento, moldado por fatores novos, como é o caso da Covid-19. A análise da narrativa jornalística pelo viés da complexidade pode indicar que fatores externos e internos, visíveis e invisíveis no processo de construção da notícia, interferem no jornalismo diário, direcionando o modo de fabricar informação a partir de um fator com notoriedade social (a pandemia), e indicar diferentes caminhos que levaram a permanecer com a cobertura por tanto tempo.

Por fim, deixo minhas considerações de um estudo que envolve um alto teor de complexidade e nos ajuda a compreender as novas formas de fazer jornalismo, se reinventar enquanto imprensa em meio aos ataques políticos e sociais. E reforçar, sobretudo, o protagonismo da imprensa nos momentos em que a sociedade precisava estar preparada para enfrentar quaisquer desafios.

## 1. A COMPLEXIDADE NO ENTORNO DA NARRATIVA JORNALÍSTICA

É indiscutível que a pandemia da Covid-19<sup>2</sup> foi um evento marcante no século XXI. As modificações provocadas pela doença, grande parte negativa, cobraram respostas da ciência e da sociedade e marcaram a história de gerações. Questiona-se, portanto, em meio a todo esse movimento histórico se é possível abstrair contribuições importantes para a sociedade e para as ciências que a permeiam.

Para além da saúde, a pandemia interferiu em todas as áreas sociais, trazendo uma forma de viver, conhecer e se adaptar ao que foi denominado de “novo normal” - seja o momento que se viveu durante a pandemia ou mesmo as consequências no pós-pandemia. Uma realidade deturpada, levada ao caos por algo que não se sabe a origem. Experiências transformadas em relatos, que buscam refúgio na esperança de dias melhores.

A pergunta geradora que acionou neste trabalho foi: como observar tal acontecimento pelo viés midiático? Percebe-se, *a priori*, que há um enlace entre comunicação, especificamente o jornalismo, com o coronavírus. À luz da simplificação, os olhares atentos da mídia, de praxe, acompanhariam passo a passo a maior catástrofe, até então, do século XXI. Essa tendência simplista seria criticada por Edgar Morin (2005), autor que complexifica qualquer tema.

Essa complexificação é mais do que necessária neste trabalho: ela é o caminho para se entender, a fundo, a relação jornalismo e pandemia, passando pelas estratégias de apuração e combate à desinformação, mostrando, através da narrativa jornalística, como a Comunicação atua na linha de frente do combate à doença. Afinal, o trabalho jornalístico de esmiuçar a informação é fundamental para a sociedade.

Navarro (2020) acrescenta que, na pandemia, os jornalistas tiveram que “se virar” para manter a população informada. Márcia Amaral (2020), em entrevista a Dairan Paul e Denise Becker, avalia que, até para os jornalistas mais experientes, narrar uma pandemia não foi tarefa fácil ou livre de dilemas. Primeiro porque as condições para exercer a profissão sofreram interferência de diversos tipos. Segundo que, como destaca a autora, ninguém se torna especialista em explicar uma doença da noite para o dia.

---

<sup>2</sup> Nesta pesquisa, utilizarei duas nomenclaturas para me referir à doença causada pelo vírus: Covid-19 (apenas com a primeira letra em caixa alta, como usou grande parte dos veículos de comunicação) e coronavírus (em caixa baixa, também seguindo uma padronização comunicacional).

Apurar, escrever, viver, enfrentar os riscos, abdicar da família, e tantas outras mudanças, atingiram o psicológico desses comunicadores. Sendo assim, a rotina de produção dos meios de comunicação se volta para uma cobertura essencial e desafiadora. As reportagens jornalísticas acompanharam o compasso da situação, ou como escreve Morin (2020), um festival de incertezas, e são levadas ao público no mesmo ritmo em que acontecem as descobertas dos cientistas.

É dessa forma que os meios de comunicação cumprira seu papel social. Pois, conforme Ferreira (2020, p. 32):

(...) é sabido que os media informativos são uma lente fundamental através da qual as pessoas veem a sociedade e o mundo. Graças ao seu alcance e à sua onnipresença, os indivíduos têm hoje mais oportunidade de encontrar notícias e informações que em qualquer momento anterior na História. Além dos meios de comunicação tradicionais, como a televisão, os jornais e a rádio, a circulação de notícias pela Internet e nas redes sociais oferece às pessoas a possibilidade de serem expostas a informações, mesmo que não as procurem propositalmente.

Essa enxurrada de informações foi intensificada por causa da pandemia. O próprio tema foi suficiente para manter os meios de comunicação atuando por um longo período. A enunciação e a própria característica de repetição de um tema estão dentro do que se entende por narrativa. Mas, se estamos falando dela, precisamos conceituá-la. Afinal, o que é uma narrativa? Por que está sendo discutida neste trabalho como característica do jornalismo? Buscaremos discutir nas próximas seções essa definição e, mais do que isso, costurá-la com a lógica de Edgar Morin (2005), por meio da teoria da complexidade.

### **1.1. A constituição de uma narrativa**

Morin (2020) escreveu que a crise sanitária fez surgir imaginações solidárias para tentar ajudar naquilo que o Poder Público falhou, como a fabricação de máscaras de tecido frente à falta de máscaras descartáveis no mercado da saúde. Ele escreve que um pequeno vírus em uma cidade ignorada na China foi capaz de provocar uma cascata de problemas. “A crise sanitária desencadeou uma engrenagem de crises que são concatenadas. Essa policrise ou megacrise se estende do existencial ao político, passando pela economia, do indivíduo ao planetário, passando por famílias, regiões, Estados” (MORIN, 2020).

Para mim, isso revela mais uma vez a insuficiência do modo de conhecimento que nos foi inculcado, que nos faz separar o que é inseparável e reduzir a um único elemento aquilo que é ao mesmo tempo uno e diverso. De fato, a importante revelação dos impactos que sofremos é que tudo aquilo que parecia separado está

conectado, porque uma catástrofe sanitária envolve integralmente a totalidade de tudo o que é humano. (MORIN, 2020)

Ao escrever a obra *É hora de mudarmos de via*, as lições do coronavírus, Morin trouxe 15 lições que a pandemia nos trouxe nesse período mais devastador, tais como lidar com a morte e consigo mesmo. Para ele, a crise sanitária não apenas atingiu todos os países do mundo, mas causou uma megacrise que precisa ser enfrentada no pós-pandemia. Além disso, há diversos desafios que a população mundial terá de encarar.

O momento histórico extremamente grave que atravessamos está cheio de desafios. A crise sanitária que continua em curso é acompanhada por uma crise política e uma crise econômica cuja profundidade e duração ainda não foram dimensionadas; parece prenunciar-se uma crise alimentar mundial; iniciou-se uma crise social dramática em consequência da explosão de números de desempregados e trabalhadores precários. (MORIN, 2020, p. 38)

Ele também acrescenta que a pandemia revelou a necessidade do pensamento complexo, já que evidenciou como os conhecimentos precisam estar reunidos para surtir o efeito esperado na sociedade. Um exemplo mencionado por ele foi a união entre laboratórios científicos que, normalmente, trabalham separados, buscando prestígio e reconhecimento individual para as suas descobertas, mas se viram desarmados com a doença mortífera. Com isso, frente à Covid-19, não restou alternativa a não ser reunir os conhecimentos dos cientistas para descobrir informações sobre o vírus que fariam diferença no meio social.

As insuficiências e carências de conhecimento e pensamento durante a crise sanitária confirmam que precisamos de um modo de conhecimento e pensamento capaz de responder aos desafios das complexidades e aos desafios das incertezas. Não podemos conhecer o imprevisível, mas podemos prever sua eventualidade. Não devemos nos fiar nas probabilidades nem esquecer que todo acontecimento histórico transformador é imprevisto. (MORIN, 2020, p. 30)

Para Pena-Vega e Petraglia (2020), situações como a pandemia da Covid-19 se mostram como um conjunto de fenômenos complexos, corroborando com a tese defendida por Morin. Para os autores, quando esses fenômenos dialogam entre si, em que um desencadeia outro, a complexidade demonstra o valor científico e antropológico que possui, e exige uma discussão mais a fundo sobre seus reflexos. “A complexidade ajuda na compreensão de que o estado de nosso conhecimento avança lentamente, mas agora as respostas estão disponíveis, pelo menos para algumas das questões que a sociedade enfrenta” (PENA-VEGA; PETRAGLIA, 2020, p. 109).

Com isso, é possível afirmar que a pandemia surgiu e colocou à prova de fogo o jornalismo, seja na televisão, rádio, web, impresso, assessoria de imprensa, e todas as outras áreas interligadas a ele. As redações precisaram readaptar os modelos tradicionais de apuração, deixar o contato olho a olho, utilizar mais o telefone, a videochamada, cobrir o rosto com uma máscara, aplicar álcool em gel, e retrair-se à individualidade por causa do distanciamento social.

Era óbvio que os protocolos de enfrentamento à Covid-19 seriam seguidos nesses espaços, afinal, se havia notícia sobre isso, nada mais congruente que seguir as orientações produzidas. Entretanto, o que se busca evidenciar é como a narrativa jornalística foi constituída a partir das mudanças provocadas no processo de apuração, incentivadas pela pandemia, à luz das interferências internas e externas. Como os jornalistas encararam essa fase, até que ponto a desinformação atçou a construção de notícias para derrubá-la. É a busca por entender a fusão da complexidade com a narrativa jornalística.

Martín-Barbero (1997), no clássico *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, faz um aparato histórico para situar como os folhetins do século XIX utilizavam linguagem literária para criar narrativas que levavam os fatos até os leitores. As novelas, por exemplo, eram muito consumidas da elite aos bairros periféricos. Esses resquícios da literatura no jornalismo podem ser vistos até hoje. Um exemplo é a narrativa humanizada, que busca “entender a sensibilidade presente na vida cotidiana sem fugir da proposta e do estilo jornalismo” (SILVA, 2010, p. 410).

Essa humanização está presente no denominado Jornalismo Literário, gênero que mescla a linguagem jornalística com a literária (HENNEMANN, 2021), aprofundando histórias e envolvendo os leitores com os personagens. Não trabalha a ficção, mas se aproveita dessa mistura de linguagens para fugir à realidade tradicional jornalística e se debruçar por ângulos que permitem desvendar histórias com mais tempo para apuração e escrita mais modulada pelo olhar sensível e humano. Esse gênero jornalístico se tornou comum na década de 1960 com nomes como: Truman Capote, Tom Wolfe e Gay Talyse.

Dalmonete (2009) escreve que essa relação pode ser observada de vários ângulos, desde a simples contação de histórias até a seleção de personagens, artifícios comumente usados pelo jornalismo, emprestados da literatura. “A principal contribuição da literatura aos estudos do jornalismo, sem dúvida, é a própria tradição dos estudos literários, tanto longa quanto detalhada e em constante renovação” (DALMONTE, 2009, p. 215).

É possível, assim, afirmar que aspectos literários são vitais para o próprio jornalismo. Aqueles que atuam há décadas na Comunicação carregaram essa característica de

permanecerem com o discurso literário aplicado à notícia. Com o passar do tempo, os modos de representar a narrativa também se multiplicaram. Mas que mudanças são essas que implicaram na mutação da narrativa em tempos de pandemia?

Para ajudar nessa compreensão usarei o conceito abordado por alguns autores. Barthes (2011) afirma que a narrativa sempre acompanhou os passos da humanidade. Assim que surgiu o ser humano, a narrativa já estava presente, seja por palavras, gestos, símbolos, imagens, ou qualquer outra tentativa de narração. O autor destaca que é preciso entender que ela não é o discurso, mas resultado do encontro de discursos.

(...) a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma povo algum sem narrativa, e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, e mesmo opostas; a narrativa ridiculariza a boa e a má literatura: internacional, trans-histórica, transcultural; a narrativa está aí, como a vida. (BARTHES, 2011, p. 19)

Logo, narrar é uma condição humana antiga. Ela faz parte da própria identidade dos seres humanos, como escreve Nestor García Clancini (1997). Ao olharmos pelo viés jornalístico, percebemos que a narrativa não é criada pelo jornalismo, mas apossada por ele como forma de levar informação. Albuquerque (2000, p. 71) diz que “as notícias se apresentam como registros objetivos da realidade e, nesse sentido, se valem de recursos narrativos” para possibilitar uma notícia mais objetiva.

Nesse caso, do ponto de vista dos veículos de comunicação, o objetivo é levar do emissor para o receptor a mensagem, seja ela qual for, inserida no processo de criação da narrativa. Por essa razão, é preciso discutir essa constituição no jornalismo, a partir de características que ficam ainda mais evidentes durante a pandemia, como interferências pessoais, familiares e políticas.

Barthes (2011, p. 48) ressalta que a narrativa é composta sempre pelo que denomina de “doador e um beneficiário”, “e que não pode haver narrativa sem narrador e sem ouvinte (ou leitor)”. Levando essa ideia para o campo jornalístico, não tem como haver narrativa se não existir um emissor e um receptor para tal mensagem. Eles são essenciais para o desenvolvimento desta. Até mesmo o ruído é crucial para o processo.

O autor diz ainda que a narrativa não é apenas passar de uma palavra para outra. Ela está inserida em uma constituição macro, que precisa de elementos cruciais para ser estabelecida. Barthes (2011) escreve que existem três níveis de descrição no processo narratológico: as funções, as ações e a própria narrativa. Em resumo, ele escreve que a função

é uma unidade de conteúdo: “é ‘o que quer dizer’ um enunciado que o constitui em unidade funcional” (BARTHES, 2011, p. 30).

Já as ações são formadas pelos próprios personagens inseridos na narrativa, não são apenas pequenos atos que eles desenvolvem nesse trajeto de constituição, mas as “grandes articulações da práxis (desejar, comunicar, lutar)” (BARTHES, 2011, p. 46). Em outras palavras, é todo o contexto criado pelos personagens, é o macro cenário onde se passa o fato enunciado na função, é o desenvolvimento dos personagens em uma camada mais profunda da narrativa. A partir desse movimento, segundo o autor, são identificados os problemas no entorno dos próprios personagens.

Por fim, é na narração que se encontram o doador e o beneficiário. Barthes (2011) fala que nessa fase há mais o “eu” do que o “tu”. Contudo, ele alerta que não se trata de interiorizar os motivos do narrador, mas de permitir o encontro entre esses dois agentes de constituição da narrativa, para que ocorra o processo de significação. Isto é, o reconhecimento (ou não) de quem lê ou ouve com o que está sendo narrado.

O nível narracional é, pois, ocupado pelos signos da narratividade, o conjunto dos operadores que reintegram funções e ações na comunicação narrativa, articulada sobre seu doador e seu destinatário. Alguns desses signos já têm sido estudados: nas literaturas orais conhecem-se certos tipos de códigos de recitação (fórmulas métricas, protocolos convencionais de apresentação), e sabe-se que o “autor” não é aquele que inventa as mais belas histórias, mas o que domina melhor o código cujo uso partilha com os ouvintes (...). (BARTHES, 2011, p. 53)

Dalmonete (2009) lembra que as discussões de Barthes ajudam a entender a narrativa jornalística. Ele cita que o autor francês defendia que a realidade só poderia ser demonstrada a partir dos elementos narratológicos, e não representada por eles. “Este é um ponto crucial para a estruturação da narrativa jornalística, visto que o real apenas acontece, no mundo, no *hit et nunc*, no aqui e agora. Todo ato de narrar é uma tentativa de reportar o fato tal como acontece” (DALMONTE, 2009, p. 220).

Se Barthes cita que a função trabalha o que se quer dizer, Dalmonete tem uma descrição semelhante. Para o autor, o ato de narrar deve ser considerado movimento do narrador, “resultante de seu empenho, que, portanto, se reflete na enunciação” (DALMONTE, 2009, p. 3). Ele acrescenta que a narrativa parte de uma escolha intencional, cercada pelo efeito de sentir, é o que classifica como materialização das intencionalidades e as investidas de sentido.

Com o discurso jornalístico, da mesma forma, ao longo de sua consolidação, observa-se que vários elementos buscam assegurar coerência à narrativa, centrada na



divulgação dos fatos vistos como relevantes para o cotidiano. A valorização dos acontecimentos e sua relação estão situadas entre os elementos que aferem o sentido da veracidade aos fatos reportados pela mídia. Para tanto, é necessário ter clareza quanto ao que se concebe como notícia. (DALMONTE, 2009, p. 4)

Em sua obra *Mitologias* (2001), Barthes trouxe histórias observadas e escritas por ele do cotidiano francês por dois anos. Nesta obra ele escreve que percebeu o quanto a realidade, na qual ele estava inserido, era constantemente mascarada “pela imprensa, a arte, o senso comum” (BARTHES, 2001, p. 7). Foi desta obra que surgiu uma das contribuições do filósofo para a Comunicação, em especial para o jornalismo, o *fait divers* - ou fatos diversos, em tradução livre.

O escritor afirma que o *fait divers* é uma arte de massa, propagada nas manchetes dos jornais de maneira totalitária, ou seja, não exige conhecimento do público para ser interpretado, pois são informações diretas e chocantes. Para isso, ele exemplifica da seguinte forma.

“Acabam de limpar o Palácio da Justiça”. Isso é insignificante. “Não o faziam há cem anos”. Isso se torna um *fait divers*. Por quê? Pouco importa a anedota (não se poderia encontrar menor do que esta); dois termos são postos, que apelam fatalmente para uma certa relação, e é a problemática dessa relação que vai constituir o *fait divers*; a limpeza do Palácio da Justiça, de um lado, sua raridade, de outro, são como os dois termos de uma função: é essa função que é viva, é ela que é regular, portanto inteligível; (...) “cinco mil mortos no Peru”? O horror é global, a frase é simples; entretanto, o notável, aqui, é já a relação da morte com um número. Sem dúvida uma estrutura é sempre articulada; mas aqui a articulação é interior à narrativa imediata (...). (BARTHES, 1964, p. 2)

Ramos (2001, p. 127) afirma que o *fait divers* é, por natureza, sensacionalista, e que “os dominantes e dominados, ricos e pobres, belos e feios compõem um rebanho harmônico e democrático apesar de suas singularidades”. Em outras palavras, as notícias trazidas pela imprensa, segundo Barthes, acidentes, assassinatos, desastres, agressões, roubos, esquisitices, fazem parte do mesmo cotidiano social. Esse tipo de narrativa consegue explorar os sentimentos daqueles que acompanham o que se está narrando.

Dessa forma, Ramos recorda que Barthes decodificou a importância da mídia na década de 1950, antes mesmo de ela ter a influência que tem atualmente. Ramos (2001, p. 127) diz que o francês formulou categorias, como a do *fait divers*, e fala que essas notícias feitas a partir desse tipo de narrativa “respondem e correspondem às reivindicações de investigação do socioleto midiático”. Ainda, “contemplou o seu olhar com a perspectiva translinguística, nutrida de uma abordagem dialética”. Reisdorfer (2019) complementa que

diariamente essa narrativa é utilizada pelo jornalismo como a finalidade de aumentar as visualizações e as vendas.

Retomando Dalmonte (2009) e os sentidos que levam à enunciação, a atividade jornalística diária está carregada de sentidos do profissional, principalmente a forma como ele capta a atenção do leitor pelos títulos das reportagens e, posteriormente, como a prende a partir do texto ou do audiovisual. São esses sentidos que precisam ser entendidos no processo de construção da notícia. Por isso, o pilar central deste trabalho é compreender o processo de constituição da narrativa jornalística em Roraima, a partir dos relatos dos jornalistas, protagonistas desse contexto. O que os induz a dar atenção a determinado assunto? São apenas os critérios de noticiabilidade ou há sentido por trás do que precisa ser entendido e explorado?

A tendência é que esse profissional construa a narrativa jornalística baseada em um processo de representação, de como ele enxerga a realidade do espaço onde está inserido. Barbosa e Gerck (2018) falam que esse narrar é elemento chave na construção da própria sociabilidade. Não custa reforçar que um dos princípios do jornalismo é contribuir com a construção social. Logo, a narrativa jornalística faz parte desse processo, pois elas “são necessárias para configurar as memórias, que são, elas mesmas, construção narrativa” (BARBOSA; GERCK, 2018, p. 159).

O sujeito da enunciação faz uma série de “escolhas”, de pessoa, de tempo, de espaço, de figuras, e “conta” ou passa a narrativa, transformando-a em discurso. O discurso nada mais é, portanto, que a narrativa “enriquecida” por todas essas opções do sujeito da enunciação, que marcam os diferentes modos pelos quais a enunciação se relaciona com o discurso que enuncia. (BARROS, 2005, p. 53)

Bruner (2002, p. 46) define a narrativa como “uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores”. Paiva (2008, p. 261) acrescenta que muitos são os significados, desde uma história contada e recontada a uma série de eventos conectados em sequência, e que “as narrativas circulam em textos orais, escritos e visuais e têm sido amplamente investigadas”. Araújo (2011, p. 6) sinaliza que a narrativa faz parte do cotidiano jornalístico, “uma vez que visa dar sentido textual a um acontecimento”.

Motta, Costa e Lima (2004, p. 34) complementam que narrar o cotidiano é perceber que ele está:

(...) impregnado de elementos provenientes do imaginário e da memória cultural coletiva e mistura-se com a realidade objetiva dos fatos reportados. Interpretar

simbolicamente a produção jornalística, tal qual pretendemos, é realizar uma espécie de etnologia da notícia.

Motta (2004, p. 3) define a narração como “procedimento representativo dominado pelo relato de eventos que configuram o desenvolvimento de uma ação temporal (cronológica) que estimula a imaginação (a diegese da história)”.

Entretanto, há um ponto em comum entre os autores Barbosa, Gerck e Dalmonte: o risco de a narrativa significar um problema para o jornalismo. Dalmonte (2009) escreve que a narrativa, em sua essência, está vinculada a um início e um fim. Ou seja, os fatos não teriam sequência no jornalismo diário. É como se as coberturas se esvaziassem de interesse do público pela continuidade do que está sendo noticiado. Essa temporalidade é subvertida pela própria narrativa. A continuação se perde em meio ao imediatismo e constante atualização, principalmente do webjornalismo, que além de se auto-alimentar, transborda para outros canais de informação, contribuindo para produção de notícias nesses outros espaços.

Almeida (2018, p. 16) escreve que a “representação do tempo nas narrativas jornalísticas está atrelada à cobertura dos acontecimentos em determinados contextos e épocas”. Assim, fatos de ontem que não interessam no hoje são jogados na lixeira midiática. Ou seja, se não houver fato novo eles não merecem voltar a ser destaque. O professor critica a falta de aprofundamento na produção de conteúdos e fala que publicar rapidamente uma notícia pode ser prejudicial para a constituição da narrativa.

A emergência de novos modos de produção e de difusão da informação teria, segundo se diz com frequência, modificado radicalmente as condições de produção da profissão, as interações entre emissores de notícia e os próprios receptores inscritos na rede de transmissão dessas informações. E, muito logicamente, os modos de escrita também teriam sido transformados, devido à publicação em suportes requerendo outros formatos, à aceleração das condições de produção, à existência de novos públicos, formatados pela utilização da *web* e das redes sociais. (LITS, 2015, p. 16)

Mas, Dalmonte também fala sobre o webjornalismo pela propositura da evolução da narrativa. Para ele, esse espaço na internet permite colocar, ao mesmo tempo, diversos elementos da narrativa: vídeo, imagem, texto e áudio. Além disso, o imediatismo provocado pela constante busca de informação proporciona um novo status à narrativa, que leva a uma mutação do fazer jornalístico diário nas televisões e rádios, já que eles são pautados, em todo momento, pela internet. Logo, há mudança na constituição da narrativa.

Essas mudanças na rotina de produção provocaram agilidade nas redações para acompanhar esses fatos, sempre baseados na atualidade, novidade, descoberta e surpresa.

Dalmonete (2009) ressalta, assim, a importância de os meios de comunicação consolidarem a narrativa diária do jornalismo. Para isso, ele indica despertar o desejo e a necessidade de o público retornar ao veículo para acompanhar o desdobramento dos fatos. Esse caminho romperia com a simplificação da narrativa pelo “início e fim”, afastando-se da literatura.

A partir dessa constatação, pode-se ponderar sobre a importância da suíte, que é o desdobramento de notícias, de forma continuada, enquanto for pertinente. Tomando-se por base os critérios de noticiabilidade, é possível perceber que tem mais chance de ser noticiado um fato se ele despertar interesse por dias consecutivos. Entre uma notícia que se esgota num único dia e outra com possibilidade de desdobramentos imediatos, esta tem mais chance de ser veiculada. (DALMONTE, 2009, p. 87)

Essa característica de continuidade dos fatos é extremamente presente no caso em análise. A pandemia provocou um número expressivo de notícias que despertou a curiosidade do público, seja pelo fator saúde ou comunicação, isto é, para saber sobre a doença ou para ter conhecimento sobre o cenário local, nacional ou mesmo internacional. Além disso, também provocou reação negativa às matérias, daqueles que defendiam medidas contrárias à ciência, como evidencia a análise deste estudo. Ao citarem as mudanças provocadas no contexto jornalístico antes da pandemia, os autores citados já sinalizam como a mídia está condicionada a adaptar-se a novos momentos, como a crise sanitária.

Portanto, o que se entende por narrativa jornalística é o resultado de um engenhoso processo de apuração, observação, reconstituição de fatos, harmonização de diferentes falas de personagens, escolhas de palavras, estruturação de texto, imagens e sons, para se apresentar um produto jornalístico a diferentes públicos que fazem parte do cotidiano jornalístico. Dessa forma, a transmissão de um fato para o público se dá a partir de coleta, mitigação, entendimento, opções, presentes em um cenário transitado pelo jornalista sozinho, ou por ele e sua equipe.

Esse genioso espelhamento dos contextos sociais pode ocorrer de diferentes formas: textos para sites de notícias, para narração no rádio, para *off* na televisão, informações lidas pelos apresentadores, fotos nas matérias, vídeos reproduzidos, etc. A narrativa jornalística passa por uma variabilidade de manifestações, não perdendo o compromisso com a verdade e se adequando à melhor maneira de informar o público. Ela é direcionada pelo jornalista (ou jornalistas) nos diferentes campos de atuação do contexto social.

Na pandemia ela emana dos hospitais, dos cemitérios, dos palácios dos governos, das secretarias de saúde, das casas, das famílias, das ruas, das mídias sociais. A narrativa é modulada a partir de um momento transversal e transmidiático, começa no ambiente externo

até chegar ao título de uma matéria, se desenrolando pelos parágrafos, até chegar ao ponto final do texto. Ou seja, cabe ao jornalista modular esses diferentes acontecimentos dentro de um espaço midiático.

Da chamada para uma reportagem de rádio ou televisão até a despedida do repórter. A narrativa é fruto de um trabalho complexo de apuração e constituição da notícia, que transita da produção da pauta, no interior do veículo, ao ambiente externo à redação. Ela contempla a perspectiva do pauteiro, no momento de pensar a reportagem, a perceptiva do repórter, a partir do que vivenciou lá fora, do cinegrafista ou fotógrafo, pelo que viu através das lentes, e ainda pelas revisões antes de o material ser publicado.

## **1.2. A complexidade na constituição da narrativa**

Mas como a complexidade está presente na narrativa? Tornou-se comum em meio a uma discussão em que ocorrem contradições terem como via de escape a frase: “isto é complexo”. O termo vem sendo empregado para repassar a ideia de complicação e dificuldade. Dizer que algo é complexo é, sobretudo, sinônimo de evitar debates e aprofundar assuntos. A complexidade é posta em um lugar inalcançável, e vista com obscuridade e enfrentada a todo o custo pela simplificação.

O problema da complexidade não é formular os programas que as mentes podem pôr no seu computador mental. A complexidade não é molho de chaves que podemos dar a qualquer pessoa merecedora que tenha um engrama dos trabalhos sobre a complexidade. A complexidade atrai a estratégia. Só a estratégia permite avançar no incerto e no aleatório. (MORIN, 2005, p. 191)

Início, assim, a indicação de um caminho para responder à pergunta que abre esta seção. Barthes (2011, p. 25) escreve que a narrativa não é “uma simples somatória de proposições e classificar a massa enorme de elementos que entram na composição de uma narrativa”. Ele defende que se trata de um processo complexo, que abrange diversos tipos de narrativas, conceitos e etapas. Sendo assim, não é possível reduzir a narrativa a um simples conceito, justamente o que buscamos neste estudo: complexificar a constituição da narrativa, indicando que não é um processo simples, tampouco fácil, mas carregado de interferências complexas.

Na obra *Ciência com Consciência*, Edgar Morin (2005) afirma que a complexidade tenta dar conta dos cortes feitos nos diferentes conhecimentos. Ele menciona que a complexidade não é uma palavra solução, mas, sim, uma palavra-problema. O filósofo

entende que o próprio conhecimento científico continua dissipando a complexidade, levando as discussões à interpretação simplificada. Para ele, “o pensamento complexo tenta dar conta daquilo que os tipos de pensamento mutilante se desfaz, excluindo o que eu chamo de simplificadores e por isso ele luta, não contra a incompletude, mas contra a mutilação” (MORIN, 2005, p. 176).

Ele vai além: escreve que é necessário exercermos um pensamento capaz de lidar e dialogar com o real, não apenas tentar dominar esta realidade, como buscar, constantemente, a simplificação. Contudo, ressalva que a complexidade não elimina o simples, mas dissipa a ideia de reflexo unilateral da realidade. Ou seja, é a partir do pensar complexo que surgem novas possibilidades, pensamentos e alternativas, que elevam o patamar de discussão e permitem pensar por variadas angulações sufocadas pela simplicidade.

Esse isolamento dos objetos, isto é, a separação, a tentativa de não os juntar, é vista pelo escritor como “inteligência cega”. Ao invés de trabalhar a multidimensão dos temas, ela direciona a uma poda e apara os galhos do conhecimento, pois, acredita-se que o entrelace dos diferentes é essencial para um entendimento mais robusto. Como Morin destaca: o todo está nas partes e elas estão no todo. Por outro lado, o que se observa, é a tentativa de isolar a parte e o todo, não permitindo que eles tenham contato.

Por esta razão, o teórico reforça que para entendermos as informações que são compartilhadas a todo o momento, inclusive na imprensa, precisamos observar os seus contextos. E, para isso, defende um conhecimento capaz de romper o pensamento reducionista e dar espaço àquele que fosse capaz de ampliar o entendimento sobre o todo. Ou seja, substituir um pensamento que isola e separa por aquele que distingue e une. “É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo *complexus*: o que é tecido junto” (MORIN, 2003, p. 89).

A exigida reforma do pensamento vai gerar um pensamento contexto e do complexo. Vai gerar um pensamento que liga e enfrenta a incerteza. O pensamento que une substituirá a casualidade linear e o unidirecional por uma casualidade em círculo e multirreferencial: corrigirá a rigidez da lógica clássica e pelo diálogo capaz de conceber noções ao mesmo tempo complementares e antagonistas, e completará o conhecimento da integração das partes em um todo, pelo reconhecimento da integração do todo no interior das partes. (MORIN, 2003, p. 92-93)

Nesse sentido, o autor afirma que a complexidade nos obriga a unir noções que, normalmente, são excluídas no decorrer desses processos. Ele destaca que a complexidade não busca dar uma resposta total sobre um fenômeno estudado, mas respeitar a variedade de pensamentos e dimensões, seguindo diversos caminhos. Tanto é que Morin sinaliza que

podem existir complexidades e não apenas uma complexidade. Isso poderia evitar o que ele classifica como “cortar na carne” (MORIN, 2005, p. 13).

O filósofo direciona pelo que chama de “avenidas” que conduzem ao desafio da complexidade, como ponto na lista a seguir.

- Irredutibilidade do acaso e da ordem: eles existem no universo e não há como prevê-los. As consequências trazidas pelo acaso, que provoca a desordem, podem ser vistas como um processo natural.
- Transgressão: não podemos trocar o singular e o local pelo universal. Pelo contrário, é preciso uni-los.
- Complicação: surge a partir das interações e inter-relações no interior do fenômeno abordado.
- Relação entre ordem e desordem: o autor escreve que os princípios estão interligados, e a ordem só existe porque passa pela desordem, levando a um processo de auto-organização.
- Organização: ela reúne, ao mesmo tempo, a ideia de unicidade e multiplicidade. O todo só existe por causa das partes, e o todo está em cada uma das partes.
- Crise de conceitos: a possibilidade de existência de outras verdades.
- Observador: quem observa deve se integrar à própria observação.

Dessa forma, Morin (2005, p. 188) diz que essas avenidas auxiliam na compreensão e levam até ao desafio da complexidade, já que:

(...) complexas é o que está junto; é o tecido formado por diferentes fios que se transformaram numa só coisa. Isto é, tudo isso se entrecruza, tudo se entrelaça para formar a unidade da complexidade; porém, a unidade do complexus não destrói a variedade e a diversidade das complexidades que o teceram.

Além disso, essas mesmas avenidas, que a princípio levam a um cenário de confusão e incertezas, possibilitam enxergar dois núcleos: o empírico e o lógico. Conforme Morin (2005), o primeiro aborda as confusões, enquanto o outro tem as contradições que precisamos enfrentar. Assim, ele defende que a complexidade é o ponto de partida para um pensamento multidimensional.

É preciso encontrar o caminho de um pensamento multidimensional que, é lógico, íntegro e desenvolva formalização e quantificação, mas não se restrinja a isso. A realidade antropossocial é multidimensional; ela contém, sempre, uma dimensão individual, uma dimensão social e uma dimensão biológica. O econômico, o psicológico e o demográfico que correspondem às categorias disciplinares especializadas são as diferentes faces de uma mesma realidade; são aspectos que, evidentemente, é preciso distinguir e tratar como tais, mas não se deve isolá-los e

torná-los não comunicantes. Esse é o apelo para o pensamento multidimensional. (MORIN, 2005, p. 189)

Binesto, Ribeiro e Silva (2017) afirmam que o jornalismo vem aplicando os princípios do pensamento complexo ao mudar a forma de produzir notícias nas últimas décadas. Os autores mencionam que a área passa por um processo de reconfiguração para atender as demandas da sociedade, no caso, para criar as narrativas jornalísticas que chegam aos consumidores de notícias. Segundo eles, os fatos rotineiros exigem que os jornalistas saiam do óbvio, do pensamento reducionista e do simples, e passem a buscar entender a notícia na sua totalidade. Por exemplo, matérias que dão origem a outras a partir de um ponto em comum, como o caso da pandemia da Covid-19.

A partir do primeiro caso de coronavírus identificado no Brasil, o jornalismo passou a buscar informações que preenchessem lacunas que posteriormente iriam surgir. Como ocorre o contágio? Como se proteger? Há medicamentos eficazes contra o vírus? Como remediar os abalos na economia? E os impactos na política? Esse desencadeamento de notícias pode ser interpretado à luz do pensamento complexo, pois tenta entender determinado conhecimento e/ou informação a partir do contato com outros agentes, ou seja, vai até outros campos do conhecimento para conseguir informações. Esse entrosamento entre os espaços é uma característica do pensamento complexo defendido por Edgar Morin. As partes interligadas para entender o todo. Isso, mais uma vez, reforça que a complexidade está presente no cotidiano jornalístico.

É preciso entender a notícia em sua totalidade, no seu contexto, com auxílio de outras ciências além do Jornalismo, como a Sociologia, a Filosofia, a Psicologia e outros, ou seja, uma pesquisa transdisciplinar. Diante da complexidade da sociedade é necessário compreender a realidade em sua totalidade e não de forma fragmentária. (RIBEIRO; BISNETO; SILVA, 2017, p. 132)

Entender a pandemia – suas causas e impactos – pelo viés midiático permite caminhar pelas veredas da complexidade. O jornalismo deixou uma cobertura rotineira e passou a publicar inúmeras notícias sobre a crise sanitária, abordando diversos temas vinculados à pandemia da Covid-19, atraindo uma profundidade sobre um tema, para informar a população. A complexidade pode ser notada, portanto, de maneira objetiva: a busca pelo conhecimento em diferentes áreas, em especial a Saúde, o que uniu as informações e não as afastou, para que se tivesse um conhecimento profundo sobre a situação, garantindo que o público interessado na cobertura midiática recebesse uma narrativa jornalística complexa.



Complexa no sentido de completa, pautada no conhecimento e na diversidade proporcionada pelas diferentes áreas.

Fausto Neto (2009) já sinalizava essas mutações na cultura jornalística, quando escreveu sobre as mudanças complexas que avançavam sobre o sistema midiático. A relação dos jornalistas com as fontes foi interpretada por ele como um dos casos que apontavam para a complexa mudança no fazer notícia. Segundo ele, o jornalista perdeu a exclusividade de publicar relatos das fontes, que, atualmente, rebatem as informações se julgarem necessárias em outros espaços midiáticos. Por isso, ele enaltece que é preciso questionar “sobre as causas dessas mutações, que fazem aspectos estratégicos da prática jornalística escapar do seu clássico âmbito produtivo” (FAUSTO NETO, 2009, p. 18).

A pandemia trouxe novas mutações para o processo de constituição da narrativa, como fica evidente na análise desta pesquisa. A título de exemplificação, as tecnologias usadas em favor da produção de notícias ampliaram as entrevistas online, permanecendo o jornalismo com esse recurso mesmo após a curva da pandemia diminuir; permitiram diálogos com especialistas de outras regiões do país, possibilitando um leque de fontes e informações; houve interferências pessoais diretas na construção de notícias e efeitos duradouros desta postura; além de alterações e criações de matérias jornalísticas por força de corrente política. Vejamos, pois, quão complexo se tornou o processo de constituição da narrativa jornalística, já que uma notícia precisou passar por todos esses espaços antes de ser veiculada.

Dessa forma, entendo que a complexidade é o resultado de um engenhoso processo de múltiplas facetas. Ela é o caminho para o entendimento mais amplo e inclusivo de ideias, possibilidades e verdades, buscando zerar a anulação do diferente e instigando o aprofundamento e a união dos conhecimentos sobre determinado fenômeno trabalhado nas notícias. No caso deste trabalho, a complexidade é a chave para se observar as diversas etapas, as contradições e as interferências no decorrer da constituição da narrativa jornalística durante a pandemia da Covid-19.

Quando Morin fala em diferentes fios tecidos para formar uma única coisa, avalio ser possível exemplificar essa junção no processo de constituição da narrativa jornalística. A notícia narrada nada mais é que fruto de um trabalho a várias mãos. Ao olhar por uma dimensão complexa, percebe-se que uma notícia jamais será obra de uma atuação única: ela resulta da junção dos saberes de diferentes áreas, provocada por um determinado fato, do relato (ou não) de personagens, passa por uma avaliação profissional e pessoal do jornalista, ou seja, por onde começar e o que narrar, e, por fim, uma revisão final de outras pessoas. Vejamos, pois, que a constituição da narrativa é complexa.

Nesse processo de comunicação entram em jogo crenças, valores, modelos de conhecimento pertencentes ao universo individual de cada autor, ao seu campo de prática profissional, à sociedade de sua época e lugar, às influências múltiplas procedentes das mais diversas fontes do mundo globalizado de nossos dias, numa dinâmica e complexa efervescência borbulhante dos inúmeros fatores que geram nossa construção simbólica do que entendemos por realidade. (LIMA, 2013, p. 69)

Sendo assim, é indispensável iniciar uma discussão sobre a produção de notícias além dos critérios que a academia ensina. Grandes teóricos têm trazido para o processo comunicacional diferentes perspectivas, como as mudanças na recepção da notícia, a cultura como influenciadora na produção de sentidos, a transmídia cada vez mais presente no cotidiano, o consumo sendo analisado para entendermos os variados comportamentos. Tudo isso faz parte de uma transformação complexa no jornalismo, uma inovação no campo teórico e prático que não pode ser desprezada e trocada pela simplificação, mas estudada pela vertente da complexidade.

Morin (2005), no livro *Introdução ao pensamento complexo*, cita que essa busca pelo oposto ao reducionismo ocorre devido à ciência ter sido colocada em uma caixinha do simplismo. O autor fala que esse movimento de simplificação engoliu as possibilidades de encontrar a ordem em meio ao caos. Para ele, a contradição não é algo ruim, mas a sinalização de que se chegou ao desafio da complexidade, ou seja, a partir das provocações que surgem no entorno de um tema que se consegue cada vez mais entendê-lo.

Desse modo, a complexidade é diferente de completude. Imagine-se com frequência que os defensores da complexidade pretendem ter visões completas das coisas. Por que pensariam assim? Porque é verdade que não pensamos que não se podem isolar os objetos uns dos outros. No fim das contas, tudo é solitário. Se você tem o senso da complexidade, você tem o senso da solidariedade. Além disso, você tem o senso do caráter multidimensional de toda realidade. (MORIN, 2005, p. 68)

Morin afirma que essa separação é prejudicial para entender o todo. Ele diz que o todo precisa das partes, assim como as partes do todo. O jornalismo, visto como um processo, também se depara com constantes contradições e facetas antagônicas. Um clássico exemplo é a guerra da imparcialidade contra a parcialidade ou mesmo a guerra das identidades dos profissionais com os interesses do veículo de comunicação.

O teórico lembra, por exemplo, que ao nascermos somos moldados com o todo, isto é, passamos a aprender como viver no macro espaço social. Cita ainda que nossas famílias nos ensinam as linguagens, os ritos, as necessidades sociais, desde a higiene pessoal até as saudações. As penalidades previstas na lei também são expostas durante esse crescimento.

Segundo Morin, isso comprova que o todo está em cada um dos indivíduos. Logo, trata-se de um sistema complexo.

Esses aprendizados do cotidiano não ficam apenas em um ambiente. Não estão unicamente em casa, por exemplo, ou na escola: eles acompanham os indivíduos em todo o momento, onde quer que estejam. Esses valores os fazem manifestar sobre tudo à nossa volta e podem ser percebidos nas discussões das quais participam, dos feitos, palavras ditas, que os fazem ser quem são. Com o jornalista não é diferente: esses valores são realçados, ainda que de maneira velada, no processo de constituição da narrativa.

Precisamos também lembrar que esses aprendizados variam de pessoa para pessoa, e dão vida a essa variedade de comportamentos, defendida por Morin como essencial para a compreensão dos fenômenos. Esses sujeitos se enfrentam, na tentativa de um anular o comportamento do outro. Ao refletirmos sobre a existência desse embate, percebemos que ele faz parte do próprio processo comunicacional que dá origem às notícias. Nesse sentido, a constituição da narrativa também pode ser considerada complexa a partir do momento em que se colocam na mesma arena de produção diferentes agentes fazedores da notícia.

Dessa forma, narrar uma notícia, seja ela para qual plataforma for, envolve uma sequência de etapas essenciais até chegar ao público. A narrativa nasce, cresce e se desenvolve em um ambiente jornalístico, seguindo critérios específicos da profissão, levando as informações ao público. Por isso defendo que a complexidade é o caminho para este processo, pois ele reúne variáveis de interpretações de diferentes espaços, comportamentos, opiniões e ideias, para que a notícia seja produzida. A narrativa só é complexa porque o processo que a cria é complexo.

Além disso, acredito que essa narrativa sofre mutações advindas do processo de constituição, ou seja, as interferências internas e externas contribuem para a formulação de textos ou reportagens. Tanto é que o foco está na análise da constituição da narrativa jornalística a partir das percepções dos jornalistas, e não da narrativa publicada pelos veículos de imprensa rorimenses durante a crise sanitária. Isto é, vamos trabalhar o entorno da narrativa, e não ela enquanto resultado, pois o processo anterior à narrativa finalizada é que se mostra complexo, e é ele que se busca estudar e entender.

Na pandemia, os jornalistas se depararam com um novo cenário, onde a sequência de fatos foi uma realidade instantânea e necessária. Os olhos sociais se voltaram e forçaram a pluralidade de conteúdos, de diferentes áreas, a se transformarem em um ambiente homogêneo, dedicado quase exclusivamente a uma única cobertura. A narrativa, então, não teve um fim, mas uma continuidade. Do tema pandemia surgiram subtemas que mereceram

atenção da mídia e estiveram inteiramente vinculados ao mesmo ponto central. Contudo, não se pode apenas classificar a narrativa jornalística pelo contexto de suíte, é necessário entender como ela é empregada a partir dos sentidos dos jornalistas.

A importância do papel desempenhado pela narrativa no jornalismo não se limita à explicação do significado dos eventos noticiados. As formas narrativas utilizadas nas notícias constituem também um recurso importante do qual os jornalistas se valem para legitimar a sua própria autoridade descritiva e interpretativa acerca da realidade. O emprego das convenções narrativas apropriadas permite aos jornalistas não somente relatar os acontecimentos do mundo e avaliar o seu significado como também, de modo implícito, demarcar a extensão – e a importância – do seu próprio papel na descrição da realidade. (ALBUQUERQUE, 2000, p. 73)

O jornalista é, portanto, essencial para o desenvolvimento da sociedade. Contudo, o que se percebe no dia a dia é uma cortina de fumaça que cobre essa necessidade da profissão. Mais do que isso: joga para escanteio do debate o ciclo pessoal do jornalista, como interferências internas e externas – como as demandas políticas – são fatores essenciais para a construção de notícias. O que ele sente? Por que sugere tal pauta? Há interferências pessoais na constituição da narrativa? Até que ponto a política exerce poder sobre os veículos de comunicação? Se os autores alertam que a enunciação é parte do “mostrar” do jornalista, por que, quase nunca, se propõe aprofundar esse debate? É imperioso abordar os aspectos da inserção individual do jornalista e outros fatores determinantes para o fazer jornalismo.

Motta (2004) acredita que no jornalismo diário há textos híbridos que misturam narração com descrição. “Mesmo as notícias que se ocupam de temas ‘duros’ e são expressas na forma objetiva para enxugar as subjetividades estão impregnadas de fragmentos narrativos. Os jornalistas não conseguem e nem pretendem se despojar de toda subjetividade” (MOTTA, 2004, p. 12). Logo, há um plano de fundo ainda mais complexo em meio à pandemia: a realidade dos jornalistas escondida nesse processo, isto é, como ela está presente na constituição da narrativa.

É indispensável para este trabalho observar do micro para o macro, do jornalista para o jornalismo, de casa para a redação, da externa para a interna, do individual para o coletivo, da identidade para a representação no cotidiano. Tudo isso está dentro de um processo complexo de constituição da narrativa jornalística que, constantemente, enfrenta o reducionismo da profissão. Entender o processo narratológico é aprofundar a tentativa de discussão, não sendo possível compreender as interferências neste processo sem desamarrá-lo da simplificação.

Nelson Fiedler-Ferrara (2010) afirma que a complexidade não é complicação. Para ele, é preciso adotar o pensar complexo para construir os saberes especializados. Essa discussão

encontra respaldo em Morin (2005), que defende trazer para o centro das ideias até mesmo os pensamentos antagônicos para entender o objeto que se analisa. A complexidade, assim, retira a corrente da comodidade presa ao reducionismo, e instiga a um pensar de maneira ampla, provocativa, não linear, nem simplificadora.

Se, de maneira breve, a pandemia for colocada na perspectiva do caos, o pensar complexo se mostra mais evidente e essencial, tendo em vista que a doença surge de maneira imprevisível, levando o mundo ao caos. A complexidade pode, assim, reunir pensamentos que direcionam a uma organização. “Trata-se de buscar um equilíbrio entre vínculos fortes, as tendências mais incertas e os momentos de mudança importantes possíveis. Traçam-se, então, os contornos de vários cenários, mais ou menos prováveis”, (FIEDLER-FERRARA, 2010, p. 6).

Já Morin (2005) defende que não podemos eliminar as contradições que surgem no decorrer dos processos internos. “Sempre senti que as verdades profundas, antagônicas umas às outras, eram para mim complementares, sem deixarem de ser antagônicas” (MORIN, 2005, p. 7). Ou seja, o contraditório não é dispensável, mas necessário para se chegar a um conhecimento mais amplo. Ele alerta que não se atinge a plenitude, mas criam-se pistas interessantes para se discutir esse emaranhado de possibilidades.

Mais que todas as outras profissões, o jornalista está inserido neste multidimensionalismo. Ele precisa beber da fonte de outras ciências para transmitir a informação que de lá sobressalta. Dessa forma, ao falar de constituição da narrativa jornalística em meio à pandemia da Covid-19, trago a essência de se buscar em outros campos o conhecimento necessário para se falar de determinado tema. Isso se torna evidente na seção mais adiante, quando se discute o ganho de espaço do jornalismo científico na imprensa durante a pandemia.

Morin (2005) pondera que, à primeira vista, a complexidade é um fenômeno quantitativo, relacionado à extrema quantidade de interações e de interferências entre um número muito grande de unidades. Contudo, fala que a complexidade abarca a incerteza, em grande parte vinculada à limitação do pensamento. Para ele, a complexidade está ligada “a certa mistura de ordem e de desordem, mistura íntima, ao contrário da ordem/desordem estatística, onde a ordem reina no nível das grandes populações e a desordem reina no nível das unidades elementares” (MORIN, 2005, p. 35).

O jornalismo sempre foi visto como o Quarto Poder<sup>3</sup> na sociedade. Legislativo, Executivo e Judiciário – ainda não nessa ordem de hierarquia – vislumbram na imprensa uma potência que desperta medo e, até certo modo, reverência. O jornalismo busca estar em todos os lugares, reportando fatos e tirando da escuridão as informações. É ele que, em alguns casos, dita regras, e, em outros, questiona declarações e decisões desses citados Poderes. “Através de suas narrativas, os *media* criam significações e têm um peso inquestionável nas transformações sociais” (ARAÚJO, 2011, p. 9).

Todavia, esse mesmo jornalismo é destrutado por esses Poderes e pela própria sociedade, como forma de descredibilizar o trabalho desempenhado pelos profissionais. Ao passo em que luta pelo interesse público, sofre xequê mate do próprio público que simplifica e joga à margem da desqualificação a importância do profissional. O jornalismo é, portanto, simplificado, a ponto de sofrer julgamentos, numa linha tênue que se move entre o público e o jornalista, e a narrativa jornalística é afogada.

É por essa razão que este estudo discute as características complexas da profissão e, principalmente, da constituição da narrativa, como forma de enaltecer o protagonismo do jornalismo em meio à pandemia, principalmente pelos ataques sofridos, tendo em vista o momento político do país à época. O presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, fez constantes ataques à imprensa e aos jornalistas. Essa postura grave ampliou a brecha das calúnias e comportamentos infundados contra a imprensa, em meio ao caos vivenciado pelos brasileiros, provocando críticas que despertaram a necessidade de combater esse comportamento.

### **1.3. Representação do cotidiano na profissão**

O jornalista, antes de tudo, é um ser humano. Logo, passa pelo mesmo processo de construção social para ter uma identidade. Nas redações há quem goste de escrever sobre economia, educação, esporte, movimentos sociais, etc. Há um ditado no jornalismo que diz: “quem não quer escrever sobre assunto indesejado deve se pautar”. Nessa breve introdução já se percebe que o jornalista não está completamente afastado de suas emoções, sentimentos, significados e representações.

---

<sup>3</sup> Expressão utilizada para designar o jornalismo como o poder articulador da agenda social. Ou seja, a mídia é considerada o quarto poder por ser considerada a mais adequada “para controlar os demais em nome da cidadania e da democracia”. (RIZZOTTO, 2012, p. 114)

Motta (2004) lembra que a narrativa jornalística pode se manifestar de maneira mais dramática, sendo imaginada pelo jornalista de forma diferente do jornalismo diário, quando a narração tem que ser enxuta e objetiva. Contudo, o teórico afirma que o jornalista “procura desvanecer a sua presença e transforma-se num mediador discreto” (MOTTA, 2004, p. 27). Mesmo conhecendo os personagens, o narrador busca sempre manter distância, é o mito da objetividade que o jornalismo discute desde sua existência.

Ao escolher determinado assunto, o jornalista ou o meio de comunicação rejeita trabalhar outro. Mas, por quê? Qual razão inibe de querer outro tema? A influência política nos veículos é tão forte a ponto de tirar de pauta determinada matéria e priorizar outras? Como as manifestações do público frente às notícias também são levadas à reunião de pauta para definir as próximas reportagens? Por si só, essas diferentes hipóteses deturpam a ideia de imparcialidade e revela os indícios de interferências na constituição da narrativa. Isso seria prejudicial para a notícia enquanto resultado desse processo? O que defendo é que essas fases antagônicas são necessárias para que a narrativa seja constituída. Essa tese está presente na teoria da complexidade.

Não aprofundarei a discussão sobre o conceito de cultura, mas faz-se necessário citá-la como parte inseparável do processo identitário dos jornalistas. A cultura vem sendo defendida como parte do processo comunicacional, onde se encontra a narrativa jornalística, desde a teoria de Jesús Martín-Barbero. Para o teórico, “não podemos compreender a comunicação sem refletir qual sua relação com a interpelação e constituição dos sujeitos, reorganização de sentidos e as identidades cidadãos” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 18). Isso quer dizer que a cultura se tornou parte do ciclo comunicacional e possibilita o olhar complexo sobre esse processo.

O jornalista é, muitas vezes, visto como um mero mediador, que conta, sem, necessariamente, narrar. Isso significa que a crença na existência de um narrador-jornalista é essencial para olharmos a práxis jornalística, como resultado do olhar de um indivíduo sobre determinado acontecimento. Vale dizer, na sequência do pensamento do autor, que o olhar do jornalista (autor empírico, sujeito da enunciação e responsável pela criação do narrador) estará sempre condicionado por determinados mapas de sentido, formados tanto pelo seu background cultural, como por um conjunto de outras questões socioprofissionais, que poderão limitar esse mesmo olhar – ou, em outras palavras, a sua interpretação. (ARAÚJO, 2011, p. 11)

Outra interferência, além da personificação do jornalista, é, sem dúvida, os interesses do veículo de comunicação. Barthes (2011, p. 21) diz que a narrativa “está sempre ligada a um sistema de regras”. Longhi (2006) afirma que grande parte dos veículos de comunicação foi criada para servir os interesses dos proprietários e daqueles que são próximos a eles. “Esta

opinião, em geral, é expressa através dos editoriais (...) transmitindo uma ideologia ao seu leitor” (LONGHI, 2006, p. 37-38).

Gomes (2009, p. 11) escreve que os meios de comunicação detêm um status de verdade social que contribui para o fazer jornalístico diário, afastando o risco do “engano ou erro”. Nesta mesma linha, o autor descreve o interesse como “ato voluntário” que altera a realidade que se pretende mostrar. Assim, pode-se dizer que os fatos narrados pelo jornalismo sofrem constante interferência consciente daqueles quem os comanda, sem alterar a veracidade da cobertura diária, mas direcionando-a a partir de uma força de interesses.

Alçada a discussão, as produções jornalísticas podem ser vistas como resultado de interesses intrinsecamente ligados à linha editorial do veículo, sejam eles pessoais, econômicos ou de qualquer outra natureza. Frente a isso, as notícias são direcionadas pelos desejos de quem as controlam. Proprietário ou os sócios.

A pesquisa *Media Ownership Monitor Brasil*, criada e lançada pela Organização independente Repórter Sem Fronteiras (RSF) em parceria com o Coletivo Intervezes Brasil de Comunicação Social e divulgada no início de 2018, apontou que o controle da mídia no Brasil continua nas mãos de 22 empresários, sendo que a maior parte é formada por grupos familiares. Desses, cinco grupos ou seus proprietários individuais concentram mais da metade dos veículos no país. Ou seja, a audiência da mídia brasileira é controlada, desde sempre, por uma elite econômica formada por homens, brancos e com alto poder aquisitivo. (NONATO, 2020, p. 185)

A partir dessa perspectiva, observa-se que a produção jornalística é comandada por interesses pautados a partir do convívio e dos interesses econômicos, políticos e pessoais, que permeiam as entrelinhas dos meios de comunicação. Interpreta-se, portanto, que aquilo que não é interessante para os grupos de comunicação não merece atenção, não merece se tornar manchete nos jornais. A pandemia, nesse caso, obrigou a imprensa a abrir espaço para ela, mas não ditou as regras da cobertura, ou seja, o direcionamento das matérias voltadas à temática foi de livre escolha dos veículos.

É preciso destacar, ainda, que os interesses surgem de uma corrente sociocultural. Portanto, partem de uma identidade velada. Afinal, quem comanda os impérios de comunicação são pessoas que também tiveram um processo de construção social - de ter ou não um núcleo familiar, religioso, de amigos, ir ou não à escola, frequentar ou não uma faculdade, e todos os aspectos presentes no desenvolvimento enquanto ser humano -, que posteriormente pode despertar uma tensão na constituição da narrativa jornalística. É o cotidiano dos proprietários, numa fusão com o cotidiano dos jornalistas, dentro do processo narratológico.



Há, portanto, múltiplas identidades na constituição da narrativa jornalística, mas que deixam de ser levadas em consideração nesse processo. Em um movimento de mutilação, as possibilidades de se discutir as tensões desse processo se tornam alvos do esquecimento. Explica-se: ao invés de normalizar a complexidade da constituição da narrativa, há uma constante tentativa de aparar essas discussões.

Para Stuart Hall (2006), na modernidade o sujeito passa a ter a identidade fragmentada ao projetá-la no mundo à sua volta. São essas identidades dos diferentes agentes sociais que geram o debate em torno da construção das notícias. Chama-se atenção, portanto, à necessidade de se permitir situações no decorrer da constituição da narrativa que são primordiais para que ela ganhe vida. Jesús Becerra Villegas (2011) escreve que são essas tensões – de concepções dos sujeitos – no interior do processo comunicacional que dão vida à multiplicidade de manifestações e significados.

#### **1.4. Jornalista, narrativa e complexidade**

Como já explicado, as narrativas existem graças ao narrador, neste caso, ao jornalista. Mas essas narrativas que dão vida às reportagens estão inseridas em um contexto amplo e complexo, com ramificações em diversas áreas. Um jornalista não chega, senta em uma cadeira e escreve. Existe um processo de constituição que envolve outros elementos, como as interferências pessoais, familiares e empresariais. Como escreve Resende (2006), o objetivo das narrativas é criar e recriar significados, que pautam a existência do homem, ou seja, a constituição da narrativa se estende desde a construção sociocultural do jornalista até o consumo do que ele produziu.

Na teoria de Edgar Morin (2005), esse caminho da narrativa é resultado da relação de todas as partes daquilo que se entende como o real. Há, diga-se, um diálogo entre os agentes que compõem esse processo, ainda que de maneira inconsciente. Assim como Barthes (2011) escreve que os níveis de descrição da narrativa se completam e só existem porque todos existem, na teoria de Morin predomina certa semelhança. Para ele, todas as partes podem ajudar umas às outras para um entendimento mais aprofundado. Logo, é preciso haver uma relação mútua entre todos os agentes que ajudam na constituição da narrativa.

“Assim, o sujeito é tudo-nada; nada existe sem ele, mas tudo o exclui; ele é como o sustentáculo de toda a verdade, mas ao mesmo tempo ele não passa de ruído e erro frente ao objeto” (MORIN, 2005, p. 43). Dessa forma, a narrativa jornalística não existe sem o jornalista, mas a constituição dela pode, muitas vezes, exigir a mutilação de características

essenciais para a própria constituição, sejam ideias mais pessoais para o desenvolvimento do produto ou senso crítico contra os interesses do meio de comunicação. E isso precisa ser debatido.

Tomo, pois, a interferência política nos veículos de comunicação, em que assuntos que criticam determinado partido ou pessoa pública não podem ser noticiados ou a narrativa realizada precisa ser alterada posteriormente. Isso contribui para o jornalismo? É possível ficar algum legado dessa relação de poder na narrativa? A credibilidade do veículo de comunicação é colocada em xeque até que ponto? Ou ainda interferências empresariais como, por exemplo, as medidas assertivas de enfrentamento à pandemia, que feitas para proteger o jornalista na pandemia acabaram enfraquecendo o produto final, ou mesmo permitiram uma demora maior de checagem dos fatos, deixando o imediatismo à espera da confirmação de informações. Novamente, sinaliza-se a complexidade em volta da narrativa jornalística, criada a partir da relação sujeito (jornalista) e objeto (notícia).

Sujeito e objeto neste processo são constitutivos um do outro. Mas isso não resulta numa via unificadora e harmoniosa. Não podemos escapar de um princípio de incerteza generalizada. Assim como na microfísica o observador perturba o objeto, que perturba sua percepção, do mesmo modo as noções de objeto e de sujeito são profundamente perturbadas uma pela outra: cada uma abre uma brecha na outra. (MORIN, 2005, p. 43)

Não há garantia de harmonia na relação jornalista-narrativa-jornalismo. A constante reprovação contra os significados trazidos pelo profissional constitui uma tentativa de engessar a profissão. Como bem coloca Motta (2007, p. 145), é preciso evidenciar, na narrativa, “ações e performances socioculturais”. Dessa maneira, a constituição da narrativa atrai outros fenômenos de naturezas distintas ao da comunicação, como sociológicos e antropológicos, construindo um fio que enlaça outros campos.

Tem-se, portanto, que a narrativa jornalística é complexa, pois compreende princípios muito além da comunicação. Ela é feita a partir de comportamentos culturais, identitários, sociais, antropológicos, etc. Como o jornalismo está dentro de uma ciência – a comunicação – que usa como esteio de sustento outras áreas, é possível afirmar que a constituição da narrativa é, sim, complexa. Vai desde a visão de mundo do jornalista aos interesses da empresa, da discordância da pauta à veiculação final do conteúdo.

Em outras palavras, quando trago Morin para a discussão, digo para não mutilar o processo comunicacional, não reduzi-lo a uma mera mensagem enviada do emissor para o receptor, ou do receptor para o emissor. Pelo contrário: amplio a discussão sobre esse

processo, levando-o para um patamar de complexidade, que exige debater interferências no decorrer da constituição da narrativa jornalística. Interferências, às vezes, invisíveis, mas que impactam no produto final, principalmente durante a pandemia da Covid-19.

Esta difícil fase pandêmica é marcada por uma narrativa contínua sobre o mesmo assunto, por um longo período. Somente esse fator temporal seria suficiente para desencadear uma discussão ampla, pois o jornalismo se vê desafiado a modificar a rotina de produção para dar conta de um único assunto. Mais do que isso, é enfrentar as críticas e o reducionismo sociais, para levar informação fidedigna em meio à profusão da desinformação.

Josep Maria Català (2005, p. 56) acompanha o raciocínio de Morin e diz que a realidade atual “não pode ser outra coisa que complexa, posto que a simplicidade requer uma inocência intelectual, cultural, epistemológica, ética e estética de que as sociedades ocidentais carecem no presente momento histórico”. Longhi (2020, p. 41) complementa que a complexidade não é complicar as coisas, mas sim “uma forma de refletir sobre elas para entendê-las num contexto em que as contradições são um fenômeno para a inovação e as transformações que ora se operam”.

Por outro lado, Morin (2005) ressalta a importância da autocrítica do conhecimento, como maneira de enriquecer o sujeito conhecedor. Em outros termos, esse senso crítico, rechaçado pelo jornalismo, é fator chave para desenvolver a narrativa jornalística em meio à pandemia. Isso porque, as fontes oficiais se voltaram para o combate ao vírus, fazendo com que os jornalistas se esforçassem e recriassem os métodos de apuração.

O autor frisa que a ciência ocidental constituiu esse impedimento de questionar e levar para o contraditório, que, agora, os sujeitos – neste caso, os jornalistas – têm dificuldade de articular e refletir sobre os próprios pensamentos e conhecimentos. Por causa disso, o autor defende a complexidade como via para resgatar esse senso crítico, pois é ele que permite atingir outros níveis do conhecimento, possibilita enxergar por ângulos que foram fechados pela simplificação. “(...) os termos alternativos tornam-se termos antagônicos, contraditórios, e ao mesmo tempo complementares no seio de uma visão mais ampla, que vai precisar reencontrar e se confrontar com novas alternativas” (MORIN, 2005, p. 54).

Gonçalves (2012) traz uma reflexão importante que contribui com este trabalho. A autora aponta que:

as narrativas produzidas pela mídia inserem-se na narrativa principal que constitui a vida do indivíduo em sociedade e passam a fazer parte dela, compondo o repertório do sujeito, juntamente as informações e formações que recebe das instituições sociais, da família, da igreja, da escola, entre outras. (GONÇALVES, 2012, p. 16)

Isso reforça o que venho defendendo: que as narrativas também são constituídas a partir da carga sociocultural que o jornalista recebe. Dentro da visão complexa de Morin, esse universo paralelo, pertencente à vida do jornalista, é parte integrante da constituição da narrativa, logo, não pode ser descartado, mas, sim, discutido como fator predominante no processo comunicacional. A rejeição dos sentimentos e das emoções no momento de exercer a profissão precisa ser repensada no jornalismo, e a pandemia reforça essa necessidade.

Discutir a constituição da narrativa jornalística, explorando os lugares dos jornalistas e, principalmente, os lugares de representação e significado deles que estão à margem do silêncio, é lutar contra a insignificância e o reducionismo praticados contra a profissão, instigar a expansão da autocrítica dos profissionais, e contribuir com a constituição de uma narrativa complexa, que possibilite a entrada de outros elementos deixados de lado durante esse processo.

É preciso ainda entender os encaixes deixados pela desinformação diária, que interfere no cotidiano midiático e obriga o jornalismo a se posicionar para frear comentários mentirosos e contribuir com a verdade dos fatos. A presença forte e deturpadora leva à criação de estratégias de enfrentamento. Outro importante fator que precisa ser levado em consideração são as decisões das empresas de comunicação que desabrocham um jornalismo mais enxuto de pessoal e equipamentos, sem deixar de exigir cada vez mais resultados, constantes conteúdos, em menor espaço e tempo, e com infraestruturas fragilizadas. Essa é a realidade da constituição da narrativa complexa.

Morin também afirma que a complexidade pode ser enxergada no próprio cotidiano, em que cada pessoa atua mediante vários papéis sociais, dependendo do ambiente onde esteja: em casa, no trabalho, com os amigos, com a família ou até mesmo desconhecidos. “Vê-se aí que cada ser tem uma multiplicidade de identidades, uma multiplicidade de personalidades em si mesmo, um mundo de fantasias e sonhos que acompanham sua vida” (MORIN, 2005, p. 57). Dessa forma, esses papéis precisam ser levados em consideração quando se constitui a narrativa jornalística.

O escritor pontua que “dependemos de uma educação, de uma linguagem, de uma cultura, de uma sociedade, dependemos claro de um cérebro, ele mesmo produto de um programa genético” (MORIN, 2005, p. 66). Dessa forma, ele acrescenta que todo processo de criação passa pela desordem provocada pelo contraditório. Com isso, as contradições não são um problema, mas parte da solução.

No jornalismo, as tensões causadas no decorrer da construção da narrativa ajudam-na em sua própria constituição. A narrativa só existe por diversos fatores, um deles o embate de ideias, que passa pela auto-organização e direciona ao que se deseja. Em outras palavras, as críticas, as discussões, as contradições de uma pauta jornalística são etapas do processo de constituição e precisam existir. Sem elas, não há narrativa.

Longhi (2020), que trabalha o conceito de narrativa complexa, afirma que esse status de complexidade só existe porque a narrativa trafega por diferentes espaços durante a sua constituição, sofrendo alterações no decorrer desse processo. Ela também avalia que um dos maiores desafios é justamente combinar várias línguas, discursos e códigos.

As narrativas complexas atuais apresentam um conjunto de desafios durante o desenvolvimento das diferentes fases pelas quais um projeto, qualquer que seja sua natureza, transita em sua longa evolução: na fase inicial de desenvolvimento e pré-produção, em relação à voz narrativa do emissor, prestando atenção à implementação de lógicas de produção, e sobre como articular o mix entre diferentes linguagens. (LONGHI, 2020, p. 24)

Pêcheux (1990, p. 82) diz que “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro”. Ou seja, o jornalista, ao constituir a narrativa, perpassa pelos lugares constituintes da própria identidade que ele carrega, e desemboca no produto final que é a notícia. Pêcheux fala que isso não é uma simples informação, mas produção de sentidos.

Dessa maneira, mais uma vez, percebe-se que, o trabalho por trás das câmeras ou mesmo de uma apuração via telefone reúne diferentes modulações do processo de constituição da narrativa jornalística, que deve ser destrinchado no quarto capítulo deste trabalho, no qual os jornalistas apontam as interferências defendidas aqui como parte de uma teia complexa de composição das reportagens.

## 2. OS EFEITOS DA PANDEMIA NO JORNALISMO

O jornalismo sempre foi visto como um dos pilares centrais da sociedade. É um “poder rival ao da política na medida em que não só se define como o espaço da revelação, mas como o próprio lugar de informação daquela” (FAUSTO NETO, 1999, p. 7). A imprensa leva ao conhecimento público as notícias que possuem papel capital na construção da realidade.

Todavia, no cotidiano jornalístico, pouco se percebe como a produção de notícias é fundamentada por fatores externos, pois os sujeitos envolvidos nesse processo de produção têm a ideia de que são originários de suas próprias narrativas jornalísticas, quando, na verdade, apenas reproduzem sentidos já postulados em outros espaços. Esse reflexo do pessoal para o profissional – diga-se, do espaço do jornalista para o jornalismo –, muitas vezes, desencadeia as críticas à profissão e a tentativa de descrédito.

Em meio a essa constante guerra entre o público e os fazedores das notícias, é mais do que necessário promover uma discussão ampla e profunda sobre a complexidade do trabalho jornalístico. Se existem aqueles que desmerecem a profissão, há também quem prove a essencialidade do jornalismo. Busco assim tirar a profissão da via engessada e trazê-la para um lugar de prestígio durante a pandemia.

Foi nesse momento de crise sanitária grave que o jornalismo reforçou a importância do seu papel na sociedade, fazendo valer o direito à informação, fatia crucial em uma democracia. Em outras palavras, em uma pandemia como a da Covid-19, não fugiu da responsabilidade de informar, e, sim, intensificou o processo noticioso, como forma de combater a desinformação e preparar a sociedade para o enfrentamento da doença.

Dessa forma, não cabe uma escolha ao jornalismo. Não se brinca com a possibilidade de atuar ou não atuar. É necessário atuar, informar, combater a desinformação, apurar, ouvir mais, escrever mais, e possibilitar um espaço social preparado para uma pandemia. Portanto, o jornalismo não é uma opção, uma válvula de escape, é uma necessidade, é a ponte entre a ciência e a sociedade.

## 2.1. O surgimento da Covid-19

Para entender os efeitos causados no jornalismo é preciso voltar no tempo. Aliás, esse retorno também é possível graças à imprensa. Em tese, somos parte da História e ajudamos na construção dela própria, por meio de testemunhos, fotos, vídeos e textos. As matérias são uma espécie de museu social, “o jornalismo é uma parte central da memória coletiva (...) Não há no período moderno, memória coletiva ou cultura que não seja em parte, pelo menos, jornalística” (BARBOSA; GERK, 2018, p. 165).

Os primeiros relatos de casos da Covid-19 ocorreram em dezembro de 2019, em Wuhan, na China, ainda naquele mês foi publicado o primeiro artigo científico sobre a doença detalhando o caso de um paciente de 41 anos. Segundo a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ, 2020), pesquisadores chineses identificaram que houve mutação do vírus presente nos morcegos, possibilitando que os humanos fossem infectados. Contudo, a origem do contágio ainda é incerta e desperta o interesse dos cientistas até a data da publicação desta dissertação.

Depois da China, os casos se espalharam pelos países de todos os continentes, criando novas variantes difíceis de combater, e castigando as nações com números alarmantes de casos e mortes por dia. Dois países que sofreram, inicialmente, com a doença foram os Estados Unidos e a Itália. Isso levou a uma corrida científica para estudar o sequenciamento genético do vírus e quaisquer outros tipos de informação que ajudassem a combatê-lo. A imprensa, acoplada a esse processo, acompanhou todos os detalhes para “fornecer esclarecimentos, dados e orientações” à população (FERREIRA; VARÃO, 2020, p. 373).

O primeiro caso de coronavírus no Brasil foi confirmado em fevereiro de 2020, dois meses depois dos primeiros relatos no país asiático. À época, já havia uma concentração da cobertura jornalística sobre a China, com intuito de transmitir os rumos da doença. Ao mesmo tempo, tal cobertura mostrava uma fragilidade no preparo do Brasil frente ao surto. São Paulo foi a primeira cidade a ter um paciente infectado pelo coronavírus no país, um homem que havia viajado à Itália. A partir de então, dias sombrios e devastadores assolariam o Brasil.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica a Covid-19 como uma doença infecciosa causada pelo coronavírus (SARS-Cov-2). O termo Covid-19 vem do inglês: *Coronavirus Disease 19* – em tradução livre significaria doença do coronavírus e o ano em que o vírus foi descoberto. A OMS ainda informa que os principais sintomas da enfermidade são: febre, cansaço e tosse seca. Alguns pacientes desenvolvem ainda congestão nasal, dor de

cabeça, conjuntivite, dor de garganta, diarreia, perda de paladar ou olfato, erupção cutânea na pele ou descoloração dos dedos das mãos e dos pés. À época de publicação deste estudo, já existiam diversas vacinas contra a doença, fazendo com que os sintomas em pessoas vacinadas variassem.

A OMS só confirmou que a doença representava uma pandemia no dia 11 de março de 2020 e divulgou: “(...) a mudança na classificação não se deve à gravidade da doença e sim à disseminação geográfica rápida que a Covid-19 tem” (AGÊNCIA BRASIL, 2020). Naquela mesma ocasião, o Brasil mantinha monitoramento de áreas atingidas e iniciava protocolos baseadas no que a ciência instruía, dando início também a uma instabilidade no governo de Jair Bolsonaro, que se mostrava contrário a essas medidas.

Exatos dez dias depois da declaração da OMS, foram confirmados os dois primeiros casos em Roraima, o último entre os 26 estados e o Distrito Federal. A nova fase do enfrentamento levou à tomada de decisões severas por parte dos governos como: barreiras sanitárias entre os estados e nos aeroportos; decretos de fechamento do comércio; suspensão de aulas; e trabalho *home office*. E, claro, os jornalistas, assim como outras áreas, na linha de frente, transmitindo em tempo real, também foram afetados.

Segundo Navarro (2020, p. 02),

O jornalismo teve e continua tendo grande importância na tarefa de informação e comunicação acerca da pandemia do coronavírus. O povo, assustado e desinformado, ante este novo tipo de gripe ainda sem vacina específica para controlar e imunizar seu organismo, e, sobretudo, sem ter o conhecimento do que era a doença e o que ela poderia causar ao seu corpo teve uma ajuda indispensável e eficaz do jornalismo e dos jornalistas.

Assim como em qualquer parte do mundo, a pandemia em Roraima se tornou praticamente o único assunto nos meios de comunicação. Mas a chegada da doença ao estado também trouxe o que as outras cidades já enfrentavam: hospitais lotados, abertura de novos leitos, a busca incessante por Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), a escassez de vagas, intubações, casos, mortes, economia fragilizada, adoção de medidas nas redações, e uma infinidade de mudanças.

No dia 23 de março de 2020, o governador de Roraima, Antonio Denarium - até a publicação desta dissertação filiado ao Partido Progressistas (PP) -, assinou um decreto de calamidade pública, que proibia quaisquer eventos públicos que causassem aglomeração. Naquele mesmo dia, a então prefeita de Boa Vista, Teresa Surita, filiada ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), também decretou emergência. A capital concentrava cerca de



70% da população roraimense. Por causa disso, pessoas do interior buscavam auxílio na capital devido à falta de testes e atendimento médicos nas cidades do interior do estado.

Os decretos foram prorrogados por um longo período. No segundo semestre de 2020, a prefeitura começou um planejamento de reabertura do comércio, que se tornou um grande encaixe político por causa das eleições municipais que se aproximavam. O primeiro pico da doença em Roraima ocorreu no mês de junho de 2020. Contudo, até julho de 2021, o estado tinha dificuldade em reduzir o número de mortes, e sempre aparecia com um dos estados em que a capital se encontrava em zona de alta transmissão do vírus. A situação mudou apenas três meses depois, com o avanço da vacinação, quando Boa Vista voltou aos patamares de antes da pandemia, segundo a FIOCRUZ.

Roraima, o menor estado da Federação, enfrentava graves problemas na Saúde Pública, e a pandemia revelou diversos esquemas de corrupção, como o caso dos respiradores mais caros do país. Foram pagos R\$ 6,4 milhões por 30 ventiladores pulmonares. De acordo com um levantamento da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Saúde, da Assembleia Legislativa de Roraima, quase R\$ 80 milhões<sup>4</sup> foram firmados em contratos emergenciais por serviços que não se encaixavam nessa categoria. Esses números só vieram à tona após denúncias de compras superfaturadas publicadas na imprensa.

Foi durante a pandemia que a relação população-mídia se mostrou dividida. Se por um lado os ataques foram constantes, foi à imprensa que as pessoas recorreram quando faltaram medicamentos, materiais médico-hospitalares, leitos, profissionais e equipamentos. A imprensa, como sempre fez, abriu e manteve aberto o espaço para essas demandas sociais, já que auxiliar a população é um dos princípios do jornalismo. Em Roraima, essas denúncias foram evidentes, por ser um sistema pequeno, que não suportou e colapsou nos primeiros meses da crise.

Outro grande entrave na saúde roraimense foi a proximidade com o Amazonas, onde iniciou a circulação de uma das variantes de maior contágio: a P1<sup>5</sup>. Além disso, pessoas do estado vizinho buscam assistência médica em Rorainópolis, cidade que faz fronteira com o Amazonas. A procura foi tão intensa que o prefeito do município, Leandro Pereira, pediu à Justiça Federal para bloquear o acesso entre os dois estados. A prefeitura, no entanto,

---

<sup>4</sup> Informação publicada pelo portal G1 Roraima após documentos revelados pela CPI da Saúde. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2020/08/25/mais-de-50-pessoas-ja-foram-oubidas-em-cpis-que-apuram-irregularidades-na-saude-e-fornecimento-de-energia-em-rr.ghtml>. Acesso em 03 de novembro de 2021.

<sup>5</sup> Em maio de 2021, a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou a nomeação das variantes da Covid-19 com as letras do alfabeto grego. A P1, por exemplo, que surgiu no estado brasileiro Amazonas, recebeu o nome de Gamma. Segundo a OMS, o objetivo foi facilitar a memorização e a pronúncia das palavras. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/1-6-2021-oms-anuncia-nomenclaturas-simples-e-faceis-pronunciar-para-variantes-interesse-e>. Acesso em 05 de maio de 2022.

renunciou à tentativa de fechar a estrada, para receber recursos da União. Se o processo continuasse, os repasses financeiros não seriam possíveis.

Além disso, Roraima é um estado onde o apoio ao presidente Jair Bolsonaro foi demonstrado nas urnas. No ano de 2018, nas eleições presidenciais, ele obteve cerca de 70% dos votos dos roraimenses. Esse apoio político foi um dos fatores que interferiu na constituição da narrativa produzida pelos jornalistas nos veículos de imprensa Rádio 93FMRR, TVRR, Portal G1 Roraima, e jornal Roraima em Tempo, analisados nesta pesquisa: a política como pano de fundo para a propagação da desinformação e direcionamento de narrativas noticiosas.

A princípio, cito dois exemplos práticos. O primeiro são os comentários publicados na postagem sobre uma pesquisa desenvolvida pela Universidade Federal de Roraima (UFRR) sobre a ineficácia da cloroquina no tratamento de pacientes com Covid-19 postada no perfil do Instagram do jornal Roraima em Tempo. O estudo foi criticado pelos internautas, por ser diferente do que o presidente Jair Bolsonaro vinha declarando nas mídias sociais. O segundo é outra publicação alvo de dezenas de comentários negativos contra o mesmo veículo de comunicação – que chegou a ser chamado de esquerdista – que dizia respeito a um protesto realizado contra o presidente Jair Bolsonaro, pela condução das ações de enfrentamento ao vírus.

Os veículos citados acima produziram dezenas de matérias voltadas para a pandemia e podem ajudar a compreender a constituição da narrativa jornalística em Roraima, frente às interferências sofridas nesse processo. É preciso levar em consideração o alcance desses veículos de comunicação no estado e a diferença de público. Os jornalistas desses locais enfrentaram as mudanças provocadas pela doença e tiveram que responder perguntas como: o que é a doença? O que ela causa? Quais as sequelas? Quais os sintomas? Quantos casos? Como se tratar? Mais do que isso, se proteger e se reinventar para fazer jornalismo.

Inúmeros questionamentos afloraram com a pandemia, levando os jornalistas a efervescer as redações para ajudar a respondê-las. Por deter um status de fé pública de o que produz é verdade, conforme Gomes (2009), os profissionais saem em busca de elucidar os fatos e transformá-los em notícias. Nesse contexto, portanto, que o jornalismo deve ser considerado serviço essencial, pois utiliza de ferramentas da profissão para não deixar a população às cegas em um momento de desespero, angústia, medo e incertezas.

## **2.2. Jornalismo científico**

Vieira e Gentilli (2020) comentam que a pandemia provocou um ineditismo nas redações dos jornais, causado pela forma como as informações e desinformações são propagadas durante a crise sanitária. Eles lembram, inclusive, que devido ao negacionismo criado pelo Governo Federal, no que diz respeito a não seguir as orientações da OMS, diversos veículos de imprensa se uniram para apurar informações sobre a pandemia e repassá-las ao público, o chamado “Consórcio de Veículos de Imprensa”, criado em 8 de junho de 2020 após divergência e omissão de dados do Ministério da Saúde. Compunham o consórcio: O Estado de S. Paulo, G1, O Globo, Extra, Folha de S. Paulo e UOL. Isto é, o jornalismo, vendo-se dificultado a atuar, cria um mecanismo de defesa.

O desafio imposto pela doença é inédito, por provocar uma crise de saúde no Mundo todo e ocorrer numa época em que temos tecnologias de informação e comunicação presentes na palma da mão de bilhões de pessoas, algo que gerações anteriores que enfrentaram pandemias semelhantes não tinham na mesma medida – como a H1N1 em 2009. (VIEIRA; GENTILLI, 2020, p. 3)

Xavier (2008) também lembra que falar de saúde na mídia é escancarar as desigualdades sociais no que diz respeito ao acesso aos meios de comunicação, principalmente no campo da internet – já que muitos não têm acesso ao aparato técnico e tem, muitas vezes, apenas a televisão ou o rádio como canal de informação. E esses gargalos foram enfrentados pelos jornalistas, na tentativa de superá-los ou, talvez, amenizar as consequências que eles provocam. Pois, como lembram Lener e Sacramento (2014, p. 38):

(...) os fatores de risco e os de promoção da saúde, que, por sua vez, se desdobram em variáveis de segurança/insegurança envolvendo questões epidemiológicas, doenças, formas de tratamento, modos de viver, procedimento de assistências, cura ou métodos comportamentais voltados para uma vida saudável. Partido desse conjunto de questões, a mídia jornalística pauta e ordena suas narrativas em torno do que julga ser o imaginário contemporâneo da saúde destacando os fatores de risco e as variáveis que interpreta como problemas e ameaças que impedem ou dificultam a saúde individual e coletiva.

Essa dificuldade é ainda mais acentuada pelo fato de a linguagem científica ser extremamente técnica. Isso cria uma barreira no entendimento das informações publicadas e compartilhadas. É neste ponto que o jornalismo científico se mostra vital para transformar a linguagem pandêmica em uma narrativa compreensível. O processo de constituição da notícia cobra, portanto, que o jornalista busque conhecimento de uma área alheia à sua. E isso vai além daqueles comunicadores especialistas neste tipo de cobertura. Tem-se, portanto, uma característica do pensamento complexo, como discutido amplamente no capítulo anterior.

O jornalismo científico surge, dessa forma, como um processo de recodificação, ou seja, para levar uma linguagem específica de um grupo – no caso da pandemia dos cientistas e profissionais da saúde – para toda a sociedade, “com objetivo de tornar o conteúdo acessível a uma vasta audiência” (BUENO, 1985, p. 1422). É preciso destacar que a relação do jornalismo científico e da divulgação científica causam discussões teóricas e práticas. Ou seja, seria jornalismo científico, divulgação científica? Ou ambas as áreas são autônomas e se complementam?

Almeida (2022) afirma que não há uma resposta exata sobre as perguntas feitas anteriormente, mas defende que o jornalismo científico precisa ter um olhar mais crítico e apurado sobre as informações repassadas por quem está inserido no universo científico. No caso da pandemia da Covid-19, percebe-se uma intensificação da atividade do jornalismo científico enquanto viés entre as descobertas científicas e a sociedade. O jornalismo científico atua como facilitador da construção da cidadania.

O jornalismo é uma profissão consolidada, com técnicas, finalidades e éticas próprias. Existe uma formação específica na área, que, no Brasil, já foi requisito para o exercício profissional. O produto jornalístico é construído em um contexto específico, por meio de um processo também específico, que deve envolver a apuração de dados e fatos e a escuta de diversas vozes. (...) Já a divulgação científica é uma área mais ampla, multidisciplinar e polifônica, que envolve atores com formações, conhecimentos e competências diversas. Seus meios, ferramentas e intenções podem variar muito de acordo com as instituições e os atores envolvidos e com o momento histórico. (ALMEIDA, 2022)

Por outro lado, ressalto haver também um debate sobre essa “facilitação”, isto é, no momento em que o jornalista escreve sobre determinado tema, como a pandemia, deixa de ter um olhar mais profundo daquilo que se tem como notícia em produção. Ainda que não seja o cerne da questão deste trabalho discutir a forma como é feito o jornalismo científico, retomo a ideia de Morin quanto à ausência da autocrítica defendida por ele no pensamento complexo. Ou seja, a fragilidade do processo de constituição da narrativa que leva, às vezes, a uma notícia superficial. Isso ocorre por diferentes fatores, seja pelo tempo de apuração delimitado pelo veículo, falta de conhecimento do assunto ou desinteresse.

Mesmo assim, o que se pretende trazer à baila é o papel do jornalismo científico frente à pandemia da Covid-19, e como ele se destaca neste período crítico que demanda por informações do mundo da ciência. Verifica-se que ele atuou como braço da divulgação científica, provocado por ela ou provocando-a por novas informações. É uma via de mão dupla, em que os agentes das duas áreas se comunicaram o tempo inteiro para que a notícia fosse feita, pois como defende Oliveira (2002), a comunidade científica é a fonte primária dos

jornalistas, cabendo a eles buscar complementos, complementos que podem estar em outros campos, como a psicologia (explicar os efeitos do isolamento na saúde mental, por exemplo). Tem-se, portanto, a continuidade do viés complexo em diversos terrenos do conhecimento.

Marcelo Leite (2000, p. 43) escreve que é “tarefa do jornalismo científico, além de fornecer as informações básicas para entender a tecnologia, livrar-se ele mesmo dessas imagens simplificadoras e oferecer ao público um quadro mais matizado e próximo da complexidade social e política da questão”. Ou seja, é deixar de lado questões meramente factuais e focar em conteúdo que difundam mais conhecimento.

O jornalismo científico se esforça por dar o máximo de contextualização, um esforço evidente para ser o mais didático possível. Esse tipo de jornalismo ajuda a melhorar a cultura científica e talvez ajude as pessoas a entenderem melhor as novidades (científicas), mas, claro, isso não substitui a educação formal. (ALVES, 2020)

Bertolli Filho (2006) enfatiza que o jornalismo científico é um gênero jornalístico, o que implica seguir os procedimentos rotineiros de qualquer outra área dentro do jornalismo: contato com as fontes, checagem de informações, formatação do texto, etc.

Tais elementos delimitam o que aqui se entende por jornalismo científico: um produto elaborado pela mídia a partir de certas regras rotineiras do jornalismo em geral, que trata de temas complexos de ciência e tecnologia e que se apresenta, no plano linguístico, por uma operação que torna fluída a leitura e o entendimento do texto noticioso por parte de um público não especializado. (BERTOLLI FILHO, 2006, p. 3)

Com isso, entende-se que o jornalismo científico é responsável por transformar códigos em um entendimento acessível a todos. Esse trabalho, sem dúvida, é desafiador, principalmente para os profissionais que não são especificamente do jornalismo científico. Essa decodificação é necessária para a constituição de uma narrativa clara e objetiva, proporcionando ao público a facilidade de compreender o que está sendo divulgado pela mídia. Logo, trata-se de um trabalho complexo e enriquecedor, tanto para o jornalista quanto para o público.

Massarani, Neves e Da Silva (2021), por exemplo, entrevistaram 26 jornalistas de três estados brasileiros: Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo. Todos cobriam assuntos voltados à ciência. A pesquisa revelou que, durante a pandemia da Covid-19, um dos benefícios para o jornalismo científico foi a disponibilidade de fontes para atender a imprensa e explicar os temas abordados. Além disso, o estudo indicou um aumento do espaço dedicado às notícias sobre a ciência. “Analisando de uma das perspectivas, foi possível observar que os desafios

impostos pela pandemia também motivaram a busca por novos conhecimentos e qualificação profissionais” (MASSARANI; NEVES; DA SILVA, 2021, p. 16).

O jornalista Yuri Vasconcelos, editor de Tecnologia da revista Pesquisa FAPESP, destacou durante entrevista para publicação do jornal *Unidade*, produzido pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, que o jornalismo científico se mostrou primordial na pandemia. O comunicador enfatizou que o papel do jornalismo científico provou sua necessidade e, mais do que isso, provocou na sociedade uma reflexão sobre o quanto o jornalismo precisa ser valorizado, tornando a pandemia em cenário para se pensar sobre a importância da categoria.

O jornalismo de divulgação científica deve ter a capacidade de traduzir assuntos e temas muito complexos de forma que a maioria da população leiga compreenda. O Brasil vive essa dicotomia de condutas sobre como enfrentar a pandemia, houve uma politização por conta de divergências dentre as diversas esferas de governo. Então, o jornalismo científico tenta colocar as informações com muita clareza e sem viés político. (VASCONCELOS, 2020, p. 8)

Não se trata, contudo, de simplificar a informação ou reduzi-la, mas instigar um processo complementar de saberes de diferentes áreas, possibilitando uma discussão ampla e entendível. Nesse caso, unindo a linguagem técnica da ciência à construção da narrativa jornalística, passando pelo caminho da transformação midiática. Ou seja, não se aplaca o saber científico, apenas o modula para que seja consumido pela grande massa, o que, no final, é a intensão dos dois campos. A necessidade de informar, por exemplo, o que o vírus pode causar (técnica), com a informação esmiuçada e publicada (jornalismo).

Outra questão que precisa ser salientada é a busca por informação durante a pandemia. Muito se fala que o jornalismo perdeu espaço para as mídias sociais digitais nos últimos anos devido à evolução tecnológica. Contudo, na crise sanitária, esse movimento é percebido por outra via. O editor Yuri Vasconcelos disse, por exemplo, que o site da revista viu o número de acessos aumentar consideravelmente. “Acabamos fazendo uma produção direcionada ao site bem maior do que antes, atualizando-o diariamente. Com isso, o site teve muito mais visibilidade” (VASCONCELOS, 2020, p. 8).

Barbosa (2020), ao escrever sobre a grave fase pela qual passou o estado do Amazonas, epicentro da doença no ano de 2020, diz que o jornalismo científico se acentuou, principalmente por causa da desinformação. Vieira e Gentili (2020) complementam que nesse período o que mais circulou foi desinformação sobre remédios caseiros e promessas de cura baseadas em medicamentos sem eficácia. No Brasil, por exemplo, o presidente Jair

Bolsonaro potencializou a politicagem sobre informações falsas e propagou diversas mentiras pelas mídias sociais, ao ponto de ter transmissões ao vivo derrubadas por causa da desinformação. É nesse contexto que o jornalismo científico usa das ferramentas para proteger o público e a informação verdadeira.

Seja com caráter informativo, seja com caráter opinativo, o jornalismo científico é um dos precursores da especialização na área e consiste em um processo social baseado em uma frequente relação entre organizações formais (estabelecimentos e redes de editores) e comunidades (públicos/espectadores), com lugar através da mídia em geral, circulando notícias e informações sobre a ciência e temas relacionados, independente dos níveis de interesse e conhecimento do público. (BARBOSA, 2020, p. 3)

Percebe-se, assim, que a pandemia permitiu, de certo modo, que o jornalismo científico potencializasse o interesse de acompanhar o trabalho da ciência, destruísse mentiras voltadas à doença, e obrigasse os jornalistas não especializados em coberturas científicas a buscarem, em curto prazo de tempo, conhecimento sobre a questão. Isso, sem dúvida, também interferiu para a reformulação da imprensa durante a pandemia, mudando as redações e a vida dos jornalistas.

Sobre isso, Martínez e Colussi (2020, p. 80, tradução nossa) ressaltam que:

(...) especificamente no caso da pandemia, o aprofundamento e a problematização feitos pelos jornalistas especializados em coberturas de saúde se tornam ainda mais relevantes, sobretudo para combater a desinformação que circula nas redes sociais (...) Neste sentido, a pandemia enfatiza a necessidade de publicar boa informação de saúde nos meios de comunicação (...)<sup>6</sup>.

Nesse contexto de produção de notícias sobre saúde, tomo, pois, outro exemplo: a acentuação nos números. O jornalista espanhol Javier Moreno, da redação do *El País*, frisou que a pandemia aproximou os leitores dos jornais. Depois de assumir, pela segunda vez, a direção do noticiário, o grande desafio era crescer o índice de assinantes. De acordo com ele, “em menos de um ano, em dez ou onze meses, passamos de zero assinantes para mais de 100 mil” em todo o mundo (a edição brasileira encerrou as atividades em dezembro de 2021). Na mesma entrevista, Moreno avaliou que esse movimento reflete a busca por informações confiáveis, que apenas o jornalismo tem.

---

<sup>6</sup> (...) específicamente en el caso de la pandemia, la profundización y problematización llevada a cabo por los periodistas especializados en salud se convierte en una acción aún más relevante, sobre todo para combatir la desinformación que circula en redes sociales (...) En este sentido, la pandemia enfatiza la necesidad de generar buena información en salud en los medios de comunicación (...).

Isso resulta do próprio momento de crise sanitária. Com o isolamento social, as pessoas passaram a consumir mais os produtos jornalísticos na televisão, rádio e web. Uma pesquisa do Instituto Kantar mostrou que 34% da população mundial disseram que queriam estar mais informadas e preparadas para qualquer mudança provocada pela pandemia. Assim, o jornalismo também funcionou como espécie de alerta para tudo que acontecia e poderia acontecer. Decisões de governos, novos dados sobre a doença, descobertas sobre o vírus.

### **2.3. O jornalismo e as mídias sociais**

Para Bonfim e Soares (2021, p. 105), foram justamente essas mudanças na rotina de produção das notícias que levaram a população “a entender a importância deste como fonte de informação em um momento tão complicado”. Neste ponto, desemboca no que tem se escutado nos últimos anos: que as mídias sociais digitais “furam” os jornalistas – termo usado para indicar quando uma notícia é publicada pela primeira vez –, mas ousou dizer que há um movimento inverso nesse contexto.

Recuero (2009) reconhece que as mídias sociais funcionam como um grande potencializador de informações, resultado do advento da internet. Essa discussão não é nova, mas debruça-se sobre a academia há anos. Pondero, contudo, que o que está sendo brevemente discutido é o status difusor das notícias nas mídias sociais, ou seja, como ocorre a replicação de conteúdos nessas plataformas. “Muitas dessas informações são difundidas de forma quase epidêmica, alcançando grandes proporções tanto on-line quanto off-line” (RECUERO, 2009, p. 116).

Na pandemia, esse recurso de replicação foi usado tanto para a verdade como para a mentira. As mídias sociais funcionam como verdadeiro trampolim para as notícias e para a desinformação, já que é através “das diferentes relações sociais e dos processos de interação e conversação entre os indivíduos em redes sociais na Internet que são negociadas as informações que circulam nessas redes” (RECUERO; ZAGO, 2010, p. 72). Isso possibilita a narrativa jornalística e a narrativa desinformativa, bem como a profusão desses diferentes fragmentos nessas plataformas.

Mas, o que também se observa com esse avanço das mídias sociais digitais é que essas páginas na internet buscam se apropriar de técnicas jornalísticas para compartilhamento de conteúdo. Uma foto e uma legenda são suficientes para divulgar uma “notícia”. Isso provoca uma onda de engajamento, às vezes, em mentiras e enganações, que resultam em serem



apagadas, quando a repercussão é negativa. Não há apuração, não há entendimento sobre a ética jornalística, não há, em muitos casos, o compromisso com a verdade.

Por causa disso, Carvalho (2020, p. 175) escreve que as mídias sociais se transformaram “em um espaço marcado pela polarização e pelo extremismo, no qual o livre fluxo de comunicação é constantemente interrompido por “ruídos” que, muitas vezes, obstam qualquer forma efetiva de diálogo e entendimento”. Assim, é possível afirmar que o desordenado universo das mídias sociais tenta se apropriar das técnicas jornalísticas, assim como a desinformação se apropria da narrativa jornalística.

Contudo, por mais que as mídias sociais digitais inundem os *feeds* com “informações”, o público ainda confia mais na imprensa. Um estudo publicado pelo Reuters Institute em 2021 identificou que os entrevistados confiavam menos nas informações publicadas nas plataformas digitais. Isso, inclusive, precisa ser potencializado nas redações, com forma de combater a desinformação e reafirmar o papel central do jornalismo.

O que também se observa é que os veículos de comunicação migraram para essas plataformas, compartilhando conteúdos que servem de base para uma sociedade informada. “Trata-se de algumas tendências de utilização desses espaços pelos meios jornalísticos. Demonstrem tentativas de explorar possibilidades das redes sociais, como o acompanhamento contínuo dos fatos, em tempo real” (BELOCHIO; SILVA, 2014, p. 49).

Isso faz parte de estratégias que levam a reforçar a credibilidade do jornalismo em meio à pandemia da Covid-19. O jornalismo não tem sua existência ameaçada pelas mídias sociais, até porque esses perfis que se dizem “noticiosos” não saem da zona de conforto e da simplificação. Como já critiquei anteriormente, a constituição das notícias passa por um processo complexo e não pode ser reduzida a uma mera linha escrita: “novos casos de Covid são confirmados, sem mais informações”, como bem se nota nessas páginas.

Ao passo em que as redes sociais digitais avançam e materializam esses comportamentos reprováveis, o jornalismo também acompanha essas transformações para manter a verdade, a qualidade, confrontando a simplificação das informações e defendendo seu lugar de prestígio.

É também nessa perspectiva em que as redes sociais estão também diferenciadas do jornalismo. Enquanto as informações difundidas pelas redes sociais não precisam, necessariamente, ter um valor-notícia ou um compromisso social, como teoricamente, as jornalísticas (ou aquelas produzidas pelos veículos) precisam. Uma informação que circula em uma rede social, por exemplo, pode ter um forte caráter social. Assim, por exemplo, é comum circular nesses grupos piadas, jogos, comentários e outras informações que não são necessariamente enquadradas dentro dos valores notícia característicos do texto jornalístico. (RECUERO, 2009, p. 12)

Outros grandes exemplos que clarificam e separam a função das mídias sociais digitais e do jornalismo são as pesquisas feitas durante a pandemia da Covid-19. Os diferentes números revelaram que as pessoas confiavam mais no jornalismo profissional que nas mídias sociais. Um dos estudos, feito pela empresa GlobalWebIndex, mostrou que 71% dos brasileiros depositavam confiança nos veículos de comunicação, ainda que grande parte consuma notícias pelas mídias sociais. Desse modo, há uma diferença entre ler conteúdo dos portais de notícias e de páginas que dizem ser noticiosas.

O Instituto DataFolha também ouviu mais de 1,5 mil pessoas para afirmar que 61% dos brasileiros acreditavam nos programas de televisão para se informar sobre a pandemia, 56% confiavam nos jornais impressos, 50% no rádio e 38% em sites de notícias. Os índices são muito superiores aos que confiavam nas mídias sociais, que somaram apenas 12%, taxa composta, principalmente, por idosos e pessoas de baixa escolaridade. Com isso, o jornalismo se mostra no patamar de credibilidade, mantendo o status de boa-fé com a informação, “para completar as lacunas abertas com as novas tecnologias” (NICOLETTI, 2012, p. 93).

Por outro lado, vale ressaltar que as mídias sociais foram fortes aliadas durante a pandemia para que houvesse possível o contato com as fontes, com órgãos oficiais e não oficiais, reunião de pauta durante o período de *home office* e, sem dúvidas, canal para fluxo constante de sugestão de pautas e propagação de informação. Dessa forma, percebe-se que as redes sociais digitais podem ser aliadas do jornalismo. Assim, reforço a diferença entre as plataformas funcionarem como local de despejo de conteúdo para aumentar o acesso, e não como uma prática jornalística.

Como defende Recuero (2009), as redes sociais digitais funcionam como complemento ao jornalismo e não têm o mesmo comprometimento com a credibilidade da informação. Para a autora, as redes auxiliam na mobilização de pessoas, constrói discussões e aponta diversas interpretações sobre o mesmo tema. Nesse espaço, os comentários, curtidas e compartilhamentos são ferramentas para ajudar o jornalismo, e não para torná-lo possível.

Neste sentido, as redes sociais, enquanto circuladoras de informações, são capazes de gerar mobilizações e conversações que podem ser de interesse jornalístico na medida em que essas discussões refletem anseios dos próprios grupos sociais. As redes sociais podem, muitas vezes, agendar notícias e influenciar a pauta dos veículos jornalísticos. Mas também esses movimentos podem refletir interesses individuais dos atores sociais que acontecem de estar em consonância com interesses sociais. (RECUERO, 2009, p. 8-9)

Não menos importante mencionar, o que se viu na pandemia foram tentativas frustradas de “criadores de conteúdos” – os famosos *digital influencers* – querendo entrar em hospitais para “produzir conteúdo”. Ora, é nesse ponto que ressalto o quanto o jornalismo é desrespeitado pela sociedade. Há um comportamento hostil, como se fosse fácil entrar em uma unidade de saúde para filmar, falar para uma câmera e a notícia ser feita. Por isso, o que se defende é a refutação desse tipo de comportamento, na busca por promover uma visão crítica sobre o jornalismo e mostrá-lo pelo ângulo da complexidade.

Portanto, na pandemia, as mídias sociais funcionaram como difusoras de conteúdos jornalísticos e possibilitaram que os próprios veículos criassem espaços de interação com o público. O que precisa ser rechaçado é a ideia de que páginas que replicam materiais da imprensa ou publicam apenas frases soltas e sem sentido sejam tratadas como jornalísticas. É preciso reiterar que a profissão preza pela credibilidade, verdade e respeito pelo público.

#### **2.4. A política como desaliada na pandemia**

Como já sinalizado, a pandemia no Brasil teve como forte concorrente a postura do Governo Federal. Como resultado, além de todas as dificuldades já expostas, o jornalismo precisou enfrentar a política como desaliada das ações de enfrentamento ao vírus. Sabe-se que, a política, é o centro da tomada de decisões que vão refletir em todo o país. O Ministério da Saúde é esteio para os estados e municípios. Contudo, a atuação do presidente abriu precedentes para críticas à imprensa e acelerou a propagação de mentiras.

Maar (2006) diz que a política surgiu com a própria História e apresenta diversas facetas. Para o autor, a política representa um dinamismo social, que passa por constantes transformações provocadas pelos homens. São esses mesmos homens que conseguem “interferir, desfiar e dominar o enredo da história” (MAAR, 2006, p. 8). Em meio a tantas políticas, Maar destaca a dos partidos, uma maneira encontrada por esses agentes para se perpetuar à frente da política de Estado.

É certo que fazem parte do nível político institucional, e como tais se inserem na disputa pela primazia do controle de governo e na ocupação do aparelho estatal. Porém, também são partidos de alguma coisa, de determinados interesses em relação aos quais têm compromissos. São esses compromissos justamente que lhes conferem significados, em relação a estes devem traduzir uma importância no jogo parlamentar. (MAAR, 2006, p. 14)

A escritora Hannah Arendt (2002) fala que a política é um lugar de relação dos homens e da convivência entre os diferentes. Isso significa que os interesses – como destacado no primeiro capítulo – também estão fortemente presentes no universo da política de parlamento. Ou seja, os deputados, senadores e o presidente, bem como os ministros de Estado, atuam conforme os próprios interesses, não priorizando a coisa pública. Os políticos agem pensando como as decisões podem afetar a reeleição posterior.

Essas posturas dentro da política de governo têm reflexo imediato na sociedade. Não se olvide que, com o avanço das redes sociais, as mensagens ganham velocidade inimaginável. E o que se observou na pandemia da Covid-19 foram *lives* e declarações do presidente Jair Bolsonaro que afetaram o enfrentamento da doença. Cito como exemplo inicial, a postura do presidente em relação à máscara e ao distanciamento social. Ele disse que se tratava de uma “gripezinha” e subestimou as medidas para evitar a propagação do vírus. As declarações do chefe de Estado têm um forte impacto no meio social.

Enquanto boa parte das lideranças políticas reconheceram a gravidade da doença e optaram por se basear na ciência, algumas foram no sentido oposto, negando a gravidade do problema e usando a desinformação como estratégia política. Entre eles, destaca-se o presidente brasileiro Jair Bolsonaro, que desde o início da pandemia subestimou a doença e passou a apoiar o seu discurso em informações imprecisas e sem respaldo científico. Tal comportamento gerou críticas no Brasil e no exterior. (AMARANTE, 2021, p. 51)

Bolsonaro demonstrava apoio ao então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, o que fez com que ele cometesse crimes durante a pandemia, conforme relatório da CPI da Pandemia, do Senado Federal, em outubro de 2021. Se em solo americano Trump falou que detergente curava o vírus – o que fez pessoas tomarem o produto –, no Brasil Bolsonaro defendeu a cloroquina para tratamento contra a doença, um remédio que teve ineficácia comprovada pela comunidade científica. Por causa disso, houve a troca de três ministros da Saúde, durante 2020 e 2021, por discordarem do presidente.

De traço ousado, o presidente atropelou alguns limites profissionais, e o decoro do cargo, ao prescrever a forma de uso da CQ à nação. Contrariando as diretrizes do Ministério da Saúde (MS), que apontam a utilização da CQ para formas graves e críticas da doença (BRASIL, 2020), Bolsonaro sugeriu às pessoas, publicamente, o tratamento com o medicamento já nos primeiros sintomas aparentes de adoecimento (HENRIQUE, 2020). Nas redes sociais, local onde opera a base política e tecnológica do presidente, que se caracteriza por serem robôs em grande parte (KALIL; SANTINI, 2020), cresceu o número de pequenos textos exaltando o uso da CQ, ao mesmo tempo em que surgiam memes atacando oponentes políticos que optaram pela estratégia de distanciamento amplo. (SILVA; GONÇALVES, 2020, p. 5)

Observa-se, pois, que a pandemia foi usada pelo presidente Jair Bolsonaro para propagar mentiras. Além disso, ele disse em entrevistas que o avanço da doença no país era culpa dos governadores que seguiram a ciência. Com a propagação do não uso de máscara e medicamentos ineficientes, o Brasil entrou em um colapso sanitário ainda mais grave, com milhares de casos e mortes por dia, chegando ao pior dia da pandemia em 26 de março de 2021, quando registrou 3.600 mortes em apenas 24 horas<sup>7</sup>. Ao confrontar as mentiras divulgadas, a imprensa sofreu ataques de Bolsonaro e dos aliados.

Como já espelhado, o jornalismo surge para combater a desinformação, em grande escala provocada pelo presidente. Nesse cenário de mentiras, o jornalismo engrandece seu papel para dispersar as atuações contrárias à ciência e alertar sobre os perigos das decisões anunciadas pelo presidente, principalmente em Roraima, onde o governador também o defende. Jornalistas ouvidos nesta pesquisa reforçaram esse entendimento e trouxeram exemplos no ambiente de trabalho e familiar, de como as informações falsas propagadas pelo presidente levaram a população a culpar a imprensa pela pandemia. Mais do que isso: a rejeitar os posicionamentos da comunidade científica no que dizia respeito ao enfrentamento do vírus. Um exemplo foi o movimento antivacina, que contestava veementemente a eficácia dos imunizantes.

A política, nesse contexto, direciona a constituição da narrativa. Isto é, a partir da propagação de inverdades, o jornalismo atua para restabelecer os fatos verídicos ou, pelo menos, brigar por espaço em meio a tanta desinformação. É preciso destacar que os veículos de comunicação, em sua maioria, estão vinculados a políticos. Se os donos têm interesses e os políticos também, é certo que as notícias vão servir a um propósito comum entre esses dois atores do processo de construção da notícia. Ainda mais quando se percebe que alguns veículos de imprensa roraimenses estão vinculados ao governo de Roraima ou a políticos de oposição. Logo, a narrativa pode variar de um para o outro, mostrando a relação política que existe no interior do veículo.

A notícia, assim, resulta das interferências e inserções negociadas entre os atores políticos e o jornal/jornalista a partir do que foi apurado, declarado, constatado e afinal transposto à publicação. Todas essas instâncias de apuração, declaração, constatação e publicação são momentos negociais, envolvem relações de convergências ou confrontações de interesses. (BARRETO, 2006, p. 12)

---

<sup>7</sup> Informação publicada pelo portal de notícias G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/26/brasil-tem-pior-dia-da-pandemia-com-3600-mortes-por-covid-registradas-em-24-horas-media-volta-a-bater-recorde.ghtml>. Acesso em 05 de janeiro de 2023.

Contudo, é preciso destacar que o cerne da questão está acima dos interesses dos veículos e das negociações que cruzam o caminho de constituição da narrativa. O que se busca é confrontar as mentiras divulgadas, para evitar que a desinformação leve a pandemia a atingir um patamar ainda mais grave. São essas tensões entre política e jornalismo que também aparecem no processo de construção da notícia e precisam sair de uma postura velada e ser discutida nesse contexto de complexidade. Em outras palavras, o pensamento complexo sinalizado por Morin permite que sejam criadas estratégias para combater a avalanche da desinformação em tempos de pandemia. Só unindo conhecimento dentro e fora das redações é possível defender a verdade.

Nessas tensões provocadas pelo presidente Jair Bolsonaro, o que não faltaram foram ataques a jornalistas. A partir do momento em que a maior autoridade do país critica, debocha e ataca a imprensa, ele abre precedente para que a própria população faça isso, em um movimento perigoso de interferência no Estado Democrático de Direito. Afinal, a liberdade de imprensa está garantida na Constituição Federal, e toda a tentativa de censura à informação séria e verdadeira na crise sanitária precisa ser rechaçada em todas as suas formas, como garantia de preservação desse direito.

Vê-se que a possibilidade de existência da narrativa jornalística transborda da política e do direito para a comunicação, permanecendo, assim, ativo, o elo da complexidade, ou seja, o compartilhamento de conhecimentos das áreas para que o jornalismo possa atuar. A política, garantindo a discussão da lei de liberdade de imprensa, o direito resguardando essa conquista, e o jornalismo atuando para que a sociedade tenha seu direito à informação verdadeira. Os campos, ainda que tensionados, atuam, de certo modo, em harmonia, para que a narrativa jornalística possa existir.

Seibt e Dannenberg (2021, p. 13) fizeram um estudo sobre a desinformação causada por Bolsonaro no Twitter. Os pesquisadores revelaram que o presidente distorceu fatos, usou dados verdadeiros fora de contexto, agrediu jornalistas e o jornalismo como instituição, e fugiu da “responsabilidade de propor medidas de saúde contra a Covid-19”. Em uma lacuna específica sobre os ataques à imprensa, os autores escrevem:

(...) identificamos que a relação de Bolsonaro com a imprensa ultrapassa as definições de Levitsky e Ziblatt (2018), que preveem um cerceamento de liberdade ao trabalho jornalístico como um indicativo autoritário. Aqui, o líder da extrema-direita brasileira vai além e adota uma postura de conflito ao ofício jornalístico em si, de forma generalizada. Desqualifica o trabalho dos profissionais da área da mesma forma que ataca outros políticos, de forma que os equipara em tratamento, seguindo a lógica populista do “nós” contra “eles”. (SEIBT; DANNENBERG, 2021, p. 20)

Pereira (2021, p. 97) acrescenta que “Bolsonaro prolifera desinformação, principalmente nas plataformas de redes sociais, para manter os seus seguidores engajados e, ainda, criar possibilidades de se conquistar novos apoiadores”. O reduto do presidente é nas redes sociais, que ele usa como resposta às notícias veiculadas na imprensa. É lá que se encontra o grande eleitorado do mandatário, dando engajamento às mentiras propagadas. Eis, portanto, as mídias sociais usadas contra a imprensa, a liberdade de expressão e a própria democracia, como bem exemplifica Pereira (2021, p. 100).

As plataformas de redes sociais são espaços férteis aos interesses dos líderes populistas, como Jair Bolsonaro, e um espaço propício a propagação de desinformação, pois assim como explicado por Marcela Donini, especialista em jornalismo digital e co-fundadora da Farol Jornalismo, a imprensa, apesar de ter seus problemas, é fundamental no trabalho a favor da sociedade e da democracia, sendo que “toda fonte que fala com um jornalista tem um interesse, legítimo ou escuso, e cabe a ele, que zela pelo interesse público, contestar, contextualizar e checar informações”, no Twitter não existe essa possibilidade de intermediação deixando as informações geradas a uma livre interpretação e checagem da veracidade dos fatos.

Relembro alguns episódios. Em agosto de 2020, a situação foi ainda mais grave. Bolsonaro disse que tinha vontade de “encher a tua boca de porrada”, se referindo a um repórter do jornal *O Globo*, que o questionou sobre o caso Queiroz<sup>8</sup>. Em junho de 2021, Bolsonaro se irritou ao ser lembrado que tinha sido multado pelo governo de São Paulo pelo não uso da máscara. Além disso, o país acabara de superar a marca de 500 mil mortes pela Covid-19. Incomodado por perguntas feitas a ele, mandou uma repórter calar a boca e chamou a *TV Globo* de “merda”<sup>9</sup>.

Ainda em junho de 2021, ele gritou com uma repórter da *CNN* e disse que a imprensa fazia “perguntas idiotas” e “ridículas”<sup>10</sup>. No mesmo mês, ele se irritou quando questionado, em São Paulo, sobre as negociações da vacina Covaxin e mandou uma repórter “voltar para a faculdade”<sup>11</sup>. Em outubro de 2021, após ter vetado a distribuição de absorventes para pessoas

<sup>8</sup> Informação publicada pelo g1, portal de notícias da TV Globo. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/08/23/bolsonaro-ameaca-jornalista-minha-vontade-e-encher-tua-boca-na-porrada.ghtml>. Acesso em 05 de junho de 2022.

<sup>9</sup> Informação publicada pelo portal de notícias Metrôpoles, de alcance nacional. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/bolsonaro-e-questionado-sobre-mascara-e-manda-reporter-calar-a-boca>. Acesso em 05 de junho de 2022.

<sup>10</sup> Informação publicada pelo portal de notícias Catraca Livre, de alcance nacional. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/bolsonaro-grita-com-reporter-da-cnn-apos-atacar-jornalista-da-globo/>. Acesso em 05 de junho de 2022.

<sup>11</sup> Informação publicada pelo jornal Correio Braziliense, de alcance nacional. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/06/4933688-bolsonaro-volta-a-atacar-jornalistas-ridiculo-nasca-de-novo.html>. Acesso em 05 de junho de 2022.

em situação de vulnerabilidade, ele gritou e perguntou se o repórter sancionaria o projeto. Na mesma entrevista, confrontado sobre a pandemia, ele rebateu: “Não venham me aborrecer aqui”<sup>12</sup>.

Esses são apenas alguns dos episódios de ataques do presidente Jair Bolsonaro. Um levantamento da organização Repórteres Sem Fronteiras (2021) indicou que essas posturas cresceram 74% em 2021. Foram 87 ataques em apenas seis meses, sendo as mulheres o alvo principal do presidente. Em setembro de 2021, a mesma organização, em parceria com o Instituto Tecnologia e Sociedade do Rio (ITS-Rio), divulgou um novo levantamento, quase meio milhão de publicações contra o jornalismo.

Com base nos dados coletados, a Repórteres Sem Fronteiras identificou que 10 de maio de 2021 foi o dia que mais registrou ofensas à imprensa: foram 36.791 menções de ataques no Twitter. Segundo o estudo, isso ocorreu após publicação de reportagem de O Estado de São Paulo, sobre o chamado orçamento paralelo, recursos liberados a parlamentares depois de negociações com o governo.

Essas narrativas trazidas pela mídia desagradam o governo de Bolsonaro, que se elegeu na esteira de combater a corrupção e não ceder a deputados e senadores. Isso quer dizer que, no momento em que a reportagem revela milhões liberados, como resultado de acordos em meio a votações de propostas do governo, os defensores de Bolsonaro vão às mídias sociais atacar a imprensa e os profissionais.

A pesquisa das organizações também mostrou que, depois de publicar um artigo crítico contra Bolsonaro na *Folha de S. Paulo*, a jornalista Mariliz Pereira Jorge sofreu uma forte onda de insultos em ambientes virtuais. O artigo falava sobre a prática de “rachadinha” – quando funcionários devolvem ao político parte do salário – e a atuação do presidente frente à pandemia da Covid-19. Isso mostra que a relação entre o presidente e os meios de comunicação despertou a fúria dos cidadãos. A postura de Bolsonaro é uma espécie de “autorização” às pessoas, para que também insultem os jornalistas no livre exercício de sua profissão.

Outro exemplo é a agressão ao repórter cinematográfico Leandro Matozo, da *TV Globo*, atacado por um apoiador de Bolsonaro, em outubro de 2021. O profissional fazia cobertura do Dia de Nossa Senhora Aparecida, quando, nas imediações da Basílica de Aparecida, ele e o repórter Victor Ferreira, foram ameaçados. “Se eu pudesse mataria vocês”,

---

<sup>12</sup> Informação publicada pela Revista Fórum, de alcance nacional. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/governo-bolsonaro/2021/10/11/bolsonaro-ataca-jornalistas-incita-apoiadores-no-venham-me-aborrecer-aqui-veja-video-104560.html>. Acesso em 05 de junho de 2022.



disse o homem, segundo o site *Correio Braziliense*<sup>13</sup>. A *TV Globo* e o Governo de São Paulo repudiaram o caso.

No dia 31 do mesmo mês, em Roma, o repórter da *TV Globo*, Leonardo Monteiro, foi agredido com um soco no estômago pelo segurança de Bolsonaro, após perguntar os motivos de o presidente não ter participado de alguns eventos do G20 com outros líderes mundiais. Bolsonaro hostilizou o repórter e perguntou se ele era funcionário da *TV Globo*, momento em que o segurança praticou a violência<sup>14</sup>. No mesmo episódio, por estar filmando a confusão, o jornalista Jamil Chade, do *UOL*, teve o braço torcido pelo segurança e o celular quebrado.

Em 7 setembro de 2021, o repórter Marcos Moreno, da *CNN*, foi hostilizado durante manifestação bolsonarista na Avenida Paulista<sup>15</sup>. O jornalista, que fazia transmissões do ato para a emissora, foi chamado de lixo e precisou ser escoltado pela Polícia Militar para deixar o local em segurança. Nos vídeos que gravou, ele fala que recebeu, juntamente com o cinegrafista e o produtor, ameaças de morte. A manifestação era pró-Bolsonaro e ocorreu em todos os estados brasileiros ao mesmo tempo.

Outro jornalista, Pedro Durán, da mesma emissora, também foi retirado de um protesto no Rio de Janeiro, em maio de 2021. De acordo com o site *Poder360*, os manifestantes gritavam “CNN lixo” e cercaram o profissional após ele tentar entrevistar o ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello<sup>16</sup>. Assim como no caso citado anteriormente, ele precisou ser escoltado por policiais militares. À época, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) disse que Bolsonaro incentivava os ataques.

A intimidação de repórteres por políticos e militantes ligados a Jair Bolsonaro tem como objetivo impedir a cobertura de fatos de interesse público e, portanto, é uma violação à liberdade de imprensa. Tal comportamento é incentivado pelo presidente da República, que frequentemente propaga teorias conspiratórias, ofensas e discursos estigmatizantes contra jornalistas. A obstrução do trabalho da imprensa é antidemocrática e se espera dos Poderes Legislativo e Judiciário uma posição firme em defesa dos direitos humanos e da civilidade na convivência entre cidadãos de diferentes opiniões. (ABRAJI, 2021)

<sup>13</sup> Informação publicada pelo jornal *Correio Braziliense*, de alcance nacional. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/brasil/2021/10/4955045-se-eu-pudesse-mataria-voce-bolsonarista-agride-cinegrafista-em-aparecida.html>. Acesso em 05 de junho de 2022.

<sup>14</sup> Informação publicada pelo *g1*, portal de notícias da *TV Globo*. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/10/31/bolsonaro-hostiliza-jornalistas-em-roma-e-seguranca-agride-reporteres.ghtml>. Acesso em 05 de junho de 2022.

<sup>15</sup> Informação publicada no *UOL*, site de notícias de alcance nacional. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/09/07/reporter-da-cnn-em-espanhol-e-hostilizado-por-bolsonaristas-na-paulista.htm>. Acesso em 05 de junho de 2022.

<sup>16</sup> Informação publicada pelo site de notícias de alcance nacional *Brasil de Fato*. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/05/23/reporter-da-cnn-e-expulso-de-ato-no-rio-e-vereador-bolsonarista-comemora-veja-video>. Acesso em 05 de junho de 2022.

No dia 2 de agosto de 2021, o jornalista Reinaldo Galhardo, diretor do site de notícias SNews, foi atacado por usar um celular de cor vermelha em uma manifestação bolsonarista. O caso ocorreu em Sorocaba, interior de São Paulo, em frente à prefeitura, quando um manifestante gritou: “Olha lá, celular vermelho, é petista”. Mesmo o profissional negando, foi atingido com um soco nas costas, enquanto outro derrubou o telefone com tapa. Foi nesse momento que um dos organizadores o tirou do protesto para evitar novas agressões.

Cecília Seabra (2020) fez um estudo direcionado aos ataques do presidente à imprensa. Após analisar diversas publicações do mandatário, ela escreve que o jornalismo passou a ser alvo de discursos de ódio de Bolsonaro, que se traduz em arma para atacar a mídia e descredibilizar a característica de crítica, base da formação profissional.

Considerando o discurso do medo como utilizado duplamente — na estratégia do presidente e pela imprensa como recurso para lembrar as pessoas sobre o que é democracia e o papel do jornalismo para sua existência —, é possível afirmar que esse discurso direcionado à imprensa e à atuação do jornalista pode ser entendido como produto do ódio à democracia. (SEABRA, 2020, p. 106)

Esses ataques do presidente e de seus apoiadores criam uma barreira quase impenetrável para ser derrubada durante a pandemia. A postura interfere diretamente na construção das notícias, seja pelo medo de estar nos locais ou mesmo a dificuldade em conseguir falar com os entrevistados. Durante um protesto em Boa Vista, Roraima, em meio à pandemia, os apoiadores de Bolsonaro se recusaram a falar com a Folha de São Paulo, numa clara repetição comportamental do líder maior. Isso atesta a influência de Bolsonaro sobre o povo que o segue.

Essas atitudes autoritárias do presidente têm reflexos claros e objetivos contra a imprensa. Uma insistência que leva os veículos de comunicação a revidarem às investidas de Bolsonaro e dos apoiadores, se mantendo firme e respondendo à altura, fazendo valer a atribuição social em meio à pandemia e combatendo a desinformação e mostrando os fatos que permeiam o governo. Os profissionais participantes desta pesquisa sinalizaram que as atitudes desrespeitosas e, em alguns casos, criminosas dos apoiadores do presidente iam das ruas às mídias sociais, causando constantes ataques virtuais nas publicações que envolviam assuntos que refutavam as teses infundadas do mandatário. Com isso, as equipes precisavam estruturar matérias, a fim de difundir conteúdos verdadeiros, ainda que fossem atacadas.

Não menos importante destacar que outro grave comportamento do Governo Federal foi com relação à vacinação no país. Depois de toda a postura que agravou a pandemia, houve

uma demora na negociação das vacinas para o país e outra onda de desinformação, levando a imprensa a uma nova batalha contra as declarações do presidente Jair Bolsonaro. Isso vai desde a denúncia do caso da Covaxin, desvendada na CPI da Pandemia, até a não vacinação do presidente, como péssimo exemplo à nação. Inclusive, até a conclusão desta pesquisa, ele não tinha se vacinado.

Uma das hipóteses levantadas pelo presidente era a imunização natural causada pelo vírus nas pessoas que, porventura, tivessem contraído. Essa teoria foi rechaçada pela comunidade científica que, incansavelmente, e com a ajuda da imprensa, introduziram discursos da necessidade da vacinação para as pessoas recebessem o imunizante. Como já destacado anteriormente, Roraima tem uma grande parte do eleitorado formada por bolsonaristas, o que pode ser uma das causas para baixa procura pelas vacinas, principalmente por parte dos jovens.

A hesitação vacinal é especialmente grave no contexto da pandemia, no qual diversas autoridades, incluindo o Presidente da República, fizeram uso das redes para minimizar a gravidade da doença, atacar medidas de distanciamento e pôr em dúvida a segurança das vacinas. Isso se refletiu em um desinteresse do governo federal na aquisição de vacinas e na ausência de uma coordenação nacional para imunizar a população, além da escalada de casos e do colapso no sistema de saúde. (MASSARANI; LEAL; WALTZ; MEDEIROS, 2021, p. 2-3)

O jornal Roraima em Tempo divulgou que um dos motivos apontados pela Prefeitura de Boa Vista para a baixa imunização eram as *fake news*. Os jovens acreditavam estar imunes ao vírus ou que não precisariam ser internados, caso fossem contaminados pela doença. Essa postura é um reflexo do discurso do presidente, que, por diversas vezes, disse que apenas os idosos eram os mais atingidos pela pandemia. Essa difusão de mentiras levou a uma campanha lenta de vacinação por todo o país, principalmente em Roraima.

Há também uma roupagem política por trás da vacinação. Vale lembrar que, quando o governador de São Paulo, João Dória, iniciou a vacinação sem o aval do Governo Federal, Bolsonaro atacou e mudou o discurso, falando que a União tinha possibilitado a campanha que começara no país. Esse posicionamento só ocorreu após a aceitação política de Dória começar a alavancar, como resposta à postura adotada frente à pandemia. Com isso, o Ministério da Saúde mandou investigar a influência política da vacinação, como revelou reportagem da *TV Globo*.

Mesmo preocupado, Bolsonaro envolveu a vacinação em um manto da tentativa de desqualificação, ressaltando que a vacina era “chinesa” e, portanto, não teria eficácia contra o vírus. Essa declaração foi duramente criticada pelos cientistas, já que o Brasil sempre foi

referência em campanhas de imunização e tem um excelente sistema de distribuição e aplicação de vacinas. Para os especialistas, rejeitar a vacina e incentivar a população a não tomar é um ato extremamente grave.

Bezerra, Magno e Maia (2021) relembram que a busca por uma vacina contra o vírus fez a comunidade científica se debruçar noite e dia nos laboratórios em busca de frear a pandemia. Depois que as vacinas começaram a surgir, o Governo Brasileiro demorou a negociar, rejeitou propostas e tentou comprar vacinas com pagamento de propinas, como revelou o jornal *Folha de S. Paulo*. Nota-se que, a imprensa, mais uma vez, revelou o que o governo Bolsonaro não queria. E, por isso, as respostas sempre foram ácidas e pesadas contra a mídia.

Para os autores, o posicionamento de Bolsonaro levou a uma potencialização dos movimentos antivacina, bem como ao discurso de escolha pelo imunizante, isto é, ser uma escolha das pessoas se vacinar ou não. Essa ideia impregnada pelo mandatário representa um risco para a saúde da população, como ressaltam Bezerra e colaboradores (2021, p. 11):

(...) conteúdos que promovem a negação da pandemia, que sugerem curas milagrosas ou medicamentos ineficazes para tratamento da doença e que contrariam medidas efetivas de prevenção à infecção, trazem riscos reais à saúde das pessoas. Dado que a crença em informações falsas se dá numa dimensão simbólica que se estende às práticas, assim, a falsa sensação de segurança compromete o cumprimento de orientações confiáveis para a própria proteção dos indivíduos.

Uma pesquisa publicada na revista internacional *Lancet*, feita pela Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pela FIOCRUZ, mostrou que as cidades que elegeram Jair Bolsonaro nas eleições de 2018 registraram mais mortes pela Covid-19 que aquelas que votaram em Fernando Haddad, então candidato à Presidência da República pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Nas cidades bolsonaristas, o risco de morte foi de até 44% superior àqueles que seguiram o candidato opositor. Para cada 10 pontos percentuais a mais de votos para Bolsonaro, havia um aumento de 11% no número de contaminação e 12% na taxa de mortalidade. Fleury e Fava (2022) afirmam que esses dados mostram como a pandemia foi tratada por Bolsonaro com apelo político e ideológico. Ou seja, ainda que o Brasil fosse reconhecido pelo seu sistema de vacinação e estratégias bem definidas de imunização, isso não foi suficiente para barrar os efeitos negativos da postura do presidente.

A forma de lidar com a pandemia pela maior liderança do país, representada pelo Presidente Jair Bolsonaro, minou as capacidades institucionais e a confiança social,

tanto por disputas simbólicas quanto por medidas de ação, como a militarização do MS e a inação na compra de vacinas ofertadas por produtores. Fundamentalmente, o MS omitiu-se na coordenação federativa, eximindo-se quanto à utilização do poder de compra do MS para redução dos preços na importação de insumos e vacinas, à participação efetiva na demanda nacional ao consórcio criado pela OMS, às campanhas de esclarecimento para a população, à agilidade na compra de diferentes vacinas oferecidas no mercado nacional, à coordenação da logística e definição de protocolos, à definição de um cronograma nacional de vacinação. (FLEURY; FAVA, 2020, p. 257)

Em um estudo direcionado às matérias publicadas pela *Folha de S. Paulo*, como forma de combater as mentiras do presidente, Massarani e colaboradores (2021) afirmam que o conteúdo do veículo cresceu exacerbadamente. Um exemplo foi a produção de matérias com a palavra-chave coronavírus, que passou de 572, em fevereiro, para 5.519, em março de 2020. Além disso, a palavra “não” foi bastante utilizada nos títulos das reportagens, o que sinaliza que a imprensa “seria capaz de reordenar a correspondência entre textos e realidade social, ao negar uma mentira para revelar uma verdade” (MASSARANI et al, 2021, p. 38-39).

Frente a isso, pode-se dizer que o presidente Jair Bolsonaro foi um dos agentes-chave de interferência no trabalho da imprensa durante a pandemia da Covid-19, fazendo com que as redações jornalísticas criassem mecanismos de enfrentamento à desinformação. Ele usou o alcance das redes sociais para insinuar curas e tratamentos ineficazes, apenas como forma de intensificar uma disputa com a imprensa, e fazer valer as suas vontades. A postura levou o país a viver dias difíceis da crise sanitária.

Os jornalistas entrevistados para essa pesquisa relataram que as ações de Jair Bolsonaro foram cruciais para que uma parcela significativa da população destratasse, em todo o momento, as notícias publicadas pela imprensa, chegando a culpar a mídia pela gravidade da pandemia ou mesmo a ignorar a realidade por causa das declarações do mandatário de que a situação era diferente àquela retratada pelos veículos de comunicação. A narrativa jornalística ganha, portanto, uma interferência externa direta no decorrer da pandemia, sendo instigada a prestar informações contrárias àquelas divulgadas constantemente pelo presidente da República. Além disso, o jornalismo se tornou vigilante quanto às consequências dessa postura, monitorando as mídias sociais para saber quais eram as inverdades compartilhadas pelo público, com objetivo de desarticular a rede de desinformação instaurada com maior força na crise sanitária.

Dessa forma, os efeitos dessa postura também foram aparados devido ao trabalho do jornalismo que se reformulou para atuar neste momento de mudanças radicais. É válido lembrar que outros campos estiveram presentes para desmobilizar tais posturas governamentais e presidenciais para cobrar melhorias e punições a quem desacreditou a

doença. A CPI da Pandemia trouxe informações importantes das diligências e ações do Governo Federal na crise, contribuindo, em muitos casos, para a narrativa jornalística. Volto a destacar a cumplicidade de saberes que foram compartilhados entre as áreas, para que o jornalismo pudesse escrever notícias e tornar visíveis assuntos de interesse público, em um constante movimento complexo em prol da verdade e da democracia.

Os jornalistas se fizeram ainda mais presentes desde a chegada do vírus até a aplicação das vacinas. Apesar dos ataques em sua maioria liderados pelo próprio presidente, a profissão buscou intensificar o espaço à ciência como arma contra a desinformação, e procurar atuação conjunta com outras áreas para tornar seu produto – a notícia – mais profundo, complexo, completo e importante para o público.

### 3. MÉTODO PARA ALCANÇAR OS RESULTADOS

Para chegar a uma reflexão ampla sobre a complexidade na constituição da narrativa jornalística, precisa-se de alguns métodos que conduzam por esse caminho de construção do conhecimento. A metodologia pode ser considerada uma das principais etapas do estudo, haja vista que indica como se alcançar os objetivos propostos pelo pesquisador.

Silva (2005) diz que a metodologia tem como função “mostrar o caminho das pedras” da pesquisa. De acordo com a autora, essa etapa nos ajuda “a refletir e instigar um novo olhar sobre o mundo: um olhar curioso, indagador e criativo” (SILVA, 2005, p. 9). Ela complementa que na pesquisa precisamos muito além das regras, de criatividade e imaginação.

Dentro da metodologia existe o método, “a forma que o cientista escolhe para ampliar o conhecimento sobre determinado objeto, fato ou fenômeno” (ZANELLA, 2013, p. 19). A escritora sinaliza que é preciso organização e ordenamento durante as etapas de condução da pesquisa. Acredito que esta pesquisa se encaixa no método dedutivo, que analisa do contexto geral para o particular (MORESI, 2003, p. 25). A partir das discussões teóricas feitas, busco entender como a pandemia – fenômeno mundial – afetou o processo de constituição da narrativa do jornalismo em Roraima.

Esse tipo de método, potencializado pelo filósofo René Descartes, busca estimular o conhecimento empírico, associando-o ao prático. Explicando esse raciocínio, Borges (2014, p. 91) escreve que, assim como a diversidade de teorias intrigou Descartes, a “diversidade de opiniões e hábitos dos homens trouxe ao autor a convicção de que não existe um conhecimento supremo, e que muitas vezes o hábito nos impede de enxergar novas abordagens de estudo, o costume limita”.

A premissa pode, portanto, ser vista pela complexidade, ao instigar não um conhecimento, mas uma variedade de possibilidades. Se o hábito nos impede de olhar por essa

perspectiva, é porque há um processo de simplificação das ciências, como mostrei no primeiro capítulo. O método dedutivo, pois, buscar romper com a ideia de conhecimento absoluto e impenetrável, e nos direciona por uma vereda de possibilidades, neste caso de fatores que criam a narrativa.

Esta pesquisa se enquadra ainda como um estudo descritivo e analítico. Para Gil (2002, p. 42), as pesquisas descritivas “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

### **3.1. Veículos de comunicação**

Foram incluídos nesta pesquisa jornalistas que atuaram, durante o primeiro ano de pandemia (2020), em cinco veículos da imprensa de Roraima: Portal G1 Roraima, jornal Roraima em Tempo, TV Roraima (Globo), Rádio 93FMRR e Rádio 94FM, exercendo a função de repórter, produtor ou apresentador, ainda que não fizessem mais parte dos veículos no momento da entrevista.

O critério de seleção dos profissionais para essa pesquisa foi a formação superior em Comunicação Social/Jornalismo. Portanto todos os jornalistas não graduados na área foram excluídos. A partir desse critério entrei em contato com os diplomados e conduzi as entrevistas com aqueles que deram retorno positivo quanto à participação. Os veículos de comunicação foram escolhidos com base em dois critérios: o alto índice de audiência na área de atuação (rádio, portais de notícias e emissoras de TV); e a existência de vínculo político.

O G1 Roraima foi fundado em março de 2013 e pratica o webjornalismo, isto é, atualização em todo o momento sobre os principais assuntos do estado. Tem linha editorial definida pelo núcleo de São Paulo e Rio de Janeiro. É o segundo site mais acessado em Roraima, com possibilidade de reportagens serem veiculadas no que denominam *home nacional*, isto é, na página principal do Portal G1. Com isso, algumas matérias produzidas em Roraima ganham repercussão nacional e têm maior visibilidade, o que o diferencia de todos os portais de Roraima. O portal está vinculado ao grupo da Rede Amazônica, parte da Rede Globo de Comunicação.

A este mesmo grupo pertence a TV Roraima, a emissora de televisão com maior índice de audiência no estado, já que consegue ser transmitida para todos os quinze municípios de Roraima. Dessa forma, as notícias produzidas chegam a milhares de residências diariamente, fazendo com que a emissora, no quesito visibilidade, esteja à frente de outras emissoras. Esse foi o motivo para escolha do canal. De acordo com a grade de programação: há o Bom Dia



Amazônia, às 5h, Jornal de Roraima 1ª edição, às 11h, e Jornal de Roraima 2ª edição, às 18h10. Todos eles com produção local. O restante da programação segue as transmissões nacionais da TV Globo.

Batizada de Rádio Equatorial, mas conhecida como 93FM, a emissora de rádio tem mais de 40 anos de atuação no mercado roraimense. Apesar de não alcançar todos os municípios de Roraima, concentra grande público ouvinte na capital Boa Vista, com índices de audiência que chegam a ser duas vezes mais que a segunda colocada, razão pela qual foi escolhida para este estudo. A rádio afirma que tem histórico de compromisso com a informação, com a prestação de serviço à comunidade e o entretenimento, e está presente em plataformas digitais e em mídias sociais.

Tabela 01 – Programação da Rádio 93FMRR

De segunda a sexta	Programa	Apresentador	Teor
Das 5h30 às 7h30	Brasil Sertanejo	Carlos Mesquita	Música sertaneja
Das 7h30 às 8h30	Café com Notícias	Mirian Faustino e Rafael Lima	Notícias, reportagens, opinião e comentário, com participação dos ouvinte
Das 8h30 às 12h30	Show da Manhã	Éric e Sâmia	Música, promoção, horóscopo, fofocas, etc. Entretenimento
Das 12h30 às 13h	Jornal da 93	Mirian Faustino e Rafael Lima	Reportagens e notícias. Programa jornalístico
Das 13h às 14h30	Rádio Verdade	Bruno Perez	Opinião, bastidores, notícias, reportagens, entrevistas
Das 14h30 às 18h	Insano	Bernardo Uailã	Música, promoção. Entretenimento (ao final do programa, cinco minutos são dedicados ao programa “Hora da Notícia”, com resumo de informações diárias)
Das 18h às 20h	A Voz do Brasil	Apresentação nacional	Notícias e reportagens da grade nacional
Das 21h às 22h	RoraiCap	Apresentação rotativa	Sorteio de prêmios
Das 22h à 0h	De Boa	Sid Barroso	Música e entretenimento

Fonte: Autor

O jornal Roraima em Tempo faz parte do mesmo grupo de comunicação da Rádio 93FM e compartilham informações que chegam às duas redações, já que estão situados no

mesmo prédio. O jornal foi criado em janeiro de 2015 com edições impressas diariamente e circulação na capital Boa Vista e municípios do interior. As primeiras edições começaram a circular em março de 2015. No mesmo ano, o jornal ganhou um site para a versão online das notícias que eram produzidas para o impresso. À época, a equipe era composta por editor-chefe, editores assistentes, chefe de redação, repórteres, diagramadores, fotógrafos, vendedores de jornais, motoristas, além da equipe administrativa e o setor comercial.

Após quatro anos de circulação, o jornal migrou para a versão online, mas ainda mantinha um espaço dentro do site para armazenar os cadernos virtuais diariamente – aqueles que seriam impressos. O site passou pela primeira reformulação e a equipe foi enxugada. Ainda em 2019, o site passou por uma segunda mudança de *layout* e os cadernos virtuais deixaram de existir, ficando apenas notícias produzidas para o webjornalismo. Ou seja, o jornal migrou totalmente para o mundo virtual.

Em 2021, o site do jornal passou por uma repaginação total, deixando o domínio anterior, focando no imediatismo, e até mesmo as cores foram alteradas, passando do laranja com verde para o preto com verde. Como consequência da mudança, perdeu todas as matérias jornalísticas que tinham sido escritas para o site anterior. Uma perda inimaginável para o acervo midiático e para a História de Roraima. À época desta pesquisa, a equipe era composta por: um editor-chefe, dois editores assistentes e quatro repórteres, com atuação das 7h à 0h, diariamente, em diferentes editorias.

Considerado como o terceiro maior portal de notícias do estado, foi escolhido por ter forte vínculo com um grupo político, o que ajudou a entender como ocorriam as interferências políticas no veículo, bem como no grupo de comunicação do qual ele faz parte. Apesar de outros portais também terem essa característica, avalio que o jornal pode trazer elementos concretos de atuação, que outros veículos podem não oferecer.

### 3.1.1. Exclusão de veículo da pesquisa

No início deste estudo, havia indicado um quinto veículo para análise, a Rádio 94FM, que também ajudaria no objetivo almejado. Contudo, no decorrer da pesquisa, a investigação levou à triste notícia de que todos os jornalistas que trabalhavam no veículo de comunicação no primeiro ano de pandemia não tinham formação acadêmica em Comunicação Social/Jornalismo. Com isso, o veículo foi retirado do estudo, tendo em vista que um dos critérios de exclusão para a fase de entrevista era justamente a falta de diploma universitário. Lamentável que isso tenha ocorrido e revela outra realidade que precisa ser debatida: a

ausência de profissionais formados nos veículos de comunicação não apenas em Roraima, mas pelo Brasil. A extinção da exigência do diploma para exercício da profissão deixa sequelas no mercado de trabalho.

Sem o veículo de comunicação mencionado, as entrevistas foram reduzidas de 10 para oito, o que pode deixar de fora contribuições importantes para a pesquisa. Mesmo assim, o material coletado com os profissionais participantes revelou interferências importantes de serem debatidas e refletidas, bem como informações sobre como era e como ficou o cenário de atuação jornalística durante a crise sanitária. Destaco, ainda, ser relevante ter dois jornalistas de cada veículo, pois, em alguns casos, um revelou interferências que o outro não havia mencionado, mostrando, dessa forma, que as interferências podem se manifestar de formas distintas no mesmo ambiente de trabalho.

### **3.2. Entrevista com profissionais dos veículos de comunicação**

Para se atingir as informações necessárias para a análise final deste estudo, foi feita uma entrevista semiestruturada (Apêndice A) com oito jornalistas dos quatro veículos de imprensa citados anteriormente. Através de perguntas abertas, coletaram-se informações sobre as interferências externas e internas, que estão ligadas à constituição da narrativa jornalística. Os profissionais tiveram a identidade preservada, pois acredito que, dessa forma, se sentiriam mais à vontade para falar sobre temas delicados em Roraima, como é o caso da interferência política, que fica nítida na análise elaborada.

Mattos (2005, p. 825) diz que as entrevistas:

(...) servem a pesquisas voltadas para o desenvolvimento de conceitos, o esclarecimento de situações, atitudes e comportamentos, ou o enriquecimento do significado humano deles. Isso tem extensões poderosas na geração de teorias e decisões práticas, e não se confunde com outro tipo de utilidade, a generalização indutiva, propiciada pela estatística.

Alves e Silva (1992, p. 61) acrescentam que esse tipo de entrevista está dentro da análise qualitativa do que foi coletado, “um processo indutivo que tem como foco a fidelidade ao universo de vida cotidiano dos sujeitos”. Lima e colaboradores (1999) afirmam que a entrevista é uma importante técnica para que os agentes traduzam suas representações do ambiente de trabalho, bem como para discorrem sobre a experiência a partir do foco principal exposto pelo pesquisador. Esse método foi essencial para coletar detalhes sobre o dia a dia dos jornalistas em meio à pandemia, como as notícias foram construídas, quais aspectos eram

levados em consideração nesse processo, como a desinformação ajudou na construção de notícias, como as determinações dos veículos de comunicação interferiram na constituição das reportagens, de que forma a política influenciou no direcionamento da narrativa das notícias.

Por isso, foram selecionados previamente os jornalistas que atuaram nesses veículos durante a crise sanitária, alguns já não faziam mais parte da equipe. Mesmo assim, o testemunho não é descartado, já que estiveram atuando na linha de frente da pandemia e contribuíram com elementos-chave para essa pesquisa. Após aprovação do Comitê de Ética<sup>17</sup>, marquei um horário com cada um dos jornalistas que aceitaram participar da pesquisa, e todas as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, decupadas. A partir dessa etapa, com a revisão bibliográfica já exposta, analisei a constituição da narrativa jornalística através do olhar dos próprios profissionais.

Foram quase 80 páginas de descrição de entrevistas, com cerca de 10 horas de gravação. Parte dos entrevistados preferiu fazer a entrevista de maneira virtual, enquanto outros conversaram presencialmente. Interessante dizer que, após ouvir todos os jornalistas, grande parte das mudanças provocadas pela pandemia foi relatada de forma semelhante por eles. Isso indica como algumas ferramentas do jornalismo foram afetadas, na sua essência, e sentidas por todos os profissionais da imprensa, independente do tipo de jornalismo exercido (TV, rádio ou web). Contudo, há situações particulares de interferências em cada um dos veículos que merecem atenção e discussão, o que farei no próximo capítulo.

Sendo assim, a pesquisa é qualitativa, já que “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31) Através desta técnica aprofundamos nossa análise para compreender os aspectos que influenciaram na construção da narrativa sobre a Covid-19. A qualidade da pesquisa é uma busca informações aprofundadas e ilustrativas do objeto que se está estudando (DESLAURIERS; KÉRISIT, 1991), neste caso, as notícias sobre o coronavírus publicadas nos veículos de comunicação.

Minayo (1995, p. 21-22) complementa que a pesquisa qualitativa é aquela que “trabalha com o universo de significados, motivações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo de relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização”. Essa perspectiva qualitativa encontra respaldo na concepção que trouxe sobre a complexidade: um processo que abraça as diversas frentes de

---

<sup>17</sup> A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Roraima (CEP/UFRR), no dia 8 de julho de 2022. A autorização está registrada sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 58504122.6.0000.5302.

um mesmo assunto. Para se chegar a uma conclusão, é necessário estar atento a todos os agentes que participam da constituição da narrativa.

A partir da análise, é possível atingir um caráter multidimensional do fenômeno em questão, o que se aproxima da tese de Edgar Morin: para entender o processo de constituição da narrativa, é preciso mergulhar a fundo nos relatos dos jornalistas, ricos em detalhes da realidade estudada. Logo, a entrevista semiestruturada é um poderoso elemento para obtenção de artefatos que ajudem a interpretar o cotidiano.

Trata-se de definir núcleos de interesse do pesquisador, que têm vinculação direta aos seus pressupostos teóricos (abordagem conceitual) e contatos prévios com a realidade sob estudo; ou seja, existe uma direção, ainda que não de forma totalmente declarada, para o conteúdo que vai ser obtido nas entrevistas (Queiroz, 1987), ao mesmo tempo em que a garantia de adequação do roteiro ao universo de vida dos sujeitos. (ALVES; SILVA, 1992, p. 63)

As autoras citam ainda ser importante que, no decorrer da abordagem qualitativa, o pesquisador não se torne um sujeito isolado do seu objeto, isto é, o contato com a realidade pesquisa é essencial para o bom resultado do trabalho. Não se pode, contudo, perder o compromisso com a crítica e a responsabilidade com o universo científico. Esse movimento também faz parte da corrente teórica defendida por Morin, já que o autor rejeita o isolamento das partes na constituição do conhecimento e defende a unificação dos saberes. Para ele é necessário haver o contato entre os diferentes sujeitos para se chegar a um resultado mais promissor. Acredito que por ser jornalista e ter passado grande parte da pandemia dentro de uma redação jornalística, vivenciei na pele essa realidade.

Mattos (2005) vai ao encontro dessa perspectiva ao entender que a objetividade do pesquisador faz parte da análise qualitativa. Ele enaltece que, hoje, já existe um consenso que os fatos também recebem codificação pessoal e social do pesquisador, isso porque, segundo o autor, faz parte da argumentação da pesquisa. Isto significa que, a partir do diálogo entre o pesquisador e os jornalistas – no caso em questão – produz-se elementos que sustentam os núcleos pré-definidos no estudo científico. O que fazemos é procurar embasamento nos discursos coletados para estruturar as ideias centrais defendidas.

A objetividade da comunicação é regra básica na prática das comunidades científicas, de todos os credos filosóficos, e “lugar” sempre presente na comunicação ordinária. No caso dos diálogos de entrevistas, cabe, primeiro, procurar o jogo de linguagem do entrevistado (em face do entrevistador) em torno do valor objetividade; segundo, na análise que dele faz o pesquisador, promover um tratamento do fenômeno comunicativo tal que se produza uma interpretação compreensível e defensável perante o auditório dos pares. Essa é a razão e o limite da objetividade. (MATTOS, 2005, p. 832)

Bauer e Gaskell (2002) explica que a entrevista é o mecanismo para compartilhar ideias, significados e representações sociais, pois as experiências no entorno do tema abordado surgem de mentes individuais, criando, portanto, versões da realidade, que vão se encontrando em pontos comuns a partir da observação e análise do pesquisador. “Deste modo, a entrevista é uma tarefa comum, uma partilha e uma negociação de realidades” (BAUER; GASKELL, 2002, p. 74). Reforça-se, aqui, que o frente a frente, o perguntar e o responder, o entrevistado e o entrevistador, vão modelando os resultados a partir das projeções feitas na etapa anterior à entrevista.

Nesta pesquisa, acredito que o processo de constituição da narrativa perpassou por alguns espaços antes de definir o que seria entregue ao público. Como já defendi, esse trânsito da narrativa a torna complexa, porque as etapas que a constroem carregam características da complexidade: une diferentes perspectivas ao redor do assunto pandemia, que, sem dúvidas, estão presentes no momento da produção das notícias. Pondero, mais uma vez, que o intuito não é analisar a narrativa jornalística dos veículos mencionados, mas compreender e analisar a sua constituição.

Antes da pesquisa, as hipóteses indicavam que haveria quatro núcleos que direcionariam a narrativa jornalística: a pandemia, fator principal que desencadeou uma série de mudanças em todas as áreas, incluindo o jornalismo; as relações familiares e pessoais dos jornalistas, que manifestam, ainda que de maneira pouco visível, resquícios da identidade e da construção social; a profissão, que resguarda a ética do jornalismo e os conhecimentos inerentes à Comunicação; e, por fim, a política como fator que interfere e também direciona a construção das pautas diárias dos veículos e, conseqüentemente, a narrativa que desemboca para o público.

Contudo, como bem escreveram Bauer e Gaskell (2002), no que denominaram de “tópico guia”, o direcionamento da pesquisa pode ser modificado a partir das entrevistas. Os autores destacam que alguns assuntos correm o risco de cair no desinteresse dos profissionais ou eles não terem elementos e informações suficientes para embasar as hipóteses levantadas. Além disso, o transcurso da conversação com os jornalistas pode dar vida a outros subtemas, que se tornem mais aproveitáveis para a pesquisa, do que os sinalizados anteriormente pelo pesquisador, o que de fato aconteceu. As hipóteses levantadas estavam em partes certas. As interferências pessoais, familiares, políticas e empresariais estavam presentes.

Por outro lado, perdeu sentido as interferências profissionais, pois a atuação do jornalista enquanto jornalista não acarreta prejuízos à narrativa, mas, sim, como ele atua a

partir das forças externas e internas, no caso, como as outras interferências moldaram as notícias que ele estaca construindo. Dessa forma, na lacuna pessoal/profissional, levei em consideração apenas a interferência pessoal na constituição da narrativa complexa, já que o profissional é resultado das influências pessoais nesse processo. Além disso, outra interferência que surgiu não acoplada à política, foi a desinformação. Ela atuou de maneira determinante na crise sanitária, precisando de espaço exclusivo na análise, já que percebemos que a política agiu por diferentes caminhos e não apenas na propagação de desinformação.

Como ferramenta para a análise das entrevistas, utilizei a análise de conteúdo defendida por alguns autores para pesquisas de cunho qualitativo. Bardin (1997, p. 42) define a análise de conteúdo como:

(...) um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo de mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Sampaio e Lycarião (2021) defendem uma definição ainda mais ampla, que abarca situações qualitativas. Para os autores, a análise não se resume apenas a números, mas pode contribuir com conclusões ainda mais profundas sobre determinado assunto. Eles afirmam que a análise de conteúdo busca “descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos” (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021, p. 17). Dessa forma, acreditamos que a técnica foi válida para interpretar e detalhar elementos coletados na entrevista semiestruturada.

Depois da vasta coleta, a análise qualitativa do conteúdo sequenciou os discursos dos jornalistas nos tópicos predominantes e, aproveitando o conceito de “avenida” de Edgar Morin para se chegar ao desafio da complexidade, dividi o capítulo da análise em duas partes, onde são explicados os conceitos de Avenidas Principais e Avenidas Paralelas. Em síntese, as Avenidas Principais concentram as interferências sinalizadas pelos jornalistas: desinformativa, pessoal, familiar, política e empresarial. Já as Avenidas Paralelas apontam para as mudanças provocadas por essas interferências não apenas na narrativa jornalística, mas o que existe no entorno dela. Por isso, essas duas categorias de avenidas são os caminhos usados pelos jornalistas na crise sanitária, se cruzam constantemente no decorrer do processo de constituição da notícia, até chegar ao produto final: a narrativa jornalística complexa.

Bauer e Gaskell (2002) afirmam que a análise não é mecânica, mas um despertar para intuições criativas, que ajudam na hora de analisar o material colhido.

O objetivo amplo da análise é procurar sentidos e compreensão. O que é realmente falado constitui os dados, mas a análise deve ir além da aceitação deste valor aparente. A procura é por temas com conteúdo comum e pelas funções destes temas. Algumas perspectivas teóricas falam de representações centrais e periféricas, sendo as primeiras aquelas que estão disseminadas dentro de um meio social. (BAUER; GASKELL, 2002, p. 85)

Myers (2002) argumenta que a análise da conversa entre pesquisador e sujeito parte do objeto pesquisado e conduz a uma pesquisa mais reflexiva. No caso em discussão, o material coletado com os jornalistas foi essencial para compreender os impactos da pandemia na atividade jornalística e como isso afetou o cotidiano da redação, trazendo elementos do contexto maior, a pandemia, para entender ambientes menores, como a casa dos jornalistas. Ou seja, transitar da pandemia para o ambiente familiar, de lá para o ambiente de trabalho (que abrange contato interno e externo), e, por fim, como eles se comportam frente ao fator política, que considero um dos pontos-chaves de toda a discussão proposta.

Os resultados, portanto, estão vinculados a uma análise criteriosa, como defende Mattos (2005). Vão além das simples perguntas e respostas. Também está ligada às manifestações mínimas, como expressões faciais, gestos na entrevista, as manifestações de sentimentos. Myers (2002, p. 279) complementa que não há uma linguagem simples dessas características, já que se estendem “desde ‘oh’ até risos”. A análise também recebeu cargas de complexidade, já que reuniu diversos elementos capazes de dar suporte a uma análise profunda, que abranja situações comprovadoras de que a atividade jornalística é regada à complexidade.



#### **4. AVENIDAS PRINCIPAIS E PARALELAS: A COMPLEXIDADE DA NARRATIVA JORNALÍSTICA NA PANDEMIA DA COVID-19**

Início este capítulo reforçando que ele está dividido em duas partes. Uma divisão que me foi perceptível ao terminar as entrevistas com os jornalistas. De um lado mudanças provocadas pela pandemia dentro das redações jornalísticas, como em tantos outros lugares que não puderam ter seus serviços paralisados por causa do vírus; do outro, mudanças no processo de construção da notícia, que nos levam a entender o quão complexo se tornou fazer jornalismo na crise sanitária. Parecem ser situações similares dentro de um mesmo espaço, mas entendo que as interferências que geram a narrativa complexa darão sentido a esse primeiro cenário. Isto é, como construir notícias transformou o próprio jornalismo.

Ouvir os relatos de quem trabalhou na linha de frente da pandemia me fez pensar que existem dois níveis de acontecimento que modelam a narrativa jornalística complexa. O primeiro é formado pelas interferências no processo de construção durante a pandemia da Covid-19, aquelas que direcionam a narrativa das notícias e os seus próprios sentidos; já o segundo nível é caracterizado pelas transformações causadas pela complexidade aplicada à narrativa no jornalismo, ou seja, o que se evidencia após a narrativa complexa ser concretizada. Esses níveis ficam evidentes a partir de elementos trazidos pelos profissionais do jornalismo.

A análise de conteúdo, portanto, vai se debruçar pelo que denomino de avenidas, aproveitando o conceito de Edgar Morin para explicar o comportamento desses dois níveis. Dessa forma, divido a análise em dois momentos: Avenidas Principais e Avenidas Paralelas. Na parte dedicada às Avenidas Principais, trago a força das interferências durante a pandemia da Covid-19, como ela moldou a narrativa jornalística e de que forma ela se manifestou dentro dos quatro veículos participantes desta pesquisa.

Já as Avenidas Paralelas representam as mudanças provocadas para além da narrativa complexa e que foram identificadas ao analisar as manifestações dos jornalistas. Ou seja, o que ficou presente no cotidiano dos veículos de comunicação, mesmo após os momentos mais

graves da crise sanitária. Com isso, entendo que essas avenidas se complementam antes, durante e, principalmente, depois do processo de construção da narrativa complexa. Por isso, ao falar dessas avenidas, começo pelas “Principais”, já que detêm os objetivos da pesquisa, e continuarei com as “Paralelas”.

Essas avenidas se complementam com o passar do tempo e da cobertura jornalística e evidenciam transformações muito mais profundas que apenas aquelas que, inevitavelmente, o vírus causaria: o isolamento social, o uso de máscara obrigatório, álcool em gel, a utilização das tecnologias pelo jornalismo, registro de mortes e contaminações. Esta pesquisa revela como os jornalistas percorrem essas avenidas durante a pandemia: ora caminhavam nas Principais, ora caminhavam pelas Paralelas, em um movimento de exaustão em prol da informação para a sociedade. O trânsito dessas avenidas foi intenso e revela, agora, os impactos ao jornalismo e aos jornalistas.

Ao terminar as entrevistas e transcrever as horas de diálogos coletadas, identifiquei ao menos cinco tipos de interferências que fazem parte do processo de construção da narrativa jornalística na pandemia. Algumas delas exercem força maior no momento de se criar a notícia, outras agem de maneira mais velada. Entretanto, se os matemáticos dizem que a ordem dos fatores não altera o resultado, nesta pesquisa entendo que a ordem de classificação dessas interferências também não muda o fato de termos, ao final, uma narrativa complexa.

Contudo, para que haja uma compreensão sobre a intensidade de cada uma dessas interferências, a análise traz uma ordem, levando em consideração o grau das interferências, ou seja, aquelas que tiveram exemplos concretos dos profissionais e confirmação por parte deles de que existiram. Com isso, dentro das Avenidas Principais teremos cinco tipos de interferências, que ajudaram a criar a narrativa jornalística no período de pandemia:

- Interferência da desinformação;
- Interferência pessoal;
- Interferência familiar;
- Interferência política;
- Interferência empresarial.

Em cada uma dessas avenidas são retratadas as facetas da interferência, já que ela se manifesta de diferentes formas. Os relatos dos profissionais complementam as ideias analisadas e revelam detalhes importantes da atuação jornalística na pandemia de Covid-19.

Por outro lado, registro na segunda parte da análise trechos das entrevistas dos profissionais frente a questões pertinentes durante a execução das atividades jornalísticas.

Falaremos de três avenidas paralelas que se cruzam com as avenidas principais durante as atividades dos jornalistas. São elas:

- Relatos da cobertura da pandemia da Covid-19;
- Tratamento do público com a profissão;
- Um novo jornalismo?

Além de toda a transformação trazida e as consequências para o trabalho dos profissionais, é necessário ouvir as descrições de quem esteve na linha de frente da pandemia da Covid-19, mas não era enxergado dessa forma. O jornalismo se tornou alvo de ataques do presidente Jair Bolsonaro e de seus apoiadores e viu mudanças indicarem, talvez, um novo modelo de jornalismo. Esse panorama paralelo foca nas consequências das atuações das avenidas principais e as heranças deixadas pela pandemia.

#### **4.1. PRIMEIRA PARTE: OS EFEITOS DA PANDEMIA E A CRIAÇÃO DAS AVENIDAS PRINCIPAIS**

As Avenidas Principais se caracterizam pela força que tiveram sobre a narrativa jornalística e atuaram de maneira direta no processo de construção das notícias. Esses caminhos percorridos pelos jornalistas possuem momentos de percepção e de não percepção, ou seja, em alguns casos, os profissionais não identificaram as interferências profundas que ocorriam no momento de constituir a narrativa jornalística.

Identifiquei ao menos cinco Avenidas Principais no curso da análise: da desinformação, que indica como as mentiras ativaram uma espécie de radar jornalístico para detectá-las e combatê-las; da pessoalidade, que trouxe experiências da própria crise sanitária para o contexto de constituição da narrativa; das relações intrafamiliares, na qual se percebe que a família é usada como parâmetro para moldar a notícia; a política, que teve participação direta no processo, em alguns casos indicando como o veículo deveria se portar; e, ainda, a avenida empresarial, com mudanças na rotina de produção que afetaram a qualidade da narrativa jornalística.

É preciso reforçar que a análise produzida tece o fio da complexidade para entender como as interferências tinham papel central na decisão da condução narratológica. Quero dizer que recorreremos à complexidade para indicar que uma interferência não ocorre apenas quando há uma ordem de mudança na notícia, mas também é possível ocorrer com ações indiretas, por exemplo, atitudes políticas que resultaram em novas notícias.

#### 4.1.1. “Avenida Desinformativa”: o maior desafio da profissão

Falar de pandemia é esbarrar em um assunto que está atrelado tanto à narrativa quanto à complexidade: a desinformação. Gomes (2009) sustenta o jornalismo no pedestal da verdade devido aos mecanismos bem codificados de verificação e certificação. “É um sistema que atua no ramo da verdade” (GOMES, 2009, p. 12). Na pandemia, o faro jornalístico foi testado ao máximo no combate à desinformação, “fenômeno que tomou proporções tão grandes que passou a ser descrito pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma ‘infodemia’<sup>18</sup>”, (RECUERO et al, 2020, p. 2).

Tal perspectiva ressalta a presença e a importância da mídia como canal de informação, principalmente em meio à pandemia da Covid-19, que deu vida a um chafariz de desinformação, fenômeno que “disputa visibilidade e legitimação” (RECUEDO et al, 2020, p. 05). Minha hipótese aventava que a articulação dos jornalistas cresceu na pandemia, empurrada pela necessidade de combater discursos deturpadores da realidade, o que se concretizou nas falas dos entrevistados.

Para Recuero (2019), *fake news* é sinônimo de desinformação, e o propósito de enganar é o fator chave para o trabalho de espalhar a desinformação. Adotamos o conceito de desinformação, por defendemos que a notícia, por si só, carrega a condição de veracidade. Logo, não se pode falar em “notícia falsa”, pois a apuração é justamente para evitar a desinformação. Sendo assim, a notícia só é notícia, porque ela é verdadeira. Além da desinformação, uso os termos mentira e informação falsa para me referir a esse fenômeno.

“A *fake news*, assim, não se trata apenas de uma informação pela metade ou mal apurada, mas de uma informação falsa intencionalmente divulgada, para atingir interesses de indivíduos ou grupos” (RECUERO, 2019, p. 32). A autora acrescenta que grupos politizados nas redes sociais contribuem para esse fenômeno.

(...) a pandemia é percebida na mídia social como um assunto político-partidário, mais do que como um assunto de saúde pública. Com isso, a discussão sobre os modos de tratamento, as ações e mesmo elementos de mitigação é absolutamente polarizada e confundida com uma questão de filiação política pela população. (RECUERO, 2021, p. 13)

---

<sup>18</sup> Infodemia tem tornado resposta às emergências de saúde ainda mais difícil, afirma OPAS em aula inaugural de pós-graduação de comunicação em saúde. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6249:infodemia-tem-tornando-resposta-as-emergencias-de-saude-ainda-mais-dificil-afirma-opas-em-aula-inaugural-de-pos-graduacao-de-comunicacao-em-saude&Itemid=875](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6249:infodemia-tem-tornando-resposta-as-emergencias-de-saude-ainda-mais-dificil-afirma-opas-em-aula-inaugural-de-pos-graduacao-de-comunicacao-em-saude&Itemid=875). Acesso em: 25 de abril de 2022.

Como o jornalismo se comportou frente à desinformação no período de pandemia? Uma resposta unânime para uma pergunta simples e direta: todos os jornalistas responderam que acompanhavam as informações falsas compartilhadas pelo público e pensavam, na sequência, como combatê-las. A desinformação, que nesse trabalho tinha sido descartada do projeto inicial, voltou como a protagonista entre as interferências na narrativa jornalística na crise sanitária. Vejamos, pois, o que disse a jornalista 02 sobre o combate a essa falsificação de informações.

Foi muito difícil lidar com tudo isso, além de a gente ter que sempre estar em busca de informações atualizadas, é muito difícil conter as *fake news*, ainda mais nessa era em que a gente passa com a internet. Lembro que a gente produziu muito material sobre isso, a desinformação influenciou em muitos materiais que a gente fez, sempre ouvindo pessoas que podiam estar desmentindo situações, principalmente acerca da vacina. O mais difícil eram as informações de *WhatsApp*. A gente recebeu muitas mensagens nesse período de pessoas que se importavam se aquilo era verdade ou não. Muitas mensagens de informações falsas sobre o vírus. (JORNALISTA 02)

Observa-se que, nesta fala, há elementos importantes sobre o enfrentamento à desinformação. A jornalista utiliza a expressão “a gente ter que sempre estar em busca de informações atualizadas” para indicar que o jornalismo precisava acompanhar a proliferação dos boatos falsos na internet. Se não houvesse esse monitoramento do que estava acontecendo, dificilmente a mídia conseguiria combater a desinformação, o que nos levar a afirmar que a vigilância é requisito obrigatório para enfrentar a mentira, independente se é ou não pandemia. Contudo, a questão que se sobressai é que, na crise sanitária, há essa incontável propagação de informações falsas, exigindo atenção máxima dos jornalistas, principalmente porque a desinformação pode levar à contaminação e à morte.

Corroborar com essa perspectiva a fala do jornalista 05, que menciona uma espécie de plantão nas mídias sociais, para identificar possíveis informações falsas para serem rebatidas.

O que a gente fazia era monitorar as redes sociais para ver o que estava tendo de comentários dentro das próprias matérias, para pensar em formas de matérias que fossem serviço mesmo. (JORNALISTA 05)

Essa “perseguição” – vou usar as aspas para dar destaque – às mentiras se mostra apropriada, já que o efeito de transmídia (JENKINS, 2006) está presente nesse percurso da desinformação. Ou seja, o conteúdo migra entre os espaços virtuais: do WhatsApp para o Facebook, daí para o Instagram, por exemplo. Não é um fenômeno recente, como alertam diversos autores, mas se torna um grave problema na era digital em tempos de pandemia, que

tem como característica a força esmagadora de intensificar conteúdos nos meios de comunicação.

Por essa razão, o jornalismo aciona ferramentas para colocar conteúdo verdadeiro em circulação, como bem detalhou o jornalista.

Então a gente procurava especialista, o pessoal do Lacen que estava responsável pelo laboratório, pedia alguém para falar sobre o assunto, e criava uma matéria explicando a situação, sem nem fazer menção àquele comentário com a desinformação, justamente para não deixar que ele tomasse de conta da situação, para tentar manter o debate sobre a informação correta, que está sendo divulgada pelos meios de saúde, pelos cientistas. (JORNALISTA 05)

Essa declaração mostra claramente que há uma interferência direta da desinformação no direcionamento da narrativa jornalística. As informações falsas não pautam os veículos, mas os obrigam a desarticulá-las. A partir do momento em que essas mentiras são compartilhadas, elas entram no radar do jornalismo, que passa a rastrear as de maior impacto para combatê-las com dados, informações, relatos e embasamento científico. Isso se torna necessário, principalmente porque desinformações que beiram o absurdo eram tratadas como verdades, como bem exemplificou a jornalista 04.

A mais improvável de as pessoas acreditarem, e até hoje eu fico pensando como as pessoas acreditam nisso, foi quando surgiu a vacina. Diziam que a vacina era um chip, que você seria monitorado pelo governo. As pessoas realmente acreditaram nessa história. Eu conheço muita gente que acreditou. Meus pais moram no interior e meu pai acreditou por muito tempo que a vacina era um chip que o governo estava colocando para te monitorar, para saber da tua vida. Essa para mim é a mais grave e a mais esdrúxula também. (JORNALISTA 04)

O jornalista 08 foi categórico ao trazer os estragos causados pela desinformação.

Acho que as *fake news* foram as principais vilãs dessa pandemia. Primeiro foi o vírus, depois veio a segunda vilã, que eram as *fake news*, porque a gente pôde observar a maldade, a malícia, e o quanto isso prejudicou tantas pessoas que pensavam que produto tal mata o vírus, e acabou que não serviu de nada, até em relação àqueles medicamentos da Cloroquina, que muitas pessoas acreditavam que conseguiriam se livrar da doença, porque viram nas redes sociais. Acabou que não resolveu e muitos morreram. O impacto das *fake news* na pandemia foi bem grande na vida das pessoas, porque isso dificultou o trabalho da imprensa e até dos profissionais de saúde sérios que estavam empenhados em lidar com aquilo tudo. (JORNALISTA 08)

E esse é o papel da desinformação. Nela “existe uma ação deliberada para enganar os consumidores” (MENESES, 2018, p. 40). “A *fake news*, assim, não se trata apenas de uma informação pela metade ou mal apurada, mas de uma informação falsa intencionalmente

divulgada, para atingir interesses de indivíduos ou grupos” (RECUERO, 2019, p. 32). Recuero acrescenta que grupos politizados nas redes sociais contribuem para esse fenômeno.

(...) a pandemia é percebida na mídia social como um assunto político-partidário, mais do que como um assunto de saúde pública. Com isso, a discussão sobre os modos de tratamento, as ações e mesmo elementos de mitigação é absolutamente polarizada e confundida com uma questão de filiação política pela população. (RECUERO, 2021, p. 13)

Neste ponto, trago para essa discussão algo sobre o qual venho escrevendo há um tempo e que dificulta ainda mais o combate às mentiras: a apropriação da narrativa jornalística por parte da desinformação (FERREIRA, 2020). Isto é, indivíduos ou grupos desinformadores, como método para legitimar a informação falsa. Com isso, ao adotar a linguagem o mais próximo da realidade, praticada pelo jornalismo, as informações falsas dificultam o leitor a distinguir a diferença entre a verdade e a mentira. Por essa razão, há uma necessidade de a população buscar a distinção entre mensagens compartilhadas nas redes.

Silva (2019, p. 4) diz que nesse atual cenário a desinformação se refugia em “páginas com designações semelhantes a jornais de referência, dificultando à maioria da população a identificação e distinção”. É que com o passar do tempo, tornou-se perceptível o fortalecimento de sites que utilizam da estrutura narrativa do jornalismo para propagar conteúdo, “fazendo com que muitas pessoas sejam enganadas e percam a possibilidade de compreender e aplicar as medidas preventivas baseadas na ciência. Alguns recorrem a remédios sem comprovação científica ou negam a existência da doença” (JOVORSKI; BARGAS, 2020, p. 6). Isso é explicitado pelo jornalista 01, que afirma que a imprensa precisou provar que estava certa durante a pandemia da Covid-19.

As pessoas entendem que uma página qualquer no *Instagram* ou no *Facebook* é um meio de comunicação, e não é. Quem está por trás? Alguém assina? Ou só copia e cola dos outros meios de comunicação? A mídia oficial é a rádio, a TV, o jornal, que tem um repórter que assina ou um apresentador que põe a cara, que dá a informação. Não é uma página criada do dia para noite e ninguém sabe quem está por trás e sai compartilhando. As pessoas misturam tudo isso, porque alguém compartilha um link ou um artigo que não tem uma assinatura, não tem credibilidade, de uma página que ninguém conhece. Isso é mídia? Para mim não é. Então o que está na mídia social, que não tem uma chancela, não é um órgão oficial, não tem um repórter assinando, para mim não é mídia. A imprensa lutava até contra isso que estou dizendo, ter que provar que estava certa. (JORNALISTA 01)

Nota-se, dessa forma, que o jornalismo precisou buscar seu destaque de protagonista da verdade, resgatar a fé pública e reafirmar a parcela significativa que possui na construção da realidade, já que a narrativa é tomada de assalto pela desinformação, que utiliza

ferramentas desse processo, mas o deturpa e o falsifica. Se a constituição da narrativa jornalística passa pela enunciação, ou seja, pelas interferências pessoais do indivíduo que dá vida a ela, esse processo é semelhante na desinformação, criando, assim, uma narrativa desinformativa. Essa apropriação é feita para confundir o público, já que o indivíduo, de livre e espontânea vontade, movido pelos próprios interesses cria informações totalmente mentirosas para distribuí-las a um público específico ou não.

Não se pode deixar à margem do esquecimento que a desinformação é principalmente criada por interesses políticos. Essa sede em contrapor as notícias verdadeiras perpassa por vieses ideológicos presentes no cotidiano dos sujeitos que as recebem. Sendo assim, as informações falsas possuem potencial disseminação devido ao “contexto cultural e político propício que vivenciamos em grande parte do mundo, marcado por radicalizações políticas e por uma espécie de guerra ideológica que divide a sociedade em grupos antagônicos e rivais” (ALVES; MACIEL, 2020, p. 150-151).

Faço uma ressalva, no entanto, à questão política tratada neste tópico. O que se discute é como a desinformação resulta desses interesses políticos, que podem ser ditados pelos partidos políticos ou seus líderes, como também de manifestações avulsas. Mais adiante, vou tratar da interferência política direta à constituição da narrativa. A desinformação, agora, é vista como resultado de força política, que opera de maneira independente, isto é, não precisa necessariamente de uma motivação política para ocorrer, ela pode ser gerada por quem não tem esse viés político. Por isso, registro que a política opera em dois sentidos: a produção da desinformação pautada nos discursos de lideranças políticas (o presidente Jair Bolsonaro, como mostrado), discutida neste tópico; e a interferência direta da política na construção das notícias, trazida mais adiante. Por mais que esses caminhos se cruzem, eles têm atuações diferentes.

Recuero (2021, p. 27) complementa que essas narrativas adotadas na informação falsa têm cunho político para defender uma ideologia política. Essas narrativas estão presentes no que a autora descreve como “veículos apócrifos e hiperpartidários”, cujo objetivo é produzir e circular desinformação. Essas mídias digitais “possuem a aparência de veículos informativos, mas produzem conteúdo que favorece uma ideologia específica, frequentemente com estratégias como sensacionalismo, anonimato, e *clickbait*s para potencializar a circulação do que publicam” (RECUERO, 2021, p. 27). Esse lado político-ideológico fica evidente na fala do jornalista 08.



A gente sabe que, infelizmente, o país está bem polarizado politicamente, falando de ideologias políticas. Com isso, surge a questão: “Ah, se você está desacreditando a Cloroquina, se você está desacreditando a Ivermectina, você é comunista, você está contra o presidente”. A gente sofreu, e até hoje a gente sofre muitos ataques, muitos comentários, nesse sentido: se o político da pessoa fala uma coisa e a gente mostra outra, estamos errados, estamos divulgando *fake news*, sendo que a nossa base é a ciência, são os especialistas, a FIOCRUZ, o Ministério da Saúde, que infelizmente não atuou como deveria, mas é uma fonte oficial. Então a gente tenta levar para esse lado, de mostrar a verdade, mas as pessoas, infelizmente, querem enxergar o que é conveniente para elas, o que o político de estimação, digamos assim, está tentando propagar. (JORNALISTA 08)

Corroborar com essa declaração a fala do jornalista 01.

Quando eu fiz (uma denúncia), o Governo do Estado capitaneou todos os cargos comissionados ou a maioria dos cargos comissionados para me atacar e atacar a minha família nas redes sociais, porque a palavra da moda ainda é *fake news*. A gente volta para o início: o que não me interessa é *fake news*. (JORNALISTA 01)

O primeiro profissional é claro ao mencionar que determinadas pessoas só enxergam aquilo que o grupo político ou líder partidário tem como verdade, no caso do governo Bolsonaro, a desinformação era a grande cartada, o que era seguido por governos estaduais, como o de Roraima, que tinha um chefe do Executivo bolsonarista. Ao citar Governo do Estado, o jornalista 01 refere-se a Antonio Denarium (reeleito em 2022), representante do governo, a quem culpa pelas críticas sofridas após a denúncia feita na emissora. Dessa forma, as mentiras difundidas pelos apoiadores eram colocadas em contraponto ao trabalho jornalístico por meio da disseminação em grupos de mídias sociais, acarretando a fiscalização por parte do jornalismo e posterior matéria rebatendo o posicionamento baseado na desinformação.

Logo, o campo da desinformação entra em tensão com o campo do jornalismo, como resultado do movimento do campo político. Dessa forma, a complexidade discutida por Morin (2005) se mostra nítida nesse relacionamento conflituoso, já que essas tensões entre os campos gera matéria-prima para o jornalismo. Ou seja, diferentes notícias são publicadas a partir da interferência da desinformação no processo de produção, direcionando a narrativa jornalística para a desconstrução de informações e discursos mentirosos, já que para isso precisará acionar alguns agentes fora do contexto jornalístico, tais como: os comentários nas mídias sociais, especialistas da Saúde, relato de algum personagem que passou pela situação que está sendo discutida – alguém que não se vacinou e ficou em estado grave, por exemplo –, dados científicos, etc.

A jornalista 06 também trouxe a perspectiva de que o trabalho publicado pelos veículos de comunicação, que não seguia as falas do presidente e correligionários, era atacado

e tachado de desinformação. Para ela, foi “desesperador” perceber que a população engrandecia o discurso da mentira e a inércia dos órgãos fiscalizadores era uma espécie de autorização para que essa postura persistisse. Por causa disso, ela enaltece o papel fundamental do jornalismo frente à propagação da desinformação, lembrando, inclusive, que, graças aos jornalistas, suspeitas de esquema de superfaturamento de compra de vacinas foram denunciadas durante a crise sanitária. Mais do que isso, coube ao jornalismo a responsabilidade de buscar tornar público aquilo que a população, representantes de organizações e as autoridades dos Poderes Constituintes não estavam sabendo.

O jornalismo foi fundamental para esclarecer tudo isso que estava acontecendo na pandemia. Por mais que tenha todo esse trabalho, toda essa desconfiança da população com os jornalistas, com os veículos de comunicação, eu vejo como uma forma de confrontar de verdade, sim, o presidente, o governo, todos os seus ministros que estavam envolvidos em todo esse papel de propagar *fake news*. Foi uma peça fundamental. O jornalismo foi importantíssimo para isso. (JORNALISTA 06)

Mais uma vez, é perceptível como o fio da complexidade tece a relação para fora do campo jornalístico, já que, em meio aos ataques o jornalismo evidencia fatos que desembocam em outros campos, como o da Justiça. A CPI da Pandemia, mencionada pela jornalista 06, levou em consideração dezenas de reportagens que denunciavam a atuação do Governo Federal na crise sanitária. A partir do compartilhamento dessas informações, os senadores debateram as posturas negacionistas, construíram relatórios após meses de atuação e entregaram para a Justiça decidir sobre as responsabilidades apuradas. Assim como as discussões podem partir do ambiente externo à redação, esta mesma redação pode levar informações importantes para o público, e que vão embasar outras atuações, como da própria CPI.

Importante também ressaltar a fala da jornalista 03 em relação ao uso do termo “mentira” pelos veículos de comunicação durante a pandemia da Covid-19.

O que eu gosto muito do jornalismo, e acho que isso foi muito reforçado, é fazer matérias relatando e dizendo: isso é mentira, isso é verdade, isso é fato, isso é *fake*. Essa criação de rebater e de dizer: não, isso aqui é mentira. Atualmente, acho que a gente está utilizando cada vez mais isso, porque antes a gente não dizia que algo era mentira ou que uma pessoa mentiu. O jornalismo também aprendeu muito durante esse período de pandemia a falar: isso aqui é realmente mentira, isso aqui vai te prejudicar. O jornalismo conseguiu se reinventar em relação a isso e utilizar do mecanismo, que é aprofundar com base científica, com fontes confiáveis, enfim, mostrando o que seria um meio mais confiável para sociedade. (JORNALISTA 03)

Sem dúvidas, como também defende Barsoti e Aguiar (2021), o jornalismo vem mudando seu vocabulário desde o ano de 2015, trocando palavras como “falsidade” por “mentira” nas manchetes dos noticiários. Segundo os autores, o jornalismo busca resgatar o status de veracidade, tendo como primazia outras áreas de estudo, como a ciência, colocado em desconfiança durante a pandemia pelo presidente Jair Bolsonaro e seus ministros. “Não há mentira sem intenção de enganar” (BARSOTI; AGUIAR, 2021, p. 136).

Logo, a mentira traz prejuízos ao espaço público, pois promove comportamentos distorcidos que colocam em risco a ordem social. A grande diferença é que a propagação da desinformação na pandemia é feita de forma consciente, na contramão do que a ciência recomendava, sabendo dos riscos que as pessoas corriam ao tomar para si declarações sem fundamentos, que exigiam das plataformas digitais uma resposta rápida para derrubar conteúdos completamente falsos. Dito isso, não há espaço para equívocos, justificar com um “eu não sabia”, sendo que a comunidade científica atualizava constantemente as diretrizes para ajudar os países no enfrentamento à pandemia.

Dessa forma, não cooperar com a postura enganosa é uma obrigação do jornalismo e um ato de resistência ao descompromisso daqueles que insistem em permanecer na narrativa desinformativa. A jornalista 07 comenta que essa apuração, essência do jornalismo, se tornou mais minuciosa na pandemia.

Depois que a gente começou a lidar com uma doença que ninguém conhecia, não sabia absolutamente nada, como você vai falar sobre ela? Essa questão da apuração, de descobrir cada detalhe, cada minúcia, não só da pandemia, mas de tudo, acabou nos deixando mais preocupados. Porque como tivemos que fazer muito isso durante a pandemia, pensávamos: vamos pesquisar isso, vamos falar dessa vacina, vamos esperar sair de uma fonte oficial. Até essa cobertura de checagem dos fatos a gente começou a ter uma preocupação muito maior. Digo por mim, que tentei passar isso para as pessoas que eu estava gerindo. (JORNALISTA 07)

Nesse cabo de guerra, portanto, o jornalismo permanece do outro lado mantendo sua responsabilidade social em meio à desinformação. Evidenciar as mentiras de lideranças, órgãos ou instituições, por meio da narrativa jornalística, é reforçar o cuidado que a população precisa ter e resgatar a confiança do público. Essa batalha comunicacional contra esse núcleo corruptivo da desinformação, que interfere na constituição da narrativa de forma direta, deve ser mantido sempre, com o vigilância redobrada, como se viu na pandemia.

#### 4.1.2. Transitando pela “Avenida Pessoal”

Se a desinformação interferiu na constituição da narrativa, o lado pessoal dos jornalistas também aflorou neste momento. Com exceção do jornalista 08, todos os outros sete profissionais indicaram e exemplificaram como suas vivências pessoais transpassaram a fronteira profissional e estiveram presentes no cotidiano jornalístico. Ainda que se levante a tese de que isso todos sabem que o jornalismo não é imparcial, como ocorre essa interferência pessoal no transcurso da notícia? É preciso, assim, deixar de lado esse pensamento reducionista e simplista de que todo jornalista toma partido de um lado e passar a discutir a fundo essas interferências na constituição da narrativa, o que farei neste segundo tópico voltado à avenida da pessoalidade.

O autor Hunter Thompsom defende a teoria do Jornalismo Gonzo. Em síntese, essa modalidade prioriza as experiências do jornalista no espaço do outro e permite que emoções e as experiências vividas pelo profissional sejam colocadas nos textos, em primeira pessoa, esvaecendo-se das técnicas clássicas do jornalismo. O teórico critica o modelo tradicional da pirâmide invertida, que tinha o *lead* como “encabeçador” do texto. Ouso dizer, no entanto, que a tese de Thompsom não dá conta do que propus discutir. Talvez, sua contribuição esteja em realçar a necessidade de se levar em consideração as experiências pessoais do jornalista no processo de constituição da notícia.

Por outro lado, as manifestações dos profissionais nesta pesquisa, no que tange às contribuições pessoais, parecem estar resguardadas em um espaço neutro entre a fronteira da pessoalidade e da impessoalidade, não havendo uma regra clara da dosagem de sentimentos e emoções que pode ser depositada na notícia, muito menos uma classificação para esses comportamentos, vistos por muitos como não aceitáveis. O jornalista 08, por exemplo, acredita que o jornalismo não pode tomar lado, tese refutada pelo jornalista 01, que foi enfático ao dizer que todos os veículos de comunicação tomam partidos e são movidos por interesses particulares, o que, por si só, afastam a tese de imparcialidade.

Acredito que não existam regras claras sobre o que pode ou não fazer parte do processo de construção da notícia, quando o assunto são as relações pessoais do jornalista com o produto midiático. Ao que tudo indica, há uma zona neutra em cada indivíduo, que regula o grau de interferência pessoal na notícia, o que depende de cada indivíduo e como ele encara a pessoalidade na narrativa jornalística. Entretanto, faz-se necessário prevalecer o compromisso com a verdade, a ética profissional e a responsabilidade social. Instigo que as teorias discutidas nas academias não suportam o peso da pessoalidade na construção de notícias e apenas norteiam os profissionais pelo caminho na busca pela imparcialidade. Dessa forma, os jornalistas atuam diariamente sob o manto da “imparcialidade”, mesmo sabendo

que ela é utópica em sua totalidade. Faltam, portanto, debates envolvendo a personificação do jornalista no processo narratológico-comunicacional.

Começo com a declaração da jornalista 06. Ela afirma que teve interferência pessoal, principalmente por observar que uma grande parcela da população seguia discursos desinformativos. Mesmo a jornalista afirmando que buscava ser o mais imparcial possível, as opiniões refletiam nos textos. Vê-se, portanto, que esse discurso de buscar a imparcialidade permanece mesmo os fatos concretos revelando que há interferência pessoal.

Acredito que mexeu com muita gente na forma de escrever, na forma de trabalhar, na forma de ouvir os outros, e isso sempre estava presente nos meus textos, até quando estávamos muito saturados do que era a Covid-19. Eu sempre tentava ser o mais impessoal possível nas minhas matérias e tentava abordar dessa forma, só que sempre com uma linguagem muito minha. Mas, como passava por outras pessoas, a gente sempre verificava isso e falava: a gente não pode colocar isso dessa forma, isso não é jornalismo, é sua opinião, a gente não pode trabalhar com isso, a gente tem que trabalhar com coisas que são notícias, que vão informar. Então como passava por todo um processo, acredito que no final acabava que não deixavam minha opinião tão em evidência como eu pensava. (JORNALISTA, 06)

A jornalista 03 trouxe exemplos muito mais claros sobre a interferência pessoal na construção da notícia, ao afirmar que, por ser contrária ao governo de Jair Bolsonaro, usava o jornalismo como ferramenta de descontentamento com a atuação governamental, isto é, buscava transmitir a verdade para combater a postura do governo.

O que tinha de influência pessoal era essa motivação de mostrar o que era verdade nesse momento. Por mais que eu não concordasse com posicionamentos, não fosse apoiadora do Bolsonaro, queria utilizar esse sentimento que eu tinha, porque a gente via que ele estava fazendo uma catástrofe na Saúde. Então acho que de influência era procurar esses motivos que pudessem mostrar o que estava acontecendo. Sentia muito essa necessidade de reforçar os mecanismos de segurança, sempre focando numa informação que eu tinha que dar para as pessoas como forma de proteger quem eu amava. Era sempre nesse intuito de mostrar para as pessoas que algo ia muito além de um teste positivo, por exemplo. A influência pessoal era desse lado mais político de verificar, de não concordar com a postura e querer utilizar o jornalismo como uma ferramenta para que as pessoas pudessem ter uma visão geral do que estava acontecendo. (JORNALISTA 03)

Têm-se, assim, resquícios da identidade do jornalista presentes na constituição da narrativa jornalística, o que torna essa escrita complexa, por trazer elementos socioculturais do profissional para o processo narratológico. Isso é ainda mais forte se considerarmos a identidade um elemento em peregrinação, caminhando pelo espaço-tempo, um fator em constante evolução, alteração e modulação, como já escrevia Stuart Hall (2006): as mudanças sociais afetaram a construção da identidade dos indivíduos, que, agora, vivem a instabilidade

do próprio eu. Ou seja, o sujeito tem um núcleo “interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2006, p. 11).

Ele lembra que os sujeitos no Iluminismo eram vistos como indivíduos totalmente centrados, sem capacidade de ampliar a própria consciência. Depois disso, no que denomina como sujeito sociológico, iniciou-se a reflexão sobre a complexidade do mundo e que a relação com as pessoas era importante para a constituição da própria identidade. “O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2006, p. 12).

É realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (...) A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. (HALL, 2006, p. 38-39)

Canclini (1997) acrescenta que a identidade não pode ser definida pela associação exclusiva a uma comunidade, e que ela está inteiramente ligada à cultura. Além disso, cita que os meios de comunicação também são responsáveis pelo constante processo de reelaboração das identidades dos sujeitos. Dessa forma, por exemplo, para se produzir uma notícia, despertam-se diferentes perspectivas no jornalista até chegar ao público.

Agnez (2014) fala que a identidade é um processo em constante evolução. A autora escreve que a formação identitária se cria durante a vida social, em experiências individuais e coletivas, a partir de negociações estabelecidas entre o “eu” e as condições às quais o sujeito está submetido. A identidade do jornalista pode ser observada em diferentes aspectos presentes no cotidiano: é alguém que trabalha com a verdade, sabe de tudo, acompanha os noticiários, nunca se desliga do mundo à sua volta, está sempre à disposição para cobrir qualquer evento, sai de casa sem hora para voltar, se arrisca nas pautas mais difíceis, enfrenta tempestades, vive as piores situações em busca da notícia, espera por horas em uma coletiva de imprensa, insiste por uma entrevista. Esse é o imaginário de uma identidade coletiva.

Assim, a identidade do jornalista é transversal na pandemia da Covid-19, já que a própria crise sanitária vai alterar essa identidade. Essa mutação identitária está ligada aos impactos provocados pela doença, às consequências dentro dos espaços sociais dos quais esse

profissional faz parte e às narrativas produzidas no decorrer dos meses de pandemia. Prova disso são as declarações feitas pelos jornalistas entrevistados quanto às mudanças provocadas na vida deles e como passaram a lidar com a narrativa jornalística a partir da vivência pessoal durante a pandemia.

Tive que mudar toda a minha rotina de vida. Jornalisticamente, tive que me adaptar a trabalhar de casa. E a cobrança pela produção de conteúdo permaneceu igual, não houve um relaxamento. Fora isso, minha família também pegou Covid-19, perdi familiares, fiquei nessa loucura de ir para hospital e trabalhar ao mesmo tempo. Mudou também a forma de pensar, a forma de apurar, e trouxe um pouco mais de agilidade. Fora do ambiente de trabalho, me tornei uma pessoa mais quieta, que não sai mais, não tem vontade de sair. (JORNALISTA 04)

Vejamos o exemplo da jornalista 07, que diz ter se tornado mais paciente após o período de pandemia e a infecção pela Covid-19.

Durante esse percurso de dois anos na pandemia, trabalhando com Comunicação, aprendemos a ser um pouco mais pacientes, acho que não só eu, mas a maioria das pessoas. Tive que aprender a ser mais paciente, porque eu não sabia. É aquela coisa: tente entender a dor do outro. Às vezes, eu tentava uma entrevista com uma pessoa e não sabia o que ela estava vivendo ou tinha vivido recentemente, então eu tinha que ter todo um tato para falar com ela. E se ela perdeu a família toda? E se eu estiver pedindo para ela me dar uma entrevista falando algo pessoal? Aprendi a ter muito mais tato com as pessoas, com os entrevistados, os especialistas, com quem eu estava trabalhando, já que eu também não sabia o que estava acontecendo, nem todo mundo gosta de chegar e se abrir: “gente, minha família está internada”. Tem gente que é mais fechada, que não gosta de dividir. Uma coisa que levo até hoje é de ter muito mais tato para falar com as pessoas, você não sabe o que elas estão vivendo. Tanto na pandemia quanto no contexto geral. (JORNALISTA 07)

A jornalista 04 traz uma perspectiva interessante sobre o dinamismo jornalístico que não foi afetado, isto é, a cobrança por conteúdo. Ainda no primeiro ano de pandemia, a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) publicou um estudo com 457 jornalistas de todo o país e identificou sobrecarga em 55% dos entrevistados, principalmente depois que foram desenvolver as atividades em casa. Esse índice levanta a hipótese da falta de confiança no desenvolvimento do trabalho dos jornalistas e como as empresas agem para garantir informação rápida, sem estrutura adequada. É como se as empresas precisassem fiscalizar dobrado se as funções estavam, de fato, sendo exercidas. Alguns dos jornalistas entrevistados nesta pesquisa ficaram meses em *home office*, enquanto outros ficaram em regime de escala.

Ao mesmo tempo em que estávamos cobrindo, também tivemos que nos reinventar na cobertura, de não ir para a rua produzir conteúdos, de ter que fazer de forma improvisada, numa estrutura que é pequena dentro do próprio veículo, por telefone, por *WhatsApp*, dependendo completamente da internet para ligar, fazer uma

entrevista, enfim, fazer todo o processo de apuração. Num certo período, tentamos fazer *home office* com a nossa cobertura. Tentávamos, muitas vezes, fazer algum material que não fosse só pandemia, mas não tinha como, tudo era voltado para a pandemia, porque a pandemia impactou até na forma de vivermos dentro da nossa própria casa, dentro do trabalho, com essa questão da proteção, o cuidado com a higiene. (JORNALISTA 02)

Inevitavelmente, a crise sanitária trouxe sequelas para além das paredes dos veículos de comunicação. A saúde mental dos profissionais foi extremamente afetada pelos impactos da pandemia. Acionamos, pois, o fio da complexidade para buscar no campo da psicologia explicações para essas mudanças de comportamento que estão ligadas à alteração da identidade dos jornalistas. Ficar mais recluso em casa com a política do isolamento social desencadeou efeitos diversos pelo mundo, como crises familiares, desemprego, depressão, rompimento de laços amigáveis, etc. Continuar trabalhando para gerar informação foi essencial para que os jornalistas também vissem suas identidades serem moduladas, de acordo com as percepções do seu entorno, ou seja, do que acontecia à sua volta.

Observamos as seguintes declarações:

(...) chegou um momento que eu fui afetada. Ainda é difícil (chorando). Até então, a gente noticiava vários e vários casos, as atualizações, os boletins de Covid-19... E a infecção chegou a mim (chorando). Um pouco antes, perdi amigos, e numa dessas perdas, enfrentei o meu medo e fui ao cemitério. Quando cheguei lá, me deparei com a quantidade de covas, todas elas eram novas, de pessoas que morreram por conta da Covid-19. Aquilo me impactou de uma forma que eu não consegui mais pensar. Eu ficava imaginando que, quando voltasse para o trabalho, a forma como eu noticiaria as mortes e novos casos, para mim, não seria mais a mesma. Tanto que falávamos, falávamos, falávamos, e eu percebi que não tínhamos noção da quantidade de pessoas que morreram por conta dessa doença. (JORNALISTA 02)

Eu diria que cobrir tudo isso, realmente, afetou meu psicológico, foi uma coisa de desgastar. Às vezes, coisas que eram muito de praxe para rotina me cansavam. Não porque eram atividades de trabalho difíceis, mas porque a rotina de lidar com essa cobertura de pandemia era muito intensa. Sabíamos que tinha uma hora para acordar no dia, mas para dormir, nunca sabíamos, porque tinham coisas absurdas acontecendo e você estava de carro checando. (JORNALISTA 05)

Esses testemunhos não deixam a menor dúvida que a pandemia da Covid-19, assim como em muitas pessoas, afetou a vida do jornalista e a perspectiva em relação ao trabalho. A carga estressante da redação é duplicada na crise sanitária pela checagem de fatos, desinformação, números alarmantes, críticas do público, descompromisso do Poder Público que impacta na ordem social. Enfim, uma infinidade de acontecimentos que elevam o grau de preocupação dos jornalistas, que precisam continuar atuando para informar o público. Esse



ápice de desgaste emocional pode ser observado no momento em que a jornalista 02 diz que já não conseguia enxergar a realidade da mesma forma.

Pereira e colaboradores (2020) enfatizam que a pandemia do coronavírus trouxe efeitos negativos sobre as emoções dos indivíduos. Aqueles infectados pela doença podiam experimentar fortes sentimentos, como: ódio, angústia, solidão e medo. Além disso, a falta de contato com os familiares em casa desencadearia momentos depressivos e de preocupação tanto para os enfermos quanto para a própria família. Os autores sugerem que a falta de controle no isolamento social é catalisadora para o surgimento de sintomas de ansiedade e até mesmo depressão. Essas consequências da crise sanitária não foram, portanto, um fato isolado aos jornalistas, mas possuem carga ainda maior devido à pressão social e empresarial por informações imediatas sobre o vírus, como bem mencionam as jornalistas 02 e 05 em suas entrevistas.

Até hoje eu tento me policiar, porque, às vezes, acabo meio que me estressando com algumas situações que envolvem a pandemia. O fato de que para as pessoas virou uma coisa muito comum, como se fosse realmente aquela gripe que se falava lá no começo, para mim ainda não é. Eu tive certa dificuldade quando voltei a trabalhar. (JORNALISTA 02)

Profissionalmente, já é difícil trabalhar numa redação todo dia, você tem correria, toda uma dinâmica de redação, é estressante, só que isso dobra durante a pandemia. O estresse é maior, o cansaço é maior, modifica totalmente o lado profissional. De estar estressada, de estar cansada, de estar abalada fisicamente, e isso também ia para as minhas matérias, estava presente em todas as matérias que eu fazia. (JORNALISTA 05)

E como essas transformações pessoais interferiram no momento de produzir as notícias? Quase que unanimidade entre os profissionais, a forma de tratar o outro nas reportagens mudou. As dilacerações causadas pela crise sanitária foram decisivas para direcionar, em determinados momentos, a narrativa jornalística. As experiências pessoais se tornaram parte do processo de construção da notícia, transcendendo do espaço do outro a experiência necessária para complementar o olhar sobre as histórias narradas. Essa aproximação do personagem e do entrevistador partilha da convicção de que o público e o jornalista têm emoções semelhantes, construídas socialmente, mas em ambientes distintos.

O jornalista 05 traz um relato que corrobora por completo essa perspectiva humanizada das histórias trabalhadas pelo jornalismo e como ocorre a interferência pessoal na constituição da narrativa, já que para tratar um relato pelo viés da humanização, o profissional precisa exercitar características antropológicas de visitação a espaços, viver e compartilhar do que aquela pessoa oferece no ambiente – outra vez invocamos a complexidade de Morin, com

a menção de outra área, a antropologia, para compreender esses aspectos pessoais que são vistos na narrativa jornalística.

Quando é a história de uma pessoa, eu sou humano, eu me aproximo, eu tento sentir o que está acontecendo, eu vou conversando com a pessoa. Esse é o tipo de matéria que gosto, de ter conversas longas. Uma coisa que senti muita falta foi de poder ir até essas pessoas, de olhar a pessoa, de andar pela casa, porque a gente vai entendendo o que tem de emoção. Mas, o meu foco, quando vou contar uma história mais humanizada, é ser honesto. Até porque é uma pessoa que morreu. Não existem dois lados para isso. É uma pessoa que morreu, existe um parente com saudades, existem parentes sofrendo. Existe, por exemplo, o leitor que acha que tudo isso é uma bobeira, porque ele foi influenciado por uma narrativa de negacionismo, mas a visão desse leitor é errada, cientificamente temos provas de que está errada, e o que eu vou fazer? Vou me distanciar só para agradar esse leitor que, obviamente, está tendo comentários que não condizem com a situação? Não! Esse é o tipo de situação que eu me coloco para entender a pessoa. Às vezes, a gente acaba fazendo o trabalho de ouvir, quase como um psicólogo, para contar essas histórias. Eu nunca exagerei nas emoções quando fui contar, nem nas matérias de pandemia e em nenhuma outra. Nunca inventei uma aspa, eu entendia o que aquelas pessoas estavam me passando e eu ia perguntando, porque a pessoa diz uma coisa e parece que ela está segurando algo que está receosa de dizer, porque não sabe como vai ser recebida. E eu estou lá para provocar, para falar mais, descrever como era o sentimento e o que isso causava, de onde vinha, se em algum momento, por exemplo, por causa da saudade, ela ficava oscilando, se era uma constante o tempo todo. Então eu sempre fazia o trabalho de provocar para entender o máximo possível esses sentimentos e colocar eles nos textos de forma mais honesta possível. (JORNALISTA 05)

Nogueira, Silva e Silva (2019), avaliam que essa narrativa humanizada ajuda a promover a dignidade do sujeito.

Partindo desta argumentação, fica evidente quão relevante é a prática jornalística ao construir sua narrativa de forma humanizada, pois o olhar sensível, porém objetivo, do repórter, consegue não somente informar, mas dar voz ao “sujeito” inserido em uma sociedade tão diversificada. Diante disto faz-se necessário uma atitude sensível do jornalista, para que o profissional, ao narrar fatos do cotidiano, não incorra na falha de promover o acontecimento ao invés de dignificar a pessoa. (NOGUEIRA; SILVA; SILVA, 2019, p. 3-4)

Dessa forma, a constituição do texto apresentado ao público é fruto de um alguém que viveu diariamente a cobertura da crise sanitária e os impactos dela. Com isso, narra-se de uma identidade para outras. É um processo narratológico que inicia com o reconhecimento da necessidade de dar uma roupagem humanizada para a reportagem, perpassada pela justificação e sensibilização do ser íntimo por trás da camada jornalística, até chegar à ponta do consumo com um olhar de aproximação de realidades. Isto é, o jornalista se desarma de suas técnicas para a experiência do outro e transcreve, através de uma escrita mais poética e literária, esse momento de escuta do personagem.

Silva (2010, p. 410) defende que essa tática é um “formato jornalístico adequado para entender a sensibilidade presente na vida cotidiana sem fugir da proposta e do estilo do jornalismo”. Contar histórias de vida traz relatos importantes de serem compartilhados, principalmente com aqueles que se recusam a acreditar no contexto apresentado, neste caso, revelam feridas mais profundas da pandemia, seja com a perda de familiares ou ainda com quem se recuperou após ser internado em estado crítico por causa da doença. O propósito é acender no outro o sentimento de alerta, cuidado e solidariedade com os desafios enfrentados na pandemia. Além disso, busca aproximar as realidades de quem lê e o que se apresenta.

Vai ao encontro desse pensamento a declaração da jornalista 04, ao afirmar que a pandemia lhe ensinou ter mais empatia pelo próximo. Ela lembrou que, durante a construção de uma reportagem, queriam divulgar um vídeo de teor delicado e forte: uma mulher que recebera a notícia da morte do pai grita e se desespera no corredor do Hospital Geral de Roraima (HGR). Por saber que a família estava muito abalada, a jornalista interveio na construção do material e impediu que ele fosse veiculado sem o consentimento da família. O exemplo serviu para balizar todas as produções posteriores que envolvessem morte.

Sinto que, naquele momento, houve, sim, a minha interferência pessoal completamente, porque eu conhecia aquela menina e eu não deixei. Sei que a gente só exibiu um dia depois. Lembro que não mandei mensagem para ela, porque não me senti à vontade, mas consegui o contato e fiz outro colega falar com ela. Ela autorizou. Mas acho que se tivéssemos exibido a dor dela sem falar com ela antes, talvez teria sido até antiético. Eu não havia perdido ninguém, mas eu conhecia a menina desde pequena, conhecia o pai dela, e eu não achei justo expor a dor dela, que poderia ser até de forma sensacionalista. (JORNALISTA 04)

Observa-se, neste caso, que a jornalista usa a experiência pessoal para intervir na narrativa jornalística, com intuito de respeitar a dor do outro. Isso difere da postura do meio de comunicação onde ela trabalhava, já que queria publicar no mesmo dia do acontecimento. Ou seja, a postura da jornalista não é um padrão que se segue nas redações, mas uma ação motivada pela morte sentida de perto. O lado emocional/pessoal ajuda a escolher o melhor caminho para constituir a narrativa, perfazendo notícias humanizadas, sensíveis e comprometidas com o respeito à trajetória de cada indivíduo. Isso afasta apenas o sensacionalismo cruel tão presente nas redações. Como lembra Bucci (2006, p. 94) as emoções não podem ser vistas como um erro para a precisão do trabalho jornalístico, já que o “bom jornalismo nada tem a ver com a indiferença, com a neutralização do sujeito”.

Assim, a costura da complexidade passa pelas experiências vividas em diferentes campos, para auxiliar na constituição da narrativa jornalística. Ao trazer as próprias andanças,

os jornalistas, ainda que de forma inconsciente, produzem um conhecimento complexo, pois permite que os campos da personalidade e da profissão – que já resultam de outros variados campos – se entrelacem para gerar uma narrativa profunda dos acontecimentos da crise sanitária. As interferências pessoais são, portanto, parte da conjuntura do processo comunicacional e não podem ser rechaçadas, mas permissíveis pela complexidade presente na constituição da narrativa. Sem a presença das experiências pessoais, as notícias – em especial na pandemia – correriam risco de perderem detalhes importantes para sua compreensão.

#### 4.1.3. As relações abaladas e desinformação na “Avenida Familiar”

Escrever sobre a linha tênue entre as identidades pessoal, familiar e profissional do jornalista não é tão simples. Já sinalizei que essa identidade entra numa cadeia de transformação contínua durante a pandemia, sendo formatada pelos fatores externos e internos do profissional. Nesta avenida voltada especificamente para a família, encontrei elementos da relação familiar com a constituição da narrativa jornalística, sejam a distância e o cuidado redobrado com os parentes, o cara a cara com a desinformação dentro de casa ou mesmo a busca por informações que protegessem os familiares na crise sanitária. Todos os jornalistas concordaram que questões familiares fizeram parte do jornalismo diário nas redações, envolvidas com a constituição da narrativa.

A princípio, pode-se dizer que a preocupação do jornalista com a família era comum em tempos de vírus, pelo menos de grande parte da população – excluindo os que não concordavam com a realidade disseminada pela imprensa. No entanto, é preciso complexificar essa interação entre os campos onde o jornalista está presente. No caso em análise, de casa para o trabalho e, em alguns casos, a distância com a família não inibiu a preocupação do profissional com seus laços familiares. No caso do jornalista 08, que não morava na cidade natal dos pais, o contato constante por telefone revelava informações que o fazia trazer informações do campo comunicacional para o campo familiar, numa perspectiva complexa e transversal de compartilhar a verdade.

Na pandemia eu sempre tive contato, falava direto, ligava, mandava mensagem, mas sempre nesse sentido de saber se estava tudo bem, se estavam se cuidando. Minha mãe é professora, mesmo com as aulas suspensas tinham as reuniões, todo aquele trabalho. Antes mesmo de suspenderem as aulas, ela tinha muito contato com os alunos, passou a usar máscara. Então, sempre existia aquela preocupação: será que estão se cuidando direitinho? Será que está tudo bem? Meus pais são separados. Com meu pai eram as *fake news*. Meu pai dizia: “Faz gargarejo de alho, vi aqui que

vinagre com alho é bom”. E eu respondia: “Não, pai, isso não existe”. (JORNALISTA 08)

Percebe-se que o jornalista combate a desinformação dentro da própria família, ao refutar a tese do pai de porções medicamentosas ineficazes.

Eu tinha um tio apoiador (do presidente Jair Bolsonaro). Quando ele pegou Covid-19, não acreditava que tinha pegado a doença. Ele falava que só era jornalista aquele que dizia o que ele queria ouvir. Que jornalista de verdade era o que dizia o que ele queria ouvir sobre a doença. Foi um momento em que a gente se questionou e questionou muito a profissão em relação, de pensar: “Não, isso aqui é um papel sério, a gente está se colocando em risco para levar informação às pessoas e não está sendo respeitado”. Mas acho que a gente continuou levando informação da mesma forma. (JORNALISTA 03)

Neste contexto, ambos os jornalistas correm atrás de informações para levá-las até os familiares. Ainda que isso fique mais explícito no primeiro exemplo, com a reposta do jornalista ao pai, a segunda jornalista afirma que continuou fazendo seu trabalho, o que me leva à interpretação de que ela enfrentava a desinformação familiar e compartilhava conteúdos verídicos.

Com isso, essa relação exerce papel central no momento de produzir a narrativa jornalística, fazendo com que os profissionais, antes de tudo, atuem para proteger a família, e, posteriormente, a sociedade como um todo. A família interfere diretamente nas atividades narratológicas, ainda que de maneira inconsciente, pois se torna a razão pela qual os jornalistas estão trabalhando em prol do bem comum. Isso fica claro na fala da jornalista 04.

Sempre que tinha uma novidade eu ligava para família. A primeira coisa que eu pensava era: preciso avisar a minha mãe que tem que usar máscara. Teve uma *fake news* que a água sanitária matava o vírus, eu precisava avisar a minha mãe que isso não existia e que ela tinha que lavar as mãos com sabão. Sempre que a gente ia ao hospital, quando recebia um vídeo, aumentava ainda mais a preocupação com a família no sentido de dizer: “Olha, vocês se cuidem, porque no hospital não está fácil”. Era uma coisa intrínseca. A primeira coisa que a gente lembrava sempre era essa história: “Meu Deus! Preciso avisar minha mãe, meu pai, irmã, sobrinho”. Sempre que tinha uma informação confiável, pensava em passar para eles, ou mesmo ficar de olho no decreto na cidade deles. Sempre que surgia um decreto novo do fique em casa, que só podia ir ao mercado se fosse necessário, me lembrava de avisá-los. (JORNALISTA 04)

Observa-se, outra vez, a vigilância do jornalista naquilo que vai lhe render conteúdo para elaboração da narrativa. A expressão “ficar de olho” remete à necessidade de acompanhar a evolução da pandemia, as decisões das instituições governamentais sobre os

rumos da crise, a preocupação em informar os familiares e, claro, elevar essas averiguações ao patamar público e social. Isso foi defendido pela jornalista 02.

Eu usei um pouco do que eu senti para tentar produzir material, para tentar alertar as pessoas. E, ao mesmo tempo, ficava pensando em me colocar no lugar do outro. Não consegui, em momento algum, colocar o humano para trás, deixar meu lado humano. Eu me preocupava muito com a minha família até porque eu tenho uma mãe que é paciente oncológica, tenho uma avó dentro de casa. Eu me preocupava muito em me cuidar quando ia para o trabalho. No início eu não me preocupava tanto comigo, me preocupava realmente com a minha mãe, porque eu não sabia como o organismo dela reagiria à doença, não queria perdê-la, e acabei usando disso da mesma forma que eu fiz quando eu tive a Covid-19: de tentar alertar as pessoas, de usar a ferramenta que tenho, o meu trabalho, para fazer um trabalho de orientação para as pessoas. (JORNALISTA 02)

A relação com a família como pano de fundo é sinal de fortalecimento desses laços, como amparo no momento de crise, já que eles também são fragilizados no ambiente dos jornalistas devido à profissão. O contato com a família, ainda que de longe, torna-se primordial quando todos estão em isolamento e cresce a tensão em volta desse ciclo. Alguém pode se contaminar, ser internado, falecer ou ficar com sequelas graves. Essas preocupações afetam o jornalista.

A pandemia exige da sociedade, da família e dos seus indivíduos uma unidade e cooperação para enfrentamento das dificuldades emocionais, financeiras, políticas e de saúde pública decorrentes. Em épocas em que os indivíduos encontram-se esgotados física e emocionalmente, sob constante stress nos mais variados setores existenciais, a família deve resgatar o seu papel de núcleo de proteção e amparo aos indivíduos (...). (NAHAS; ANTUNES, 2020, p. 160)

É por isso que a relação intrafamiliar desses jornalistas, abalada pela pandemia, também recebe cargas noticiosas em todo o momento, com intuito de evitar consequências avassaladoras da crise sanitária. Ademais, a preocupação com a família eleva o nível de sentimentos dos profissionais, a ponto de isso refletir no próprio trabalho jornalístico. Esse extravasamento de emoções da família para a notícia é nitidamente identificado na declaração da jornalista 07 que, por estar longe do ciclo familiar devido à atuação, sentiu ainda mais a exigência de ter informações para proteger seu espaço intrafamiliar.

Eu pensei: agora que preciso trabalhar mesmo pela minha família. Não podia visitar minha mãe, porque eu estava exposta ao vírus de todas as formas. Mas o que sempre impactou era eu querer trabalhar mais, para eu descobrir, para eu ter informação, para eu saber o que estava acontecendo, o que eu podia fazer para me proteger, para proteger a minha família. O que eu estava vivendo, sentindo, a minha preocupação, acabava colocando nos meus textos. Quando eu montava uma cabeça para chamar uma reportagem, falando sobre o número de infectados, e lembrava que meu marido

estava infectado, isso, com certeza, mexeu comigo na hora de eu construir uma cabeça para chamar aquela reportagem. Eu tinha um zelo maior, porque eu estava vivendo aquilo na pele. Dessa forma, com certeza, impactava. Quero fazer, e fazer ainda mais. (JORNALISTA 07)

Esse trabalho midiático, que coloca os jornalistas em estado de alerta contínuo, é uma característica quase exclusiva da profissão (TRAVANCAS, 1992), intensificada pelos plantões de fim de semana e feriados, assim como urgências da madrugada. Afinal, não há previsibilidade quanto o assunto é notícia. Elas não param. Por causa disso, os jornalistas precisam estar disponíveis em todo o momento para as notícias, independente do horário, situação intensificada pela pandemia da Covid-19. A maioria dos jornalistas entrevistados relatou que o *home office* mexeu com a cadeia de produção, cobrando fora do horário de expediente o cumprimento das suas funções, abalando, ainda mais, a relação intrafamiliar. Isso fez com que os jornalistas também pensassem sobre suas relações familiares a partir dos impactos da pandemia.

Pudemos ver que a vida é muita passageira e temos que aproveitar ao máximo. Temos que lutar pelos sonhos, pela nossa felicidade, porque não sabemos o dia de amanhã. Para mim, foi um momento de muita reflexão. Serviu para eu pensar na minha vida, no meu futuro, como eu estaria aproveitando a minha família, os meus amigos. Tanto que eu pedi desligamento (do veículo) pensando nisso: aproveitar a minha família. Meu pai já tem 80 anos de idade. Quando eu estava em Roraima, onde morei sete anos, eu só conseguia [visitar os pais] uma vez no ano. Então, eu pensava: “Tenho que aproveitar mais a presença do meu pai, tenho que aproveitar a presença da minha mãe”. Vimos na pandemia que a vida pode ser muito breve. Parei para pensar muito nisso e decidi: “Vou procurar um trabalho mais perto”. (JORNALISTA 08)

Na citação acima, a família foi decisiva para que o jornalista saísse do emprego e encontrasse refúgio para desenvolver seu trabalho em outro estado brasileiro. Ele bem destacou que a mudança foi extremamente difícil, tendo em vista que já havia alcançado estabilidade profissional em Roraima. Nota-se, portanto, que o espectro da pandemia o forçou a repensar de que maneira estava gastando seu tempo, redirecionando a carreira jornalística e as relações familiares, afinal, encurtar a distância é também um ensinamento deixado pela crise sanitária. O isolamento social mostrou que o ser humano precisa de suas relações, dos seus ciclos sociais, das suas viagens, do entrosamento familiar.

Essa reflexão sobre o trabalho enquanto jornalista foi tão profunda, fazendo com que a característica de onipresença do jornalismo, isto é, estar em todo lugar, em todo o momento, fosse repensada pelos profissionais durante a crise sanitária. É preciso entender os limites da profissão exercida, para evitar danos mais severos de uma atuação quase incontrolável. A

paixão pelo jornalismo não pode ser maior que o amor-próprio. É necessário reaver o local de presença, de se questionar o nível de envolvimento com a causa, de perceber que ser jornalista não é abandonar o mundo à sua volta, nem estar por fora dos acontecimentos dos outros campos aos quais pertence, como o familiar, priorizando uma pausa no ritmo frenético da rotina diária e reavaliando o papel que desempenha na sociedade.

Essa projeção é respaldada na fala da jornalista 04. Anteriormente, foi mostrado como ela teve a identidade alterada por causa da pandemia. Vejamos, pois, o complemento a essa declaração, que destaca uma mudança de comportamento buscando dedicar tempo a outras questões e não ter o foco quase exclusivamente para o trabalho.

Consegui ter mais foco no meu trabalho e, hoje em dia, não trabalho muito mais fora do meu horário de trabalho. Resolvo as pendências muito urgentes quando não estou lá. Por quê? Vi muita gente perdendo outras pessoas, e quem perdeu alguém sempre fala: “cara, no teu trabalho você tem que fazer o que é para ser feito, não faça além”. Eu sou muito dedicada ainda, mas eu consigo delimitar o meu trabalho. A gente acaba vendo as coisas de outra forma. Prefiro ficar em casa, estar com a família, com a filha, com o marido, com a mãe, com os amigos. Não sinto a menor vontade de sair mais. Antes eu saía muito. Toda sexta-feira eu ia para algum bar tomar uma cerveja. Hoje em dia não. Eu tomo minha cerveja em casa, fico tranquila, não sinto prazer em sair. Zero. Não gosto mais de sair. (JORNALISTA 04)

Importante lembrar que a casa – enquanto ambiente familiar – precisou dividir espaço com uma redação jornalística, ou seja, há ainda os impactos levados do campo comunicacional para o campo familiar, visto que os veículos trabalharam em regime de *home office* ou escala. Destaca-se, pois, que cada um desses ambientes possui características próprias que precisam, durante a pandemia, dialogar e chegar a uma harmonia. Exemplifico: uma discussão familiar durante a ligação do jornalista para uma fonte; a falta de infraestrutura para a produção de notícias; a redefinição de horários e espaços (talvez a escrivaninha da casa ser compartilhada); a presença de outras atividades que poderiam ser desempenhadas por outros membros da família, etc.

Com a pandemia, as redações de muitas empresas foram transferidas para as próprias casas dos jornalistas, onde estes precisaram criar outra rotina de trabalho, totalmente diferente, na qual foi necessário manter a qualidade final do produto jornalístico e conciliar o dia a dia com a própria família dentro de casa. (...) o repórter que iria até a rua começou a fazer suas passagens e *stand-ups* na sala da própria casa. (OLIVEIRA; OLIVEIRA JÚNIOR; LIMA, 2020, p. 5)

Essas provocações levantadas, que surgem de uma perspectiva complexa – tensões entre diferentes campos – podem ter influenciado na produção de notícias. Logo, a relação intrafamiliar também aparece de maneira indireta na constituição da narrativa jornalística,



portanto presume-se que a interferência, olhada de um ângulo mais profundo, ajudou na produção de notícias. As experiências familiares transbordaram para a criação de notícias na pandemia, como se lembrou durante a entrevista a jornalista 07. O tio enfrentou a forma grave da doença e foi usado como personagem após a recuperação. A traumática vivência da família é utilizada como ferramenta para conscientização da sociedade.

O único que ficou mais grave foi meu tio, o que me abalou na época. Quando ele foi internado eu falei: “Meu Deus! Vou perder meu tio, que é meu padrinho, que é meu segundo pai”. Até usei ele em reportagem depois, e isso é terrível, a gente acaba usando a pessoa na reportagem (risos). Depois que ele estava bem, fomos buscá-lo, fiz um vídeo e coloquei no jornal, e isso mexeu muito comigo no dia. Ele saindo do HGR depois de ter passado 15 dias internado, alguns dias em leito de UTI, saiu na cadeira de rodas, não podia fazer esforço, mas já estava livre da doença. Minha família toda foi para frente do hospital com cartazes, faixas, e cantando uma música católica para recebê-lo. Todo mundo chorou, acabei filmando aquilo e usei em reportagem especial essa imagem, entrevistando ele, chegando em casa, se ajoelhando para rezar. A gente sabia das reportagens, das coisas que a gente estava fazendo, e eu sabia que muita gente estava perdendo parentes, e a minha família estava, graças a Deus, intacta. Pegou, mas está vivo, está aqui. Não sei nem explicar, porque o sentimento é muito pessoal, mas era uma coisa que passa um turbilhão de pensamentos, de sentimentos diferentes na tua cabeça, mas eu era muito grata. (JORNALISTA 07)

Pondero, neste momento, o que considero ser importante para separar e entender as circunstâncias sobre o jornalista. No tópico da pessoalidade, há indicações de como a pandemia afetou cada um dos entrevistados e como isso resvalou na constituição da narrativa jornalística. Quando trato da interferência familiar, tenho a intenção de dizer que essa experiência é divergente, porque traz momentos íntimos da relação intrafamiliar, que envolvem, principalmente, morte de parentes. No caso da avenida da pessoalidade, indico a atuação do jornalista e a experiência da redação como influência na construção das notícias, e como isso transmite uma carga enorme de informações, afetando a saúde mental dos profissionais. Por outro lado, as circunstâncias familiares incidem em acontecimentos intrafamiliares, que interferiram na produção de notícias.

Vejamos a declaração da jornalista 03.

Senti muito medo o tempo todo. Meu avô foi infectado em junho de 2020, no momento em que a gente não tinha nenhum mecanismo mais efetivo do que a máscara e o distanciamento. Então foi bem difícil, porque eu e minha família nos vimos muito vulneráveis. Meu avô não morava comigo e ainda tinha a distância praticada pelo isolamento social. A pandemia me afetou, dessa forma, no âmbito muito pessoal. Ele era idoso, tinha 86 anos, não resistiu. Realmente, a saúde mental foi algo que senti muito e o impacto que eu tive como profissional foi tomar decisões, mandar mensagem para o jornal, dizer que iria me demitir, porque não queria voltar para o presencial. Era uma época que eu não queria sair do emprego,

estava muito feliz, mas por conta da pandemia eu estava muito fragilizada, me devastou completamente, e me levou a tomar a decisão. (JORNALISTA 03)

Ao anunciar a demissão ao veículo onde trabalhava, por não aceitar voltar ao trabalho presencial, a jornalista exemplifica como o fato familiar afetou profundamente sua capacidade de continuar seu trabalho de constituição de narrativa. Esse estado de choque revela o estrago da crise sanitária, já que, ela não queria sair do emprego por se sentir feliz, mas era praticamente incapaz de permanecer vivenciando as consequências do vírus nos ambientes profissional e familiar. Ainda que não tenha saído, como revelou na entrevista, a jornalista indica que esse estado emocional fez com que ela se tornasse desatenta com o próprio trabalho, o que prova a interferência na constituição da narrativa jornalística.

Quando eu ia para redação, tinha tanto medo que ficava muito afastada dos outros jornalistas. Quando tinha uma coletiva de imprensa, ficava o tempo todo apavorada e pensava: “agora vou pegar Covid-19”. E ficava o tempo todo pensando naquilo, chegava alguém perto de mim eu ficava o tempo todo pensando: “agora vai!”. Acho que isso foi fazendo com que eu tivesse esse pensamento recorrente e não me concentrasse direito no trabalho em si, de produzir a notícia. (JORNALISTA 03)

O jornalismo diário trouxe, assim, o dissabor da infecção, a dor da morte dentro de casa, a solidão do *home office* e a fragilidade da saúde mental. A jornalista 04 perdeu um familiar para a Covid-19. Anteriormente, na avenida da personalidade, mostramos como ela teve a identidade reformulada com a crise. No entanto, destaco que, após perder um familiar, a sua postura quanto à criação de notícias foi outra: passou a ser mais cuidadosa com as matérias sobre as mortes decorrentes da Covid que eram publicadas no meio onde trabalhava. Isso reforça minha tese de que as experiências das avenidas da personalidade e da familiaridade são distintas, pois provocam reações diferentes no jornalista a partir do que ele vivencia em cada uma delas.

Depois que eu perdi um familiar, passei a pedir para que todo caso que envolvesse morte passasse por mim, para que eu pudesse ver a melhor forma de não magoar ainda mais as pessoas que tinham perdido alguém. Teve caso que a gente não deu, porque a família não deixou, e eu sempre me colocava no lugar de quem perdeu alguém para a Covid-19, é sempre muito doloroso, principalmente quando a pessoa está internada no hospital. (JORNALISTA 04)

Todos os jornalistas afirmaram em suas entrevistas que ao construir as notícias buscaram se colocar no lugar do outro, justificando que podia ser alguém da família. Traz-se, novamente, o cuidado com a relação intrafamiliar, colocando a si mesmo ou aos outros parentes como parâmetro para o tratamento dado à narrativa jornalística. Isso simboliza que o

amor pela família é um exemplo de como os profissionais gostariam que uma reportagem fosse construída se sua mãe, seu pai, seu irmão estivessem sendo a pauta da vez.

De repente a gente tem mais empatia, se coloca mais no lugar do outro. Por exemplo, antes da pandemia, pressionava muito a fonte, insistia para fonte responder fora do horário. Hoje em dia, se a fonte não quer, deixa ela lá, que quando ela puder ela vai responder. Obviamente eu não desisto das minhas pautas, se eu tenho uma pauta que vejo que é boa eu não desisto, mas eu não fico importunando as pessoas num horário inconveniente, coisa que eu fazia muito antes. (JORNALISTA 04)

Você é jornalista, tem que se distanciar para poder contar, mas fica muito difícil quando você já está abalado por toda a situação que aconteceu na pandemia, e você começa a se identificar com essas histórias, começa a se colocar no lugar dessas pessoas, e pensa: “Isso pode ser a minha história daqui um pouco, pode ser a história com alguém da minha família”. Acho que ver o sofrimento de outras famílias me colocava nessa situação de pensar no que estava acontecendo e de me colocar no lugar deles para contar a história de uma forma mais humana e sensível possível. Não que você não vai desenvolver a técnica jornalística. Você desenvolve. Só que você desenvolve com um pouco mais de carinho, de empatia pelo próximo. (JORNALISTA 05)

Com relação ao que a gente levou para o ar, acho que [o que me marcou] foi a imagem de vários corpos. Lembro que a gente recebeu um vídeo com vários corpos de pessoas em lonas, amontoados numa sala do Hospital Geral de Roraima. Aquilo mexeu muito comigo, eu tenho até hoje essa imagem na cabeça e não consigo esquecer. A falta de estrutura que a gente teve não foi só aqui, mas em todo o país. Mas aquilo, de certa forma, mexeu muito. Vários corpos. A gente fica imaginando: “e se fosse um amigo meu que estivesse ali? Ou um familiar?”. Acho que a gente já estava numa situação muito sensível e chegar a ponto de ver, por mais que seja só um corpo, não deveria ser da forma que foi. Acho que faltou um pouco mais de cuidado, um pouco mais de sensibilidade. (JORNALISTA 02)

Portanto, a família interfere diretamente na constituição da narrativa jornalística, e torna-se complexa porque se manifesta de algumas maneiras, seja com a mudança dentro da casa do jornalista, que se transforma em filial do veículo de comunicação, seja nos traumas causados pelo vírus que humanizam o olhar dos profissionais na hora de criar o conteúdo, ou mesmo usar os parentes para prospectar caminhos e ideias para a narração dessas histórias. A linha tênue entre as identidades daqueles que fazem parte desse processo de constituição narratológico, direta ou indiretamente, bem como entre os ciclos sociais dos quais fazem parte, nada mais simboliza que a complexidade do conhecimento.

O intrafamiliar permite uma experiência enriquecedora do jornalista no seu espaço de poder, já que o instiga a pensar não apenas nele, mas também naqueles que ele mais ama e preza pelo cuidado e proteção, o que pode levar a descobertas inimagináveis. Faz-se necessário dar permissão para que essa herança deixada pela experiência de cobertura de uma crise sanitária esteja cada vez mais presente no cotidiano jornalístico, resultado também de

técnicas de apuração aguçada e frutos da personificação do jornalista ao entrevistar, relatar ou escrever. Esse emaranhado de circunstâncias não pode ser esquecido, pois, a partir de discussões profundas e complexas como esta, é possível identificar, cada vez mais, os benefícios da complexidade.

#### 4.1.4. “Avenida Política”: marcada por ataques e interferências diretas

Ao justificar o anonimato da pesquisa, um dos argumentos que usei foi a política. É de conhecimento público que os veículos de comunicação, de modo geral, apresentam tendência a determinados lados políticos, criando ambientes, às vezes, desconfortáveis para os jornalistas. A corrente política era uma das minhas maiores certezas ao escrever esse estudo, já que, em Roraima, essa influência é notória e permeia os ambientes de constituição da narrativa jornalística. Por outro lado, ouvir os relatos me trouxe novos entendimentos desse aparato político.

Em termos gerais, uma jornalista do veículo 01<sup>19</sup> recusou a responder a pergunta por não se sentir confortável, mesmo sob a condição de anonimato, o que me leva a compreender a magnitude da interferência política nas redações jornalísticas. Mesmo assim, durante sua entrevista ela trouxe elementos que indicavam a interferência política no veículo de comunicação e, conseqüentemente, na construção de notícias (a boa relação com a Prefeitura de Boa Vista e as críticas ao Governo de Roraima). Os dois jornalistas que trabalham no veículo 04 negaram interferência, mas um deles trouxe o comportamento político que também incidia sobre a narrativa, como telefonemas do Governo de Roraima, exigindo o complemento das notícias veiculadas com os posicionamentos sobre os assuntos (pedidos para usar notas explicativas de casos enviadas pelo Estado).

Sobre o veículo 03, os dois jornalistas foram para lados opostos: um negou interferência, enquanto o outro trouxe um exemplo clarificador e concreto dessa postura externa (a ligação da então prefeita de Boa Vista para alterar uma matéria sobre compra sem licitação). Dois profissionais que atuaram na redação do veículo 02 trouxeram exemplos de interferência política e como isso estava presente no dia a dia do veículo (o uso da pandemia para atacar adversários políticos). Um jornalista do veículo 01 destacou que não havia interferências políticas, mas que houve tentativas.

---

<sup>19</sup> Aqui farei uso de numeração dos veículos a fim de proteger o anonimato dos entrevistados.

Como já tratei de política no capítulo anterior, permitam-me me abster de conceituá-la novamente, para não pecar na via da redundância. Todos os cidadãos sabem o papel centralizador da política para manutenção do bem-estar social, criação de políticas públicas, garantia de direitos, discussão de projetos de lei e a aprovação de novas regras sociais. Há, portanto, uma consciência coletiva sobre a importância da política para o convívio diário ainda que algumas atitudes daqueles que compõem esse cenário sejam reprovadas, como ações de presidente, senadores, deputados federais e estaduais, governadores, vereadores, prefeitos, e todos os seus subordinados diretos. A política é, dessa forma, outro campo social de grande protagonismo.

Por essa razão, é de se esperar um convívio entre o jornalismo e a política, mesmo em momentos de tensão, que ocorre quando os interesses entram em rota de confronto, como mencionei anteriormente. Afinal, são campos distintos, com regras divergentes, bem como objetivos, às vezes, opostos. Ainda assim, é preciso reconhecer “que a mídia é um fator central da vida política contemporânea e que não é possível mudar este fato” (MIGUEL, 2022, p. 158). O jornalismo serve de vitrine para a imagem de políticos, seus partidos, discursos, projetos defendidos e posicionamentos sobre assuntos discutidos pela população. Posto isso, como a política contorna essas tensões e consegue introduzir sua influência nos meios de comunicação?

Há diversos fatores que podem ser colocados à disposição dessa pergunta. Interesses econômicos e políticos vão sempre liderar essa relação conflituosa entre o jornalismo e a política. A narrativa jornalística é direcionada a partir dessas negociações e acordos entre as duas áreas, que seguem um fluxo baseado em interesses comuns. Isso quer dizer que a regra das negociações se aplica a todos, mas com a exceção do que é bom para quem está inserido nessa disputa de espaço e poder. Não é possível afirmar que os interesses do veículo A são compatíveis com o B. Além disso, é necessário destacar as diversas ramificações da política, isto é, os seus diferentes partidos políticos que buscam refúgio midiático para armar sua barraca de interesses: verbas públicas para publicidade em troca de abafamentos de casos e repercussões sobre determinados temas.

O relacionamento jornalismo e política é historicamente polêmico e paradoxalmente intercomplementar. Esse intercâmbio está permanentemente envolto em circunstâncias de pressões e contrapressões de bastidores, bem como de interesses econômicos das empresas jornalísticas, ao mesmo tempo em que o imperativo de informar bem é socialmente cobrado. O público quer afirmações, rejeita informações ou meios termos. (BARRETO, 2006, p. 14)

Na pandemia, esse relacionamento entra em declínio, a partir do momento em que a política, neste caso, liderada pelo Governo Federal e a figura de Jair Bolsonaro, intensifica ataques à imprensa e aos profissionais que estão atuando diariamente para levar informação à sociedade. No entanto, esse comportamento nacional é replicado por outros atores do campo político, a exemplo do Governo de Roraima, como trouxe o jornalista 01 em seu relato. Segundo ele, após a emissora onde trabalhava fazer uma denúncia de compra de respiradores, o governo acionou servidores comissionados, usou as mídias sociais oficiais do governo e a própria Secretaria de Comunicação para rebater e taxar de mentirosa a informação dada por ele.

Eu fui brutalmente atacado nas redes sociais, porque fiz uma denúncia que o Governo de Roraima tinha pagado R\$ 215 mil, que os respiradores não seriam entregues imediatamente e tinha gente morrendo. Mandaram nota negando, fizeram postagens dizendo que os respiradores tinham sido comprados por R\$ 14 mil, R\$ 40 mil, se não me engano, e começaram a publicar foto minha, montagem minha, dizendo que era *fake news*, compartilhador de *fake news*. (JORNALISTA 01)

Esse comportamento foi caracterizado pelo jornalista durante a entrevista como uma tentativa de interferência, e não um ato de interferência concretizado. Contudo, a análise do conteúdo mostra que a posição política do governo foi uma interferência concreta para a constituição da narrativa jornalística. O próprio jornalista descreveu que, após ser atacado, buscou informações e provas para sustentar a denúncia que tinha feito na emissora. Ou seja, o ataque político redirecionou a construção de notícias a partir do episódio catastrófico, provocando uma onda de novas manifestações jornalísticas através de outros veículos. Dessa forma, não houve uma tentativa, mas uma interferência direta da política na constituição da narrativa jornalística.

Por isso que a complexidade é necessária quando abordamos aspectos presentes no cotidiano do jornalismo. No caso em questão, se a manifestação governamental, por si só, interrompesse a continuidade da denúncia dos respiradores, talvez pudesse se falar em tentativa de interferência, já que não haveria qualquer reflexo no cotidiano da redação. Entretanto, o jornalista 01 narra que a denúncia feita, designada por ele “pela metade” – e que causou alvoroço político –, teve desdobramento no dia seguinte: o veículo de comunicação apresentou o comprovante da compra de R\$ 6,4 milhões pelos respiradores, pagos antecipadamente pelo Estado, em contrariedade ao que determina a Lei 14.133/2021<sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup> A legislação proíbe o pagamento antecipado relativo à execução de obras ou realizações de serviços. Apenas mediante razões específicas, a lei abre exceção para esta regra. Por outro lado, o caso em questão não se enquadrava neste quesito, já que a justificativa não atendia aos critérios necessários.

Se não bastasse a continuidade da narrativa jornalística sobre o fato, a denúncia do veículo teve nova etapa, quando o Governo de Roraima convocou uma coletiva de imprensa, admitiu a compra dos respiradores e o pagamento antecipado.

Lembro que fiquei em casa acompanhando atentamente a *live* (transmissão ao vivo) do governador com senadores, deputados, o secretário de saúde que tinha comprado os respiradores. O governador falou sobre a denúncia, disse que não sabia e demitiu o secretário. Nesse momento, era a força que eu precisava, porque eu estava apanhando há 48 horas de forma covarde, rasteira e injusta. Para mim foi a grande vitória do jornalismo, porque o governo tentou interferir e atrapalhar o tempo todo, de forma institucional. E, quando o governador demitiu o secretário e disse que não ia mais receber, e na segunda-feira a Polícia Civil foi para lá, para a Sesau (Secretaria Estadual de Saúde), a CPI da Saúde (investigação da Assembleia Legislativa) foi para a Sesau, e a Justiça mandou reter os R\$ 6,4 milhões, eu falei: “A vitória do jornalismo!”. O dia em que o sistema tentou calar o jornalismo, tentou dizer que o jornalismo era ruim e estava mentindo, conseguimos dar a volta por cima e provar que a notícia era verdadeira. (JORNALISTA 01)

A declaração do jornalista é suficiente para sustentar a tese levantada pela pesquisa, de que houve interferência e não uma tentativa de interferência na narrativa jornalística. Quando ele afirma que a emissora conseguiu “dar a volta por cima”, reafirma a continuidade da narrativa jornalística durante três dias para provar a denúncia feita contra o governo. É importante destacar que a emissora, neste caso específico, provocou a criação de narrativas em outros veículos de comunicação, já que a coletiva de imprensa foi acompanhada por outros colegas de profissão que transformaram as declarações do governador em reportagem jornalística.

Vê-se, portanto, que a interferência política não fez estancar a fonte de notícias, mas deu munção aos jornalistas para confrontá-la, desmenti-la e desmoralizá-la diante da população, sobre um possível caso de superfaturamento de respiradores em meio à crise sanitária. Essa análise só é possível quando nos preocupamos em enxergar esses detalhes a partir da complexidade, que nos instiga a pensar além da superfície em que se mostra a constituição da narrativa. A interferência não ocorre apenas quando há uma ação direta para modificar uma notícia – como exemplificaremos na sequência –, mas também nas entrelinhas desse processo constitutivo e narratológico.

A interferência indireta, como na discussão feita anteriormente, em que a “tentativa” de cercear a mídia se tornou numa crise institucional para o governo, divide espaço com casos em que a manifestação política ocorreu de maneira totalmente direta, mudando, inclusive, a forma como a notícia foi apresentada ao público. O jornalista 05 destacou que, após escrever uma matéria que considerava de praxe, recebeu ordem para alterar o título e a ordem dos

parágrafos da reportagem. A alteração na narrativa jornalística foi exigida por uma figura política de forte influência, que telefonou diretamente para o proprietário da emissora e mandou que as modificações fossem feitas pelo jornalista.

Teve uma compra de testes da prefeitura feita sem licitação, e, óbvio, estava liberado fazer compra sem licitação, mas não deixa de ser algo que você precisa destacar para mostrar para pessoas que estão usando dinheiro público sem licitação em coisa ‘x’. Chegamos a publicar uma matéria falando isso, e era uma matéria curta, porque era o decreto que a gente tinha da compra. À época, a prefeita da capital ligou direto pra o dono do veículo, reclamando do uso do termo que era sem licitação, que isso estava liberado para o Brasil todo. Mas, assim, tinham inúmeras matérias que destacavam que faltava licitação, porque era praxe, era um padrão mesmo de cobertura. E lembro que precisamos alterar esse título e tirar até o valor da compra da linha fina (texto logo abaixo do título), mas o conteúdo em si se mantém até hoje. Essa informação de que foi sem licitação eu acho que, no texto, ela só desceu para algum parágrafo, não foi removida, só foi tirada do título. (JORNALISTA 05)

Essa interferência política, que ocorre no momento em que o veículo de comunicação baixa guarda, é extremamente ameaçadora para a liberdade de expressão, para a liberdade de imprensa e também para o direito de informação garantido à sociedade, causando tensão nas garantias constitucionais. Ter o poder de direcionar os fatos e o que pode ser ou não dito configura uma regulação exercida de um campo para o outro, ou seja, da política para o jornalismo. Isso acarreta constantes testes para saber a influência que se tem sobre determinado veículo e o que isso gera de retorno para quem exerce a interferência. Em alguns casos, não se trata de teste, mas de um hábito corriqueiro impregnado nas redações.

Nesse sentido, por possuírem fronteiras bastante porosas, os campos jornalístico e político se relacionam de maneira questionável e até mesmo perigosa, pois essa busca excessiva por notoriedade, desempenhada pelo meio político, pode desencadear consequências bastante negativas no que tange à liberdade de imprensa e autonomia profissional do jornalista. Isso ocorre porque, a partir do momento em que os grupos políticos passam a enxergar a notícia como parte de seu “patrimônio ideológico-eleitoral”, disputam esse “bem” com todos os artifícios à sua disposição, incluindo a violência, seja ela simbólica, através de subornos, ameaças, processos, dentre outros, seja ela física. (LYRA, 2018, p. 5)

Essa força motriz também serve para atacar o lado político contrário àquele que domina uma redação, mudando o curso da constituição da narrativa jornalística para os interesses políticos de determinado grupo. Neste caso, o produto midiático serve de arma para disseminar conteúdo que explore a fragilidade, os erros e o lado negativo da implementação de políticas públicas para a população. Destaco das entrevistas concedidas, que os jornalistas afirmaram que a Saúde de Roraima sempre enfrentou descaso, falta de estrutura e



infraestrutura, escassez de medicamentos e profissionais, para operar e oferecer atendimento digno para os roraimenses.

Na minha percepção, muitas pessoas morreram por negligência, por falta de estrutura na nossa rede pública de saúde. (JORNALISTA 02)

Quando chegou o primeiro caso em Roraima, quando confirmou, eu achava que seria algo muito pequeno, que teríamos 500 casos confirmados e não chegaríamos a 100 mortes. Quando esse número foi sendo ultrapassado, foi causando cada vez mais apreensão, a gente não conseguia imaginar até onde iria. E saber que é um estado muito pequeno, estado que tem várias dificuldades na Saúde, tínhamos ainda mais esse receio. Sendo jornalistas, imaginávamos que o HGR não iria suportar como realmente não suportou. (JORNALISTA 03)

Você tinha familiar que pegava Covid-19 e essa pessoa não conseguia atendimento no posto de saúde, não conseguia atendimento no hospital. E aí deu aquele estalo: a pandemia não era só os números, ela eram pessoas que estavam sendo afetadas. (JORNALISTA 04)

A crise sanitária revelou todos os encaixes da Saúde Pública no Brasil, agravados pela negligência do Governo Federal e a disputa por narrativas políticas: o presidente indo contra a ciência, o Supremo Tribunal Federal (STF) dando autonomia para estados e municípios decidirem sobre as ações, e representantes de prefeituras e governos agindo contra ou a favor do presidente da República. Esse imbróglio político atropelou protocolos obrigatórios no país, criando um verdadeiro caos social nas cidades, com milhares de casos diários, mortes atingindo recordes, internações em corredores com leitos sem colchão, a falta de pontos de oxigênio para alguns pacientes e a inércia do Ministério da Saúde para organizar as políticas de enfrentamento no Brasil.

Há de ressaltar que noticiar esses fatos tornou-se comum – comum no sentido de pautas diárias e não de achar normal o caos pandêmico – nos veículos de comunicação, uma decisão mais do que necessária em tempos de pandemia, já que a imprensa procurava produzir materiais informativos que pudessem ajudar na criação de uma conscientização coletiva do público frente aos impactos provocados pelo vírus.

A gente buscou falar, fazer nosso jornalismo não só de noticiar casos, atualização de dados que sempre aconteceu e ainda acontece, mas também de fazer materiais educativos, no sentido de orientar as pessoas, conscientizar as pessoas. Em alguns casos, tivemos uma resposta positiva, em outros casos não. (JORNALISTA 02)

Quem imaginava que chegaríamos a duas mil mortes? Fiz o texto falando sobre aquilo (o número de morte ter atingido 500), e no final não consegui terminar direito, chorei. Comecei a me emocionar no texto, vendo as imagens que tinha pedido para selecionar. Eu tinha dito para pegarmos imagens do HGR, dos corpos,

dos cemitérios, para falar sobre as 500 mortes e tentar conscientizar a população, porque a vacina estava chegando, e precisávamos conscientizar todo mundo. (JORNALISTA 07)

Contudo, segundo alguns jornalistas ouvidos, essas situações de caos, causadas pela pandemia, passaram a ser exploradas por grupo político contrário ao Governo de Roraima. Seis dos oito comunicadores citaram o caso do cinegrafista Tayllon Peres, que trabalhava para a TV Imperial, filiada à Record TV. O profissional foi internado em estado grave na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital Geral de Roraima, mas faleceu após ser atingido por água de chuva que entrou pelo teto da unidade. A suspeita é que o estado dele tenha se agravado após esse episódio, levando-o à morte. O caso ganhou notória repercussão na época, com reprodução em diversos veículos de comunicação no estado e em âmbito nacional<sup>21</sup>. Entretanto, a jornalista 03 enfatizou que o caso passou a ser tratado pelo viés político, para atacar o Governo de Roraima e criticar as condições precárias do maior hospital do estado.

No contexto de redação, tivemos esses pontos que remetem a essas influências. Então era utilizar a pandemia, um momento tão triste, como uma forma de ataque político para benefício próprio. Tivemos esse tipo de influência de como construir ou até mesmo pensar em matérias que pudessem ser utilizadas para formar uma opinião pública, para influenciar. Lembro muito que buscávamos determinadas fontes, que às vezes, eram indicações. Então acho que de influência política tivemos essas que me recordo. (JORNALISTA 03)

Ora, essa declaração não deixa a menor dúvida de como a pandemia era pretexto para exploração da dor e sofrimento do outro. Há, portanto, um movimento de linha divisória que precisa ser entendida e discutida. Não é possível dizer as causas certas para tamanha interferência e apropriação da crise para atingir os adversários políticos. Presumo, no entanto, haver possíveis motivações: de um lado a necessidade de denunciar os descasos, o despreparo do governo no enfrentamento à crise e, ainda, a tentativa de ajudar, por meio do veículo, a população; ou o intuito de colocar o governo em descrédito com a sociedade, reforçando o que denominam de incapacidade de gerir uma pandemia e os problemas do estado. Esse comportamento pode, inclusive, visar interesses futuros, como as eleições, por exemplo.

Até a publicação desta pesquisa, existiam dois grandes grupos políticos em Roraima que brigavam pelo comando do Governo do Estado e da Prefeitura de Boa Vista. À época do primeiro ano de pandemia, Antonio Denarium<sup>22</sup> estava à frente do governo, e Teresa Surita

<sup>21</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/google/amp/rr/roraima/noticia/2020/06/25/chuva-invade-uti-e-molha-paciente-com-coronavirus-no-hospital-geral-de-roraima.ghtml>. Acesso em 14 de janeiro de 2023.

<sup>22</sup> Filiado ao Partido Social Liberal (PSL) até maio de 2020, ficando sem partido até setembro de 2021 quando se filiou ao Partido Progressista (PP).

como prefeita da capital, pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Ainda no primeiro ano de pandemia, Arthur Henrique, do mesmo partido, foi eleito prefeito da capital, dando continuidade à presença do grupo no Executivo Municipal. Já em 2022, nas eleições majoritárias, Teresa Surita, que disputava o cargo de governadora, perdeu para Antonio Denarium.

Depois da derrota, a ex-prefeita declarou, em entrevista à Rádio 93FMRR que faria oposição ao vencedor<sup>23</sup>. No mesmo tom, o ex-senador Romero Jucá, presidente do MDB em Roraima, que também perdeu as eleições para o Senado Federal naquele ano, enfatizou em entrevista publicada em dezembro de 2022 pelo jornal Roraima em Tempo, que faria uma oposição responsável<sup>24</sup>.

A jornalista 03 traz uma declaração importante para essa discussão. Ainda que tenha se negado a responder à pergunta direta sobre a interferência política, quando foi questionada sobre interferências gerais quanto à narrativa jornalística, ela contestou que os casos tenham sido usados para fim de críticas ao governo, mas que tudo era baseado em fatos reais. Outra questão interessante levantada é a boa relação mantida com a prefeitura, o que inibe de críticas como as que sofria o governo estadual.

Não sei se pode ser considerada uma interferência direta, até porque a gente sabe que a emissora tem a sua linha política, e fazemos oposição ao governo, e mantemos uma boa relação com a prefeitura. Essa questão política sempre pesou e pesa muito. Acho que até certo ponto, em um dado momento, começou pesar a questão política. Muitas denúncias todos os dias e sempre comentários em pequenos momentos, claro que pegando muito pela sensibilidade das pessoas. A gente meio que aproveitava a situação para, fazer críticas (ao governo estadual), mas sempre baseados em coisas que realmente estavam acontecendo. Algumas coisas se resolveram, surtiram efeito, outras não tanto. Posso definir que houve, não sei se uma interferência direta, mas indiretamente, sim. (JORNALISTA 02)

Considero tal declaração como um bom exemplo da discussão sobre a interferência política na constituição da narrativa jornalística. Há elementos suficientes para afirmar que não se trata apenas de uma ordem para usar os casos para criticar a gestão contrária ao grupo político que domina o veículo de comunicação, como também para criar materiais a partir dos descontentamentos do público com o governo. Neste caso, a política participa ativamente das decisões jornalísticas, decidindo o que deve ser explorado, transmitido e criticado pelos jornalistas que trabalham na emissora, para defender a linha editorial do veículo.

---

<sup>23</sup> Disponível em: <https://roraimaemtempo.com.br/politica/vou-continuar-defendendo-meu-eleitorado-e-o-que-eu-credito-diz-teresa-surita-em-entrevista/>. Acesso em 14 de janeiro de 2023.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://roraimaemtempo.com.br/politica/em-entrevista-romero-juca-reafirma-compromisso-com-a-populacao/>. Acesso em 14 de janeiro de 2023.

De certo modo, é triste e lamentável observar o jornalismo ser usado como moeda de troca em vias de interesses e visto como canal de agressão, não podendo, em muitos casos, agir de forma totalmente democrática, isto é, falar de todos os lados, explorar pautas que consideram de interesse público, rechaçar demandas de grupos políticos com zero impacto social. Enfim, existe uma distorção da essência do jornalismo. O que se ouve na academia e dos próprios jornalistas entrevistados é que ele existe para atender aos interesses da população e ajudar na construção da realidade social. Todavia, ele tem seu foco desviado quando utilizado para outros desígnios.

A presença da política é tão decisiva na constituição da narrativa jornalística, que apresenta outra faceta de atuação. Todos os jornalistas citaram o presidente Jair Bolsonaro como interferência política no processo de construção de notícias. Como exploramos essa postura no fim do capítulo 2, me atenho à discussão voltada para o então mandatário do país quando a crise se alastrou. Também vou registrar alguns trechos que considero importantes para esse aspecto político, principalmente o que a jornalista 04 classificou como pressão para não dar destaque à pandemia da Covid-19.

Houve uma pressão política muito grande para que se parasse de falar de pandemia. Tanto que tiveram alguns decretos para tentar restringir acesso aos dados, números sobre a pandemia, o que não vigorou por muito tempo, até porque uma boa parte da sociedade se revoltou, porque queria saber da doença. Uma coisa boa para quebrar essa pressão política foi o consórcio que foi feito de veículos de imprensa para dar notícias sobre a pandemia, noticiar mortes, internações. (JORNALISTA 04)

Essa interferência que os jornalistas insistem em tratar como tentativa traz, sim, prejuízo ao trabalho dos profissionais e, conseqüentemente, à própria constituição da narrativa. Ao dificultar o acesso às informações oficiais, a primeira reação da imprensa foi noticiar esse fato de censura. Cria-se, portanto, uma narrativa jornalística. Digo ainda que uma narrativa modificada pela ação do governo, já que havia uma constante cobertura sobre casos, mortes e internações, e ela é interrompida pelo comportamento de censura do Estado. A imprensa reagiu e criou o próprio mecanismo de acompanhamento: o consórcio dos veículos de imprensa.

De acordo com o relato da jornalista 03, em Roraima a Secretaria Estadual de Saúde anunciou que publicaria boletins sobre a situação da pandemia uma vez por semana, fazendo com que alguns profissionais acionassem o Ministério Público do Estado de Roraima (MPRR) para intervir na decisão da secretaria. Os prejuízos existiram, ainda que por pouco tempo, e mostram a dificuldade em produzir conteúdo tendo um lado da política como adversário.

Além do jornalismo, estávamos vivendo num momento muito, muito, muito delicado, relacionado a posicionamentos políticos do presidente. Lembro quando fiz uma matéria, logo após conseguir novamente o acesso aos boletins informativos de Covid-19, e tive contato direto com uma promotora. Ela ouviu e entendeu o que a gente estava falando, e nos motivou a publicar como algo que podia ajudar a conter aquele caso que a gente estava enfrentando. Então se a gente não tivesse essa informação, não tivesse o boletim, a gente não teria uma informação real do que estava acontecendo, e acho que isso vai muito de frente com o que o jornalismo prega: que é a transparência, levar informação à sociedade. Quando a gente não tem essa informação, o próprio jornalista não sabe o que relatar de forma segura, e principalmente de uma forma para proteger a sociedade através da única forma que ele sabe que é informando. (JORNALISTA 03)

Esse testemunho é prova de que a política interferiu na construção da notícia. Ao afirmar que sem o boletim o jornalista não tem dimensão da pandemia e não sabe como relatar de forma segura, a profissional exemplifica, mais uma vez, como a decisão política da secretaria de governo em bloquear o acesso aos dados impactou na produção de reportagens sobre a crise sanitária. Como informar a população se o veículo não tem em mãos a matéria-prima para lapidar? A postura resulta em danos graves ao jornalismo que, sem saber a real situação pandêmica, tem negado pelo Estado o direito à informação, e precisa se desvencilhar do negacionismo para alcançar outras formas de manter a responsabilidade social, neste caso, recorrendo ao órgão fiscalizador.

A complexidade de Morin permite perceber o quão estarrecedor foi cobrir a pandemia da Covid-19. Esse olhar profundo e crítico frente às interferências políticas sofridas pela narrativa jornalística ajuda reforçar a importância da profissão no meio social. Quem insistiria nos boletins se não fosse a imprensa? Quem revidaria os ataques de agentes políticos? Quem se desvencilharia dessas decisões infundadas de restrição à informação e produziria reportagens para a sociedade? Quem viveria a forte influência política de exploração da dor e sofrimento e, mesmo assim, garantiria materiais informativos? O jornalismo e o jornalista foram essenciais para esse trabalho de enfrentamento à Covid-19, cumprindo seu dever social e resgatando a confiança do público, fragilizada pela própria política.

#### 4.1.5. “Avenida Empresarial”: reflexão sobre decisões das empresas com interferência na narrativa

Gostaria de começar esse último tópico da primeira parte da análise deixando claro que as medidas adotadas pelos veículos de comunicação para proteger os jornalistas contra a Covid-19 foram mais que certas, foram necessárias. Minha intenção é apenas refletir como as

medidas adotadas para frear a contaminação do coronavírus impactaram diretamente na produção da narrativa jornalística que chegou ao receptor. Assim como em outras áreas, o jornalismo viu mudanças habituais custarem a qualidade das reportagens.

Por isso, essa última parte não deve se estender tanto quanto as outras, mas vai revelar elementos e situações que considero importantes para a produção de notícias na pandemia. Seguir as regras sanitárias sugeridas e impostas pela comunidade científica dentro dos espaços jornalísticos era manter a coerência e a coesão com aquilo que, diariamente, se estava informando. O jornalismo se estabelece como guardião e defensor de medidas que salvaram milhares de vidas, ainda que alguns profissionais tenham usado os espaços que tinham para propagar desinformação, como citou a jornalista 03.

Infelizmente, tivemos uma parte muito ideológica, em que profissionais se utilizaram das *fake news* para gerar desinformação. Foi um período muito lamentável, de verificar que as pessoas estavam utilizando desinformação como se fosse verdade. E isso vai muito do papel do jornalista. É aquilo de que o jornalista fala a verdade. Mas até que ponto? Muita gente acreditou nessas *fake news*, nessa desinformação, porque vinham de produtos jornalísticos que já têm algum tempo consolidados no mercado. As pessoas acreditaram muito, porque vinham dessas fontes. (JORNALISTA 03)

Há de se questionar os motivos pelos quais empresas permitiram que seus espaços consolidados fossem usados para propagar a desinformação. Em Roraima, não houve qualquer tomada de medida para frear essa propagação em veículos de comunicação, que aproveitavam para disseminar a narrativa desinformativa apenas por compactuar com o lado político que a alimentava. Pondera-se, no entanto, que essa tendência foi nacional. Alguns veículos demitiram jornalistas por propagarem mentiras nos espaços midiáticos comandados por eles. Um exemplo foi a demissão do jornalista Alexandre Garcia da CNN, por defender tratamento precoce contra a Covid-19 com medicamentos ineficazes.

Ao permitir que jornalistas usassem o alcance e o prestígio de determinado veículo de comunicação, a consequência é um prejuízo social inimaginável, com cidadãos seguindo tratamentos precoces ou mesmo receitas ineficazes contra o vírus, por depositarem fé na credibilidade da imprensa. Essa omissão, em alguns casos, não apenas contribuiu para comentários infundados para justificar as declarações contra a ciência, como também para propagar a desinformação. Por isso, é pertinente o questionamento da jornalista 03 sobre como os meios de comunicação têm propagado a verdade. Isso ajuda o jornalismo a não se deixar desviar por posturas de profissionais irresponsáveis.

Saindo desse aspecto, adentro a questão de despreparo das empresas frente à tomada de decisões na pandemia. Era de se esperar essa situação, haja vista que ninguém está preparado para enfrentar uma crise de tamanha proporção. Trago apenas as circunstâncias que influenciaram no momento de produzir as notícias, como a falta de estrutura da própria empresa para dar conta da demanda que exigia. A jornalista 04, por exemplo, menciona que o sistema de publicação de notícias, exclusivo em computadores da empresa, atrapalhou a produção e atrasou a veiculação das reportagens.

Não tínhamos acesso remoto de casa. Então, escrevíamos tudo no *word*, mandávamos para essa pessoa que estava na redação e ela publicava. Você imagina... Equipe já reduzida presencialmente na redação e ainda ter que publicar um volume grande de informação? E tínhamos, sim, alternativas que não fosse essa de ficar reverendo entre um dia em casa e um dia na redação. (JORNALISTA 04)

A mesma jornalista relata como era a produção de notícias antes da pandemia, com suporte da empresa, e como passou a ser na crise sanitária.

Antes da pandemia, tínhamos toda a estrutura da empresa para trabalhar. Saíamos de casa, íamos presencialmente com as fontes, fazíamos ronda em delegacia. Mas veio a pandemia e paramos de ir aos lugares, então, obviamente que a qualidade foi impactada, a qualidade da apuração, de conseguir as informações. Não tenho os números neste momento, mas nossa produção caiu muito nos primeiros meses de pandemia. Não conseguíamos cobrir tudo o que acontecia na cidade, porque estava rolando a pandemia, todo dia tinha mil, dois mil casos, só que em paralelo a isso tinha assalto, morte, decreto de governo. Então, mudou nesse sentido, tivemos que nos adaptar ao trabalho remoto. Estando em casa, você tem que lidar com as fontes de forma remota, você não pode ir até elas, você acaba usando o seu equipamento, o seu celular, e nem todo mundo está disponível para falar com você por telefone, para responder um e-mail. (JORNALISTA 04)

A declaração explicita como a falta de estrutura oferecida pela empresa afetou a narrativa jornalística. Com o aparato do local onde trabalha, é possível produzir mais e melhor. Contudo, no momento em que você se vê refém da falta de estrutura, tendo que usar o seu equipamento, sem suporte da empresa, não há outro resultado que a queda na produção, na qualidade, nos números de acesso. A decisão da empresa de colocar os profissionais de *home office* e seguir as medidas sanitárias e de distanciamento é, sem a menor dúvida, assertiva, e causa impacto previsível no trabalho jornalístico.

Todos os jornalistas entrevistados relataram a preocupação das empresas com o cuidado e a proteção dos funcionários, como uso obrigatório de máscara, distanciamento social, higienização de equipamentos, proibição de entrevistas em estúdio, ida para a externa vetada, carros sempre com os vidros abertos, disponibilização de álcool em gel, microfones

separados – uma para o repórter e outro para o entrevistado –, proibição de cinegrafistas e repórteres em se aproximarem de unidades de saúde e hospitais para evitar contaminação e, quando as vacinas foram disponibilizadas, a exigência do comprovante de vacinação contra a Covid-19. Ensinamentos que foram ocorrendo durante a crise, exigindo capacidade gerencial.

Wecker e colaboradores (2021) afirmam que um dos grandes desafios das empresas é lidar com o ambiente externo. Eles declaram que as transformações econômicas, crises, incertezas, mudanças tecnológicas, sociais e políticas, exigem uma adaptação rápida das empresas.

Diante da pandemia da Covid-19, a população foi orientada com medidas restritivas de isolamento e voltadas à saúde e à segurança, para evitar a propagação do vírus. Esta situação gerou consequências para os negócios, havendo necessidade de adaptação tanto com relação aos funcionários, fornecedores e clientes. (WECKER; FROEHLICH; GONÇALVES, 2021, p.26)

Em se tratando das empresas de comunicação, essas alterações na rotina de produção levaram à perda substancial de material para dar suporte às reportagens, como as imagens de apoio –, bem como a qualidade do material, como relata a jornalista 07. Para ela, a situação deixou a narrativa jornalística “pobre”, fazendo com que ela pedisse liberação para ir aos hospitais, o que foi negado.

Em alguns casos, depois que eu tinha testado positivo para Covid-19, eu estava vivendo tudo aquilo, eu via nossas reportagens ficando muito pobres de imagens, de recursos, de tudo. Eu cheguei uma vez com o meu chefe e pedi para ir ao HGR, já que o repórter não estava querendo, tinha testado positivo, estava afastado, ou tinha dificuldades. Porque eu estava sentindo falta de mostrarmos mais a realidade. Ele falou: “Não. A orientação é essa, não vamos. Vamos manter o distanciamento, usar o que a galera está mandando nos vídeos, se o cinegrafista quiser filmar de longe no HGR, a gente verifica, mas a orientação é essa”. Eu queria mostrar mais, viver mais aquilo para noticiar a realidade do que a gente estava vendo, porque chegavam muitos vídeos, o pessoal que trabalhava no HGR filmava os corpos, mas eu queria ver aquilo, para eu retratar nas minhas palavras. (JORNALISTA 07)

O exemplo trazido pela jornalista sustenta como a decisão empresarial afetou a constituição da narrativa jornalística. Faço também uma observação. Ao querer “viver mais aquilo” para noticiar no futuro, a jornalista deixa clara a existência das duas avenidas de interferência no processo narratológico: a da pessoalidade, de ela querer viver aquilo para levar a experiência para a notícia e, conseqüentemente, para o público, e a da empresarial, com a necessidade de aperfeiçoar a narrativa jornalística devido às decisões da companhia em não permitir que o trabalho continuasse sendo executado da mesma forma. Há, portanto, um encontro entre as duas avenidas de interferência, com suas particularidades de atuação.



O jornalista 01 afirmou que uma entrevista virtual não pode ser comparada com uma entrevista presencial, mas não citou os motivos, ainda que instigado. A afirmação não parece ter fundamentos suficientes para derrubar a possibilidade de entrevistas online, grande trunfo durante a pandemia, principalmente nos materiais televisivos. Como alternativa ao modelo tradicional, quando uma reportagem só era feita se a fonte pudesse receber a equipe e, em último caso, abrir exceção para a entrevista virtual, a possibilidade do diálogo online permitiu a busca por especialistas em outros estados brasileiros, fomentando informação fidedigna ainda que sem o contato direto com o entrevistador. Um exemplo dessa estratégia foi mencionado pela jornalista 07.

Tivemos entrevista, por exemplo, com o Dráuzio Varela. Quando eu ia conseguir entrevistar o Dráuzio Varela presencialmente para entrar em um jornal? Acabou que tiveram mais contras do que prós, mas a gente teve os prós também. Tivemos esse contato com vários especialistas e pessoas de fora. Já que agora está mais usual fazer as entrevistas de forma online, por que não aproveitar para pegar entrevistas de outros lugares? Tivemos um leque maior de possibilidades. Entrevistamos o Dráuzio Varela, infectologistas da FIOCRUZ no Rio de Janeiro, especialistas de vários outros lugares. Isso foram coisas positivas, mesmo com tantas coisas ruins e negativas por trás. (JORNALISTA 07)

Vale destacar que Roraima é um estado pequeno, com uma lista, às vezes, curta de especialistas, situação agravada pelo fato de grande parte desses profissionais atuarem em órgãos públicos. À época, essas fontes oficiais priorizavam a atuação a entrevistas na imprensa. Por essa razão, o recurso da entrevista a distância contribuiu para o fechamento de reportagens importantes para a população, fazendo com que a narrativa jornalística não deixasse de ser constituída, ainda que em meio às perdas substanciais de imagens e outros recursos. Conforme a jornalista 07, para preencher essa lacuna, os jornalistas solicitavam vídeos aos entrevistados e entendiam que a imagem de um equipamento profissional não podia ser exigida naquele momento de tamanha fragilidade.

Às vezes, a pessoa tinha acabado de sair da doença e ela não queria receber a equipe, porque tinha medo. Então não tínhamos aquele recurso de pegar imagem, filmar a mão, olhos, detalhes. Mas a gente conseguiu fazer a reportagem, porque ela mandava os vídeos. O formato mudou. Continuamos fazendo a mesma coisa, só que de forma mais limitada. Esses eram os contras, não ter esses recursos mais abrangentes, não ter muitas imagens, não ter muitos detalhes, não ter o contato da equipe com a pessoa dentro do ambiente dela, até na hora de fazer uma passagem jornalística, quando o repórter está ali no local, ele não pôde fazer isso. Muitas reportagens ficavam sem passagens, porque ele fazia da redação, no telefone, construindo ali. (JORNALISTA 07)

Nota-se, dessa forma, que a tomada de medidas pelas empresas para o enfrentamento da doença – repito, mais que certas – levou a um declínio na cadeia de produção de notícias, uma discrepância na qualidade dos conteúdos, e a uma ruptura da diversidade de assuntos nos

veículos de comunicação. A narrativa jornalística dos veículos sofre essas dilacerações e busca se reinventar em meio à constante evolução da pandemia e da necessidade de continuar informando a população. Uma tarefa difícil, mas decisiva para conscientização social e enfrentamento da doença. Se não fossem as estratégias adotadas pelas equipes e a bravura dos profissionais, a informação ficaria pelo caminho, retida pelas decisões das empresas.

O interessante de se observar é a capacidade de reinvenção do jornalismo com as mudanças e as interferências mencionadas anteriormente. Continuar exercendo a profissão e mantendo a criação de notícias em todas as suas formas só descreve como o jornalismo usufrui da fonte da complexidade para permanecer exercendo a reponsabilidade democrática da informação. Sua determinação em acompanhar a ciência, trazer especialistas de diferentes campos para discutir as provocações da pandemia, não se deixar abater pelas críticas e ataques ferrenhos, enfrentar e ludibriar as decisões políticas, saber dosar a personalidade diante de tudo que está vivendo, nada mais é que um movimento complexo que existe graças a toda essa atuação transversal. O jornalismo é inteligente, astucioso, provocativo, exemplar, defensor e guia na crise sanitária.

#### **4.2. SEGUNDA PARTE: COMO SE FORMAM AS AVENIDAS PARALELAS NA CONSTITUIÇÃO DA NARRATIVA JORNALÍSTICA**

Considero as Avenidas Paralelas como oriundas das Avenidas Principais. Elas se cruzam no decorrer do trabalho jornalístico, sendo que as Paralelas podem ser observadas como resultado secundário da crise sanitária. As forças que elas possuem também direcionam a narrativa jornalística. Essas avenidas também são percorridas pelos profissionais da imprensa e estão lado a lado das principais mudanças provocadas pela pandemia.

Identifiquei ao menos três Avenidas Paralelas que serão destrinchadas nas próximas seções: as percepções iniciais dos jornalistas e como isso provocou um ineditismo nas empresas e na forma de lidar com a notícia; o tratamento do público dividido, uns que atacavam e outros que defendiam, numa clara consequência da Avenida Política; e, por fim, a avenida por onde reflito acerca de um “novo jornalismo”, as heranças deixadas pela crise sanitária e como elas desenham um novo cenário para os profissionais da mídia.

##### **4.2.1. Relatos daqueles que estiveram frente a frente com a pandemia**

A análise feita na primeira parte deste capítulo explora as interferências que direcionaram a constituição da narrativa jornalística nos veículos de comunicação, deixando claro que cobrir a pandemia da Covid-19 foi extremamente difícil e complexo para os jornalistas. Neste segundo momento, pretendo deixar registradas as falas que definem essa crise e discutir algumas características particulares dentro das redações.

Os jornalistas entrevistados têm entre 6 e 18 anos de profissão, com histórico atuante na imprensa roraimense e em outros estados. Quando questionados sobre fazer a cobertura de uma pandemia, as palavras mais ditas pelos profissionais foram: mudança (47 vezes) medo (37 vezes), difícil (31 vezes) e menções à pandemia como “novidade, novo, nova” (27 vezes). Outros termos também apareceram com frequência nas respostas, como: desafiador e desafio, complicado e complicadíssimo, tristeza, desgaste e dano psicológico. Apesar de serem de redações distintas, as sensações e emoções foram semelhantes.

Inicialmente, tivemos aquele momento em que não sabíamos se continuaríamos perto um do outro, se poderíamos ir ao trabalho, depois tivemos um momento de pausa. Eu acho que quando teve esse momento de *home office*, nos sentimos ainda mais apreensivo e pensamos: “Nossa, estamos realmente trancados dentro de casa”. Depois de retornar as atividades presencialmente, não sabia se ia ser contaminada numa coletiva. (JORNALISTA 03)

A fala da jornalista revela a incerteza sobre os rumos que o jornalismo iria tomar a partir da chegada da pandemia no estado. Isso soa semelhante em todas as redações pesquisadas. O jornalista 01, por exemplo, menciona uma “enxurrada de informações” para designar a velocidade com que a crise sanitária se alastrava, fazendo com que o jornalismo também tivesse o mesmo fluxo.

Todo dia tinha uma informação nova. Foi uma avalanche de informações diariamente. A gente parou de noticiar de segunda a sexta. Quem trabalha em rede social, e eu trabalho muito em rede social, sábado e domingo sempre tinha notícia nova também. Então foi um aprendizado na pandemia, porque tudo mudava o tempo todo. (JORNALISTA 01)

A verdade é que ninguém estava preparado para enfrentar a pandemia e como noticiá-la. Tanto é que o jornalista 08 sinaliza desgaste, sobrecarga e situação drástica. Além disso, ele menciona como enxergava a crise.

Foi desafiador! Todo jornalista viveu esse momento de medo, de surpresa, de não saber o que estava acontecendo, era uma coisa muito nova para todo mundo. Era uma coisa nova para os profissionais de saúde, então o que dizer para os jornalistas? Íamos recebendo as notícias, observando o desenrolar da situação, e ficando bem

preocupados, assustados com o número de pessoas contaminadas. Sabíamos que era algo que precisávamos cobrir, precisávamos orientar as pessoas, os telespectadores, mas também sabíamos que éramos vulneráveis e suscetíveis àquilo. (JORNALISTA 08)

Primeiro foi desesperador para mim, porque a primeira pessoa que ficou doente da minha família, que contraiu a Covid-19, foi a minha mãe. Nessa época, ela não estava morando comigo e eu pensei: “Meu Deus! Não posso ver minha mãe. Ela está acamada, ela está sem ar, e eu posso perder a minha mãe para esse vírus, e eu não posso vê-la, porque se vir ela, eu não vou ao trabalho no outro dia por causa do contato”. Essa foi uma das situações mais desafiadoras. Para mim, foi muito complicado, todo o contexto da minha família, ir para o trabalho, cobrir outras histórias das pessoas que estavam internadas, que estavam tendo que se virar para trabalhar na pandemia, tudo isso foi muito desesperador. (JORNALISTA 06)

Relevante salientar que nas entrevistas com os jornalistas, eles foram questionados sobre coberturas anteriores à pandemia, que causaram forte impacto em sua vida profissional. Ainda, se essas coberturas se assemelhavam com a pandemia da Covid-19. Todos mencionaram momentos anteriores à crise sanitária que foram importantes na vida profissional e se assemelhavam ao atual cenário epidemiológico. Na sequência, alguns exemplos.

Sem dúvidas, o que mais me marcou foi a migração venezuelana. Percebemos que é uma situação que ainda não se vê uma solução, mas teve momentos piores. Para mim, é algo que nunca imaginava viver de tão perto, uma situação muito triste, ver tantas famílias largando tudo, deixando tudo para trás para tentar recomeçar a vida no Brasil. Idosos, crianças, pessoas em situação de vulnerabilidade. Nisso que acho que se assemelha um pouco com a pandemia, quando vimos que houve esse momento de muita vulnerabilidade das pessoas, de Saúde Pública. Claro, a pandemia trouxe impactos sociais, muita gente desempregada, passando fome, e na migração a gente vê que era isso: muitas pessoas passando necessidade, não por uma pandemia, mas por causa de uma crise social. (JORNALISTA 08)

O jornalista 01 trouxe dois exemplos de cobertura: o sequestro de um bebê, caso que ele acompanhou com exclusividade por ser o único jornalista na cidade onde ocorreu o fato, em Minas Gerais; e os confrontos na fronteira Brasil-Venezuela, em Pacaraima, quando os Estados Unidos e o Brasil enviaram ajuda humanitária para o país em crise. O profissional destaca que, alguns aspectos são semelhantes, mas a pandemia é, inevitavelmente, mais complexa de se acompanhar.

Eu diria que acompanhar a pandemia se divide em estágios. No início, a gente não tinha informação nenhuma para cobrir a pandemia. A gente pega lá no sequestro, só sabia que o bebê tinha sido sequestrado. Na questão da fronteira, a gente não sabia se o alimento ia entrar, se os guardas iam deixar passar. São pautas que a gente entra nelas e não sabe como vai acabar. Jamais imaginaria que a pandemia se alastraria tanto como se alastrou, que teriam tantas mortes e tantas atualizações sobre vacina. Então, no início, você entra na notícia sem saber como ela vai terminar. E diferente

desse confronto na Venezuela, na fronteira com o Brasil, e o sequestro, a pandemia demorou e se ramificou bem mais, quer dizer, foi algo bem mais complexo para gente acompanhar. (JORNALISTA 01)

Decidi deixar essas declarações sobre a pandemia como uma Avenida Paralela por entender que elas fazem parte de um momento anterior a todas as transformações provocadas na vida dos jornalistas. Esse momento inicial de impacto traz as impressões sobre a crise e os direciona nas tomadas de decisões que fariam dali em diante. Além disso, faz com que os jornalistas resgatem na memória as vivências de reportagens que já tenham feito, para que, de alguma forma, no momento de uma cobertura totalmente nova, isso possa ajudá-los.

Com isso, entendo que uma avenida paralela existe um pouco antes de proporções mais incisivas sobre a profissão, pela qual os jornalistas caminham e são direcionados às avenidas principais que trouxe na primeira parte da análise. Essas consequências dos impactos iniciais se mostram adiante, com todas as transformações causadas nos ciclos sociais do jornalista. Com a chegada dos protocolos, decisões das empresas, organização das demandas e atividades das emissoras, a notícia é colocada em outros trilhos e encaminhada para o receptor.

#### 4.2.2. Amor e ódio evidenciam tratamento do público com a imprensa

A palavra resistir, conforme Oxford Languages, significa: conserva-se firme, não sucumbir, não ceder. Quando se fala em resistência, a primeira ideia que se tem é de um movimento contra algo, é manter-se antagônico a determinada situação.

De forma generalizada, a resistência pode ser entendida como um movimento de ruptura tendo em vista a construção de novos sentidos, subvertendo uma ordem posta. Analisar um fato que ocorre dentro da sociedade e caracterizá-lo como resistência social é um interessante exercício de questionamento que proporciona ao observador uma reconstrução de sentidos, possibilitando a construção de um pensamento crítico capaz de se distanciar da multifacetada realidade social a fim de repensá-la. (FERREIRA; FRANÇA; REIS, 2015, p. 426)

Resistência foi a forma encontrada pelo jornalismo para encarar o comportamento agressivo e hostil do público. Trouxe anteriormente como os ataques do presidente Jair Bolsonaro foram significativos na condução da narrativa jornalística e abriram espaço para as críticas ácidas e, em alguns casos, transformadas em violência física e verbal contra as atividades jornalísticas e a culpabilização da mídia pelos estragos causados pela pandemia, agravados pela postura negacionista do Governo Federal.

Inflamar a opinião dos seguidores fiéis elevou o status de negação à realidade pandêmica comprovada cientificamente. “A polarização política presente no atual cenário nacional é um dos fatores que impactam de forma negativa o desenvolvimento dos trabalhos dos profissionais de comunicação” (SILVA; ARAÚJO; OLIVEIRA, 2021, p. 8) A jornalista 06 não tem dúvidas de que o tratamento do público estava diretamente ligado às declarações do presidente Jair Bolsonaro.

Isso está muito ligado às questões políticas que vivemos. Os discursos do presidente fazem parte dessa visão do público. Eu acredito que está muito conectado. O profissional do jornalismo foi muito demonizado, foi massacrado de todas as formas, e era uma peça importante para levar tudo o que estava sendo trabalhado na pandemia, tudo o que estava sendo estudado, o que surgia. Era uma peça central para comunicar, para levar as notícias, para levar as informações, e ele foi tratado como profissional que estava fazendo tudo errado, porque o presidente falou: “Essa é a verdade”. E o profissional que vai contra essa verdade está mentindo, falando *fake news*, bobagens, enquanto seguíamos fielmente o que a ciência estava falando, o que a ciência estava trazendo. (JORNALISTA 06)

Os oito jornalistas afirmaram que o público, em geral, se comportou de duas maneiras: aqueles que acompanhavam as informações para estarem atualizados e protegidos na pandemia; e os radicais apoiadores do presidente, que desmereciam o trabalho da imprensa, rechaçavam os conteúdos publicados e diziam que se tratava de desinformação. Essa relação também fica estampada na fala da jornalista 03, que atribui a reação negativa do público às falas de autoridades brasileiras.

Inicialmente, as pessoas queriam saber o que era Covid, então, elas se prendiam ao noticiário mesmo. A gente estava ali naquele papel de dizer, de falar como se proteger, do que fazer para não contrair a Covid-19. Mas, depois de um tempo, induzidos pelas autoridades brasileiras, elas passaram a odiar jornalistas, elas começaram a associar o desastre da pandemia ao jornalismo. Eu lembro que, muitas vezes, tentamos falar com algumas pessoas e elas nos xingavam, tinham uma atitude meio ríspida, como se tudo o que a pandemia se tornou fosse culpa da imprensa. (JORNALISTA 03)

A esdrúxula postura de uma parte radical mostra-se, portanto, em uma avenida paralela à política. Ela está separada da avenida principal, pois considero que as ações dessas pessoas merecem atenção diferenciada. Digo isso porque a corrente política mostra diferentes facetas na interferência direta e indireta à constituição da narrativa jornalística, enquanto os ataques seguiam um *modus operandi* muito semelhante: xingamentos, críticas infundadas, uso da desinformação, sendo possível uma análise menos profunda para isso. Isto é, pesquisas feitas mostram, e os próprios jornalistas indicam, que a força motora desses comportamentos abusivos foi a mentalidade política. A interferência, portanto, é terceirizada.

Podemos falar que existiam dois times: quem concordava com a vacina e quem não concordava com a vacina. E quando eu falava que a pessoa tinha que tomar a vacina, quem era contra me atacava fortemente. E a pessoa que me criticava e me atacava, dizia que eu era a favor de vacina que não tinha comprovação, e me detonava em rede social. Depois, essa mesma pessoa precisou me procurar para pedir um leito para um familiar que estava morrendo, estava sem leito. Então a imprensa não é útil até que você precise dela, e na pandemia isso ficou claro. (JORNALISTA 01)

Essa mistura de amor e ódio só é vencida com resistência. Ao indicar que as pessoas a procuravam depois de criticarem, o jornalista 01 acrescentou na entrevista que os espaços no veículo sempre estiveram abertos na tentativa de ajudar a população, independente de lado partido. Essa deve ser a verdadeira reponsabilidade social do jornalismo, acima de quaisquer regras estabelecidas por grupos radicais e sem compromisso com a verdade. É com essa atitude que o jornalismo se mantém firme, resistente e atento aos atentados contra a liberdade de informação e de imprensa. Por isso que os jornalistas ouvidos avaliaram que o jornalismo não se rendeu a esses tristes episódios e seguiram a lida de repassar conhecimento. Destaco duas ponderações.

O jornalismo era uma ferramenta que a gente estava utilizando como a esperança da população por algo melhor. (JORNALISTA 03).

Acho que o jornalismo se portou muito bem, o jornalismo profissional fez o papel que deveria ser feito, que era informar, que era pontuar quando havia *fake news*, provar com dados, com informações, com relatos, com tudo, de que a doença não era realmente só uma gripezinha, que era algo grave e as pessoas precisam, sim, se cuidar. (JORNALISTA 04)

Os desinformadores e contrários à ciência e ao jornalismo, movidos por força política, foram um dos enalços mais graves para o jornalismo durante a pandemia, já que essa situação elevou o medo de sair da redação (quando se podia), receio de ataques nas mídias sociais, constantes ameaças – inclusive de morte –, prejuízos na apuração de matérias, violências físicas e verbais, típicos em países onde as liberdades são vetadas e a democracia é bombardeada pelo autoritarismo. A censura que chegou a ocorrer em alguns momentos durante a pandemia, como o acesso a boletins travado em Roraima, não foram suficientes para barrar a atuação profissional.

4.2.3. Surgiu um novo jornalismo? As heranças deixadas pela pandemia para a profissão

Muito se discute sobre as mudanças no jornalismo nas últimas décadas e como ele vem se reinventando em meio a tudo isso. As tecnologias atuais, já chamadas de novas por um tempo, continuam em constantes modificações, exigindo que os jornalistas e as empresas onde eles atuam se adaptem à realidade cada vez mais virtual, espelhando a realidade próxima dela. Quando iniciei essa pesquisa, uma das hipóteses levantadas era de que os jornalistas concordariam que a forma de fazer o jornalismo foi alterada, o que se concretizou nas entrevistas. Todos afirmaram que, sim, as formas de trabalhar a notícia no *hard news* foram modificadas com a pandemia.

Ainda que existisse um movimento em ascensão para postular espaço à agilidade e às maneiras de como ela chegaria a essas redações – aparelhos modernos, celulares mais potentes, e entrevistas a distância –, isso parecia estar distante de se concretizar plenamente no jornalismo. Por essa razão, os jornalistas ouvidos acreditam que a pandemia acelerou esse processo, trazendo preocupações latentes de como as práticas jornalísticas serão desenvolvidas a partir dessa ruptura antes e pós-pandemia.

A possibilidade de se fazer material de outras formas, aproveitando a disposição do entrevistado de fazer vídeos, por exemplo, agravou o enxugamento das emissoras de televisão, a exigência de repórteres multifuncionais em redações do impresso, equipamentos modernos para os quais não se necessita outros profissionais além do repórter, a carteira de trabalho substituída por contratos. Seria esse um novo jornalismo? Há de se preocupar com o futuro da área, pois não problematizar essas questões pode trazer sérios riscos e danos à profissão, ao profissional, às empresas de comunicação, assim como também ao público.

É preciso discutir, ainda, como as novas plataformas de conteúdo digital tem tirado a audiência, a experiência e os números daquilo que entendemos por imprensa tradicional. De um lado temos o rádio, que observa a explosão dos *podcasts*, de outro a televisão se mantém em um caminho, mas já se depara com a bifurcação provocada pelas gigantes de *streaming* que não deixam de crescer e têm produtos informativos, o webjornalismo enfrenta diariamente a concorrência das mídias sociais digitais. A pandemia provocou essa enxurrada de mudanças que despertaram outras formas – suficientes – de atender aos interesses da mídia. É, pois, chegado o momento de discutir um jornalismo transversal e complexo, que conversa com todas essas implicações?

O jornalista 01 projeta que o jornalismo precisará se encaixar nessas mudanças, provocando uma maneira de consumir distinta da tradicional que se observa no processo de comunicação. Dessa forma, as narrativas aplicadas a cada um desses espaços também precisarão ser reinventadas.



Acho que o imediatismo é parte do jornalismo, temos pela frente um modelo que está se encaixando, que daqui a pouco não vamos estar meio dia na frente da TV para assistir o programa que gostamos. Ele vai estar lá, como está hoje para muita gente, e você vai assistir a hora que você quer. É o *podcast* hoje você grava, faz ao vivo e deixa disponível; eu comecei a ser um grande usuário do YouTube, assisto as coisas quando eu quero. Se eu quiser, não tenho que meio dia ligar a televisão porque alguém vai entrar lá, não tenho que necessariamente estar em casa ou no carro para ouvir o rádio. Posso pegar o celular e colocar no fone de ouvido, ir para o curral, na zona Rural, ligar o rádio que eu vou ouvir. (JORNALISTA 01)

As formas de produção também adentram o caminho da multifuncionalidade. Hoje, as empresas estão exigindo profissionais extremamente preparados para o mercado de trabalho, com o mínimo de conhecimento em diferentes programas de comunicação, plataformas que facilitam o trabalho de levar a notícia ao público e, diga-se, com salário de apenas uma função. O jornalismo mantém a exigência do imediatismo, da informação bem apurada, do público recheado de informação em todo o momento, e profissionais capacitados para isso, mas com infraestrutura enxuta, como citou a jornalista 07.

Estamos otimizando muito mais as nossas equipes e nosso tempo. Hoje, o repórter sai sozinho. Ele pega o telefone dele, liga, conecta e entra ao vivo. E a gente faz muito isso. Surgiu assunto na hora, acabaram de trazer um boletim epidemiológico com uma informação diferente, aconteceu uma operação da Polícia Federal, não tem equipe? Alguém pega o telefone e faz o ao vivo. Era um processo que ia acontecer, mas, talvez, a pandemia tenha acelerado a termos uma equipe formada por uma única pessoa. Claro que, quando a gente precisa de uma reportagem especial, tem que ter essa equipe toda, tem que ter essa superprodução. (JORNALISTA 07)

O jornalista 05 pensa de maneira semelhante.

Sinto que os próprios jornalistas se distanciaram da coisa presencial. Tem um crime? Você liga, pede informação para assessoria, você não vai mais até o local, por exemplo. Tem um incêndio? Você não vai mais ao local. Óbvio, isso é um movimento que já acontecia por conta do webjornalismo, tudo feito de forma remota, mas sinto que se intensificou, porque existia realmente a precaução de você não pode ir por conta do vírus, mas agora que está controlado, com as pessoas vacinadas, sem leitos de UTI superlotados, esse comportamento persiste. Então sinto que a coisa de fazer tudo remoto, de ficar dependente das informações oficiais, é algo que ficou mais intenso pós-pandemia. (JORNALISTA 05)

A mesma preocupação foi compartilhada pela jornalista 02. A internet, na concepção dela, se tornou a grande vilã das reuniões, interferindo na apuração das pautas e deixando os repórteres mais preguiçosos.

Sinto falta desse contato de repórter, sinto falta de pedir para um repórter ir para rua para uma pauta. E eu acho que essa vai ser a tendência daqui para frente de todas as redações. Isso que vejo como uma preocupação. Essa é uma mudança de

comportamento no funcionamento da redação, da apuração da notícia. Estamos ficando muito refém da internet. (JORNALISTA 02)

Essa avenida paralela da mudança que ficou no pós-pandemia – digo isso apenas para o marco de tempo do primeiro ano em análise – revela dois fatores que precisam ser refletidos. Primeiro sobre os prejuízos gerados para os profissionais que ficam com funções acumuladas. Essas mudanças representam que tipo de benefício para o profissional? Há benefícios? Talvez, se esteja falando de praticidade e agilidade para o dia a dia, ao mesmo tempo em que os jornalistas ficam solitários e são cobrados pela produção e qualidade das múltiplas funções que passaram a ser atribuídas a ele.

Segundo é sobre a narrativa jornalística que também é afetada nesse processo. A falta de aprofundamento de conteúdo pode causar desfalque informativo para o público que consome a notícia. Se nem todas as reportagens são especiais e não vão exigir infraestrutura completa, como garantir que os materiais que não vão passar por esse rito mais completo estejam dentro de padrões que garantam uma narrativa suficiente para as pessoas? Se já não desperta o interesse pela confirmação de fatos na externa, esse aspecto mais acomodado pode afetar a profissão e a narrativa. Não se pode apenas aceitar as mudanças sem provocá-las, nem sustentá-las apenas com a “paixão” pela profissão, como mencionei na primeira parte da análise. Há que repensar limites mínimos para todas essas novas facetas do jornalismo.

Importante lembrar, como citou o jornalista 08, que o jornalismo continuará com sua responsabilidade diária de conectar os cidadãos ao mundo ao seu redor.

No futuro, a tendência é usar essas lições para continuar esse trabalho certo, eficaz, e ficar sempre alerta para os outros desafios que possam vir. Vejo o jornalismo como algo que vai continuar tendo esse trabalho árduo de combater as *fake news*, porque o mundo vai se conectando, se globalizando e a internet vai ocupando cada vez mais espaço, e as informações falsas vão também tomando proporções maiores. Então o trabalho do jornalismo e do jornalista nunca vai parar. Os desafios só vão aumentando. E temos que usar essas lições que aprendemos na pandemia para aperfeiçoar nosso trabalho de forma eficaz, que realmente faz a diferença na vida das pessoas, porque elas vão continuar precisando de informação, da notícia, porque sabemos que o jornalismo é base para sociedade e para a democracia. Esse é nosso papel, trabalho árduo, mas que temos que manter o foco, firmes, para enfrentarmos juntos os próximos desafios. (JORNALISTA 08)

Outra preocupação levantada pela jornalista 03 são os reflexos da pandemia dentro do ambiente acadêmico, ou seja, como as universidades e os centros de ensino encararam a pandemia para preparar os estudantes de jornalismo para um momento semelhante a esse, caso venha acontecer. Para ela, a área tem vivido uma mistura de reconhecimento da profissão

e ataques de radicais, o que também mantém níveis de incerteza sobre o tratamento futuro da profissão.

Atualmente, percebo, já verificando de um ambiente fora da redação, como não estamos preparando nossos jornalistas para algo assim novamente. É entendível que uma nova pandemia surja a cada dez anos. Mas será que esses jornalistas que vêm cada vez mais novos, entrando no mercado numa fase muito inicial do curso, têm um aprendizado para produção da notícia? Porque isso é o importante, é ter uma produção da notícia, porque aquilo vai ser reportado para sociedade e visto como verdade, uma fonte de informação segura. A gente se torna ainda mais vulnerável perante a sociedade, seja no sentido negativo, seja no sentido positivo. Mesmo assim, acho que o jornalismo sempre vai ser algo que tem um papel fundamental na construção da sociedade. (JORNALISTA 03)

Há, portanto, que observar essas novas possibilidades de desenvolver as atividades jornalísticas e entendê-las a fundo, para evitar danos irreparáveis aos jornalistas e ao jornalismo como um todo. É necessário usar as ferramentas midiáticas para despertar e manter o senso de crítica sobre as decisões que afetam o cotidiano social, e isso é possível apenas se os profissionais tiverem condições mínimas de trabalho e infraestrutura adequada para atuarem.

Mais do que isso, é também pensar em como a repaginação das plataformas e mídias digitais podem contribuir ativamente com as práticas jornalísticas, prevendo, inclusive, os riscos do que se emana do mais profundo e obscuro lado da internet, como as *deep fakes*. A busca por entender e discutir as provocações das mudanças no jornalismo pode ser feita a partir de ensaios complexos, a exemplo deste estudo que desencadeei e apresentei nestas páginas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observar a constituição da narrativa jornalística pela ótica da complexidade foi uma decisão assertiva para entendermos como esse processo ocorreu durante a pandemia da Covid-19. Acredito termos caminhado a avenida da complexidade de Edgar Morin para entender as vias principais das interferências no decorrer da construção das notícias, e também observamos alguns comportamentos que emanam a partir dessas forças. Sem dúvida, provocar as diversas facetas das interferências que apareceram nesse transcurso só me fez ter ainda mais certeza do protagonismo necessário da imprensa na crise sanitária.

Há inúmeras lições observadas nesta pesquisa que contribuem para uma análise profunda. Ao conectarmos os campos opostos em busca de uma resposta congruente e plausível para as mudanças que afetam não apenas o jornalismo, o cotidiano, ou as situações próximas a nós, ampliarmos esses pensamentos para todos os espaços onde estamos na tentativa de os usarmos como elo de um conhecimento complexo e unificador. Assim, é possível indicar um caminho de como aproveitar as experiências internas e externas do processo narratológico para torná-lo mais completo. O público que consome os produtos feitos com tanta dificuldade na pandemia tem que ser provocado a pensar na complexidade.

Ouvir os relatos dos profissionais reacendeu a importância da pesquisa científica para as questões que estão estampadas na nossa frente e carecem de um debate profundo, para que tenham um impacto menos severo à vida dos profissionais que se empenham para informar. Perceber como os jornalistas saem mais humanos, pacientes e valorizando mais o amor-próprio e a família depois da pandemia é um passo rumo à desmistificação da identidade jornalística presente no espaço social, que exige pender na balança o lado profissional acima do pessoal. Além disso, é um ganho para o pensar complexo, pois aproveita as experiências das avenidas para a própria narrativa.

É preciso dizer também que cada jornalista é revestido pela experiência do ser humano, modulada a cada espaço frequentado, cada vivência individual e coletiva experimentada, os aprendizados e conhecimentos adquiridos ao longo da vida, a identidade

fragmentada, etc. O jornalista é, portanto, um ser complexo, que vai refletir a sua complexidade na constituição da narrativa que lhe for atribuída. Vale mencionar, dessa forma, que as interferências apontadas por um podem não ser vistas como interferências pelo outro, justamente pela camada de complexidade que envolve esse processo narratológico.

O que se conclui das falas dos jornalistas atribuídas à pesquisa é que há, sim, interferências complexas na construção da notícia, que não podem ser ignoradas, nem retiradas do contexto de constituição, mas tê-las como parte primordial da construção do saber jornalístico. As interferências não atrapalham o jornalismo. Pelo contrário. O torna mais eficiente, mais completo, mais corajoso, mais dinâmico, mais imponente, mais atraente, mais conhecedor, mais provocador, mais político, mais social, mais complexo. A simbologia da narrativa complexa é o que ela se torna nesse processo, não aquilo que a simplificação quer que ela seja.

Destaco ainda que indicar as avenidas de interferências, tanto principais como paralelas, não é uma tentativa de apará-las. Instigo a pensarmos como elas fazem parte do processo de constituição da narrativa jornalística, contribuindo para um produto final repleto de características da complexidade, permitindo um saber que perpassou por diferentes campos antes de encontrar espaço em outro. Esse processo de constituição narratológica nada mais é que um fluxo constante de troca de informações inconsciente que precisa do fio da complexidade para dar sentido à notícia.

Os espaços que a narrativa percorre e as modulações que ela sofre a partir dessas avenidas vão confirmando que o fazer jornalismo diário carece de uma atenção complexa dos próprios jornalistas, os fazendo perceber como cada uma dessas avenidas está presente em seus cotidianos e podem auxiliar no processo de construção. É uma tentativa, ainda, de não culpabilizá-los quanto à pessoalidade. Por isso, não revelamos as influências para contê-las, mas para que ajudem na fluidez do bem mais precioso do jornalismo que é a notícia. Contribuir com o saber social a partir dessa visão complexificada torna-se uma tarefa fácil a partir do momento em que ligamos os fios dos campos para conversarem entre si.

Menciono o fato de o jornalismo resguardar suas convicções e lutar contra o negacionismo, os ataques infundados, a postura do presidente Jair Bolsonaro e apoiadores durante a crise sanitária. Parte da população pode ainda não reconhecer, mas a História cumprirá esse papel, e a sociedade estará em eterna gratidão por todas as notícias que ajudaram a salvar milhões de vidas. Afinal, sem a narrativa jornalística percorrendo tantos espaços – virtuais e reais – estaríamos fadados ao fracasso e o vírus tomaria proporções inimagináveis. Ainda que não tenha tido reconhecimento amplo, a imprensa compôs a linha

de frente de combate e apoiou na proteção da população. Isso também foi possível graças à busca pelo pensamento complexo.

Espera-se, ainda, que haja um resgate da confiabilidade do público com as notícias propagadas pelos veículos de comunicação, entendendo que o jornalismo é o amigo mais fiel e verdadeiro para informar. Rebater a desinformação é uma obrigação de todos nós, imprensa e sociedade, para evitar que essas narrativas desinformativas tragam o caos social. Não podemos permitir que essa cobrança seja apenas sobre a imprensa, mas precisamos acionar o viés da complexidade e chamar para a roda de debate os outros campos importantes nessa discussão, como a política e a Justiça. Talvez, tenhamos uma resposta firme frente a essa lamentável situação que nos assombra.

Por fim, reafirmo o que todos os jornalistas trouxeram em suas falas: o jornalismo continuará resguardando a informação verdadeira, incomodando aqueles que buscam cercear a liberdade de imprensa. O que nos foi atribuído há séculos seguirá de pé enquanto houver um jornal em circulação, uma emissora de rádio, um canal de televisão ou um portal de notícias. O jornalismo é, portanto, a artéria aorta que pulsa o sangue nesse corpo chamado sociedade. Sem a mídia, ela está entregue ao declínio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAJI, 2021. **Abraji repudia ataque a jornalista da CNN que cobria manifestação.** Disponível em: <https://abraji.org.br/noticias/abraji-repudia-ataque-a-jornalista-da-cnn-que-cobria-manifestacao>. Acesso em 07 de julho de 2021.

AGÊNCIA BRASIL, 2020. **Organização mundial da saúde declara pandemia de coronavírus.** Brasília, 11 de março de 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/organizacao-mundial-da-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em 06 de junho de 2022.

AGNEZ, L. F. **Identidade profissional no jornalismo brasileiro: a carreira dos correspondentes internacionais.** Tese (doutorado), Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, 2014.

ALBUQUERQUE, Afonso de. A narrativa jornalística para além dos *faits-divers*. **Lumina**, Facom/UFJF, v.3, n<sup>a</sup> 2, p. 69-91, julho a dezembro 2000.

ALMEIDA, C.. Jornalismo e divulgação: por um debate mais qualificado. **Ciência Hoje**, janeiro de 2022. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/jornalismo-e-divulgacao-por-um-debate-mais-qualificado>. Acesso em 04 de abril de 2022.

ALMEIDA, S. F.. **Representações do tempo no jornalismo de mudanças climáticas e danos ambientais.** João Pessoa: Ideia, 2018.

ALVES, Marco Antônio Sousa; MACIEL, Emanuella Ribeiro Halfeld. O fenômeno das *fake news*: definição, combate e contexto. **internet&sociedade**, vol. 1, n<sup>o</sup> 1, janeiro de 2020, p. 144-171.

ALVES, V. N.. Marcelo Leite: cultura científica para combater a desinformação e fortalecer a tomada de decisões de cidadãos. Entrevista de Marcelo Leite para a revista eletrônica de jornalismo científico Com **Ciência**. Disponível em: <https://www.comciencia.br/marcelo-leite-cultura-cientifica-para-combater-a-desinformacao-e-fortalecer-a-tomada-de-decisoes-de-cidadaos/>. Acesso em 05 de junho de 2022.

ALVES, Z. M. M. B.; SILVA, M. H. G. F.. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia**, FFCLRP, USP, v. 2, p. 61-69, 1992.

AMARANTE, Erivelto. A desinformação como estratégia política: uma análise dos discursos presidenciais durante a pandemia da covid-19. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v.14, n.40, p. 48-67, 2021.

ARAÚJO, Bruno Bernardo. **A narrativa jornalística e a construção do real**. 2011. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/araujo-bruno-a-narrativa-jornalistica-construcao-real.pdf>. Acesso em: 10 de novembro de 2021.

ARENDDT, Hannah. **O que é política?** 3ª ed., tradução de Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BARBOSA, Cristiane de Lima. **Jornalismo científico em tempos de pandemia na Amazônia: um estudo sobre o Portal A Crítica**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, virtual, dezembro 2020.

BARBOSA, Marialva; GERK, Cristine. Jornalismo, Memória e Testemunho: Uma análise do tempo presente. **Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 01, pp. 150-167, abr. 2018/ jul. 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 LTDA, 1977.

BARRETO, Emanuel. Jornalismo e política: a construção do poder. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vol. 3, n. 01, 1º semestre de 2006.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2005.

BARSOTI, A.; AGUIAR, L. Nomear a mentira: a estratégia do jornalismo para resgatar seu locus de verdade em meio ao cenário de desinformação e plataformização. **Líbero**, São Paulo, v. 49, p. 123-140. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1633/1313>. Acesso em 05 de dezembro de 2022.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongermino e Pedro de Souza. 11ª ed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. **Análise da estrutura da narrativa**. 7ª ed – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BELOCHIO, Vivian; SILVA, Sofia. Os critérios de noticiabilidade e a apropriação dos sites de redes sociais no jornalismo: reflexões sobre as estratégias de Zero Hora.com. **Revista Latino-americana de Jornalismo** – João Pessoa, Brasil, ano 01, v. 01, n. 01, p. 41-58, jul-dez 2020.

BERTOLLI FILHO, Claudio. **Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico**. 2006. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bertolli-claudio-elementos-fundamentais-jornalismo-cientifico.pdf>. Acesso em: 09 de novembro de 2021.



BEZERRA, J. S.; MAGNO, M. L. da Silva; MAIA, C. T.. Desinformação, antivacina e políticas de morte: o mito (d)e virar jacaré. **Revista Mídia e Cotidiano**, vol. 15, n. 3, set-dez de 2021.

BISNETO, F. M. S.; RIBEIRO, E. F.; SILVA, L. C.. As contribuições de Morin e Genro Filho para o jornalismo: análise da cobertura da mídia televisiva das olimpíadas do Rio 2016. **Revista Temática**, v. 13, p. 131-143, 2017.

BONFIM, Ivo; SOARES, E.B. Emergência global no jornalismo local-regional: a cobertura da pandemia de Covid-19 pelos Portais Diários dos Campos e Arede. **Revista FSA**, Teresina, v. 18, n. 01, art. 5, p. 100-117, jan. 2021.

BORGES, Daniel Moura. Método dedutivo, indutivo ou comparativo. Qual o mais adequado à pesquisa do direito internacional do meio ambiente? **Planeta Amazônia: Revista Internacional de Direito Ambiental e Políticas Públicas**, Macapá, n. 6, p. 85-101, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRUNER, J. Atos de significação. 2. ed. Tradução. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BUENO, W.C. da C. Jornalismo científico. **In Ciência e Cultura**, p. 1420-1427, 37 (9), setembro, 1985.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1996.

CARVALHO, L. B. de. A democracia frustrada: fake news, política e liberdade de expressão nas redes sociais. **internet&sociedade**, n. 01, v. 01, p. 172-199, fevereiro de 2020.

CATALÀ, J. M. (2005). **La imagen compleja**. La fenomenología de las imágenes en la era de la cultura visual. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, Servei de Publicacions.

DALMONTE, Edson Fernando. **Pensar o discurso no webjornalismo: temporalidade, paratexto e comunidades de experiência**. Salvador: EDUFBA, 2009.

DESLAURIERS, J.; KÉRISIT, M. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DOURADO, Tatiana; GOMES, Wilson. O que são, afinal, *fake news*, enquanto fenômeno de comunicação política? **Compólitica8**, Brasília – FAC, UNB, maio de 2019.

FAUSTO NETO, Antonio. Em busca da cena primária: notas sobre dispositivos e condições de enunciação dos discursos jornalísticos. **Mimeo.**, PPG-CC, Unisinos, 1999.

\_\_\_\_\_. Jornalismo: sensibilidade e complexidade. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 17-30, 2009.

FERREIRA, Fernanda Vasques; VARÃO, Rafiza. **Jornalismo como Instância de Confiabilidade de Informações durante a Pandemia da Covid-19**. In: OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves; GADINI, Sérgio (orgs.). *Jornalismo em tempos da pandemia do novo coronavírus*, p. 372 – 398, 2020.

FERREIRA, Janaína Parentes Fortes Costa; REIS, Marília Luiza de Carvalho; FRANÇA, Tuany de Sousa. **A busca de um conceito: resistências sociais (Uma abertura dentro da crise)**. In: SILVA, Paulo Renato da et al (orgs.). *Anais das IV Jornadas Internacionais de Problemas Latino-Americanos: Lutas, Experiências e Debates na América Latina*, p. 424-437, 2015.

FERREIRA, G. B.. Quando as notícias importam. Fontes, confiança e desinformação em tempos de Covid-19. In F. R. Cádima & I. Ferreira (Coords.), **Perspectivas multidisciplinares da Comunicação em contexto de Pandemia**, v. I, pp. 30- 49. Coleção ICNOVA, 2020.

FERREIRA, Josué. A apropriação da narrativa jornalística pelas *fake news*. **Aturá – Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, v. 4, p. 120-137, setembro-dezembro 2020.

FIEDLER-FERRARA, Nelson. O pensar complexo: construção de um novo paradigma. **Virus**, São Carlos, n. 3, 2010. Disponível em: [http://www.nomads.usp.br/virus/virus03/PDF/review/1\\_pt.pdf](http://www.nomads.usp.br/virus/virus03/PDF/review/1_pt.pdf). Acesso em: 26 de outubro de 2021.

FIOCRUZ, 2020. **Qual a origem do novo coronavírus?** Rio de Janeiro, 22 de junho de 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/qual-origem-do-novo-coronavirus>. Acesso em 15 de janeiro de 2022.

FLEURY, S.; FAVA, V. M. D.. Vacina contra Covid-19: arena da disputa federativa brasileira. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 46, n. especial 1, p. 248-264, 2022.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, W. S.. **Jornalismo, fatos e interesses: Ensaio de teoria do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2009.

GONÇALVES, Elizabeth Moraes. Da narratividade à narrativa transmídia: a evolução do processo comunicacional. In **Narrativas transmedia: entre teorias y prácticas**. CAMPALANS, Carolina; RENÓ, Denis; GOSCIOLA, Vicente. Bogotá: Universidad del Rosário, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HENNEMANN, L.L. **Uma perspectiva da relação entre jornalismo e literatura: estudo de caso da revista Superinteressante**. Artigo (Curso de Jornalismo) – Universidade Unisul. Tubarão, Santa Catarina, p. 37.

JAVORSKI, E.; BARGAS, J. A informação sobre a covid-19 nos desertos de notícias: a relevância do jornalismo interior do Pará. **Liinc em revista**, v. 16, 2020. DOI: 10.18617/liinc.v16i2.5339. Acesso em: 10 de novembro de 2021.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação**. Tradução de Susana Alexandria. – 2a ed. – São Paulo: Aleph, 2009.

LEITE, Marcelo. Biotecnologias, clones e quimeras sob controle social: missão urgente para a divulgação científica. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 3, 2000.

LENER, Kátia; SACRAMENTO, Igor. **Saúde e jornalismo: interfaces contemporâneas**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2014.

LIMA, Edvaldo Pereira. Memória do futuro: jornalismo literário avançado no século XXI. **Inovcom**, v. 05, n. 02, p. 68-78, 2013.

LIMA, M. A. D. da Silva; ALMEIDA, M. C. P.; LIMA, C. C.. A utilização da observação participante e da entrevista semiestruturada na pesquisa em enfermagem. **Revista Gaúcha Enfermagem**, Porto Alegre, v. 20, n. especial, p. 130-142, 1999.

LITS, Marc. As investigações sobre a narrativa mediática e o futuro da imprensa. **Mediapolis: revista de comunicação, jornalismo e espaço público**, [s.l.], n. 1, p.14-29, 2015. Coimbra University Press. [http://dx.doi.org/10.14195/2183-6019\\_1\\_1](http://dx.doi.org/10.14195/2183-6019_1_1).

LONGHI, Raquel. Opinião e diagramação. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. III, n. 01, 1º semestre de 2006.

\_\_\_\_\_. Narrativas complexas no cibejornalismo: interface, imagem, imersão. In **Narrativas Complexas**. LONGHI, Raquel; LOVATO, Anahi; GIFREU, Arnau (Org.). 1ª ed. Aveiro: Ria Editorial, 2020.

LYRA, Júlia Afonso. **Jornalistas, restrições e controvérsias: uma análise sobre as influências políticas nas redações de Pernambuco**. XX Congresso de Ciências da Comunicação Região Nordeste, 2018.

MAAR, W. L.. **O que é política?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTÍNEZ, Fátima; COLUSSI, Juliana. Periodismo Digital Especializado en América Latina: un Análisis de la Cobertura del Coronavirus en el Medio Digital Salud con lupa. In **Jornalismo em tempos da pandemia do novo coronavírus**. Hebe Maria Gonçalves de Oliveira e Sérgio Gadini (Orgs.). 1ª edição - Aveiro: Ria Editorial, 2020.

MASSARANI, L., NEVES, L. F. F.; DA SILVA, C. M. Excesso e alta velocidade das informações científicas: impactos da COVID-19 no trabalho de jornalistas. **E-Compós**, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.2426>. Acesso em: 09 de novembro de 2021.

\_\_\_\_\_.; WALTZ, Igor; LEAL, Tatiane; MODESTO, Michelle. Narrativas sobre vacinação em tempos de fake news: uma análise de conteúdo em redes sociais. **Saúde Soc.** São Paulo, v. 30, n. 2, 2021.

\_\_\_\_\_. LEAL, Tatiane; WALTZ, Igor; MEDEIROS, Amanda. Infodemia, desinformação e vacinas: a circulação de conteúdos em redes sociais antes e depois da COVID-19. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, maio 2021. <https://doi.org/10.18617/liinc.v17i1.5689>

\_\_\_\_\_. BROTAS, Antonio; COSTA, M. C. R.; NEVES, L. F.F. Vacinas contra a COVID-19 e o combate à desinformação na cobertura da Folha de S. Paulo. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, 23(2), p. 29-43, maio/agosto 2021.

MATTOS, P. L. C. L.. A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise. **RAP – Revista de Administração Pública**, v. 39, n. 4, p. 823-846, 2005.

MENESES, J. P.. Sobre a necessidade de conceptualizar o fenómeno das fake news. **Observatorio Special Issue**, p. 37-53. Disponível em <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1376>. Acessado em: 30 de outubro de 2021.

MIGUEL, Luis Felipe. Os meios de comunicação e a prática política. **Lua Nova**, n. 55-56, p. 155-184, 2002

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MORESI, Eduardo. **Metodologia da pesquisa**. Universidade Católica de Brasília (UCB). 1ª ed. – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, UCB, 2003.

MORIN, Edgar. **Cabeça bem-feita: repensar a forma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. 8ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Ed. Revista e modificada pelo autor – 8ª ed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

\_\_\_\_\_. **É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus**. Tradução de Ivone C. Benedetti. 1ª ed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

MOTTA, Luiz Gonzaga; COSTA, Gustavo Borges; LIMA, Jorge Augusto. Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v. XXVII, nº 2, julho/dezembro de 2004.

\_\_\_\_\_. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. **E-Compós**, [S. l.], v. 1, 2004. DOI: 10.30962/ec.8. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/8>. Acesso em: 29 set. 2021.

\_\_\_\_\_. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, C.; BENETTI, M. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007. P.143-167.

MYERS, G. Análise da conversação e da fala. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

NAHAS, Luciana Faísca; ANTUNES, A. P. de Oliveira. Pandemia, fraternidade e família: a convivência e a importância da manutenção dos laços familiares. **Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM)**, 2020. Disponível em: <https://repositorio.asc.es.edu.br/handle/123456789/2619>. Acesso em 10 de dezembro de 2022.

NAVARRO, Aidil Soares. **Reflexões sobre o efeito da pandemia do coronavírus no jornalismo, na democracia e no comportamento das pessoas na sociedade contemporânea**. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/download/21982/17547>. Acesso em: 21 set. 2021.

NICOLETTI, Janara. **A normatização do uso de redes sociais por jornalistas**. Dissertação (mestrado), Centro de Comunicação e Expressão – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, 2012.

NOGUEIRA, Ester Feitosa; SILVA, Gledson Diegues da; SILVA, Marcelli Alves da. **A Humanização da Narrativa Jornalística nas Séries de Reportagem dos Telejornais de Imperatriz (MA)**. XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, 2019.

NONATO, C. Diversidade nas pautas jornalísticas: o caso das periferias paulistanas. **Revista Extraprensa**, v. 13, n. 2, p. 183-198, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153455>. Acesso em: 10 nov. 2021.

OLIVEIRA, Aline Barbosa; OLIVEIRA JÚNIOR, A. L. Barbosa de; LIMA, Veronica A. de Oliveira. O Jornalismo Flexitempo na Pandemia de Covid-19. **Revista Iniciacom – Revista Brasileira de Iniciação Científica**, v. 10, n. 3, 2021.

OLIVEIRA, F.. **Jornalismo científico**. Coleção Comunicação. São Paulo: Contexto, 2002.

PAIVA, V. L. M. de O.. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, 8 (2): p. 261-266. 2008.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). [1969]. Tradução de Eni Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora Unicamp, 2010, p. 59-158.

PENA-VEJA, A.; PETRAGLIA, I. As incertezas como narrativa do imprevisível: o real e o complexo. **Revista Polyphonía**, Goiânia, v. 31, n. 1, p. 104-124, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sv/article/view/66949>. Acesso em 15 de janeiro de 2023.

PEREIRA, M. D.; OLIVEIRA, L. C.; COSTA, C. F. T.; BEZERRA, C. M. de Oliveira; PEREIRA, Mírian Dantas; SANTOS, C. K. A. A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. **Revista Research, Society and Development**, 2020.

PEREIRA, M. R.. A desinformação como estratégia política: uma análise dos tweets de ataque à imprensa postados por Jair Messias Bolsonaro no ano de 2019. **Revista Aquila**, n. 24. Ano XII. Jan/Jun, 2021.

RAMOS, R. Rolando Barthes: semiologia, mídia e fait divers. **Revista FAMECOS**, v. 8, n. 14, p. 119-127, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2001.14.3108>. Acesso em 15 de janeiro de 2023.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

\_\_\_\_\_. Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; FIRMINO, Fernando. (Org.). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009.

\_\_\_\_\_; ZAGO, Gabriela. “RT, por favor!”: considerações sobre a difusão de informações no Twitter. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, 12 (2): 69-81, maio-agosto 2010.

\_\_\_\_\_; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galáxia**, São Paulo, n. 41, p. 31-47, 2019. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198225532019000200031&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198225532019000200031&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 10 de novembro de 2021.

\_\_\_\_\_; SOARES, Felipe; VINHAS, O.; VOLCAN, T.; ZAGO, G.; STUMPF, E. M.; VIEGAS, P.; HÜNTNER, L. G.; BONOTO, C.; SILVA, G.; PASSOS, I.; SALGUEIRO, I.; SODRÉ, G.. **Desinformação, Mídia Social e Covid-19 no Brasil: Relatório, resultados e estratégias de combate**. Relatório de Pesquisa. 2020.

\_\_\_\_\_. **Desinformação, mídia social e COVID-19 no Brasil: relatório, resultados e estratégias de combate**. 1ª ed. – Pelotas, Rio Grande do Sul: MIDIARS, 2021.

\_\_\_\_\_; SOARES, F.B.. O discurso desinformativo sobre a Cura da COVID-19 no Twitter: estudo de caso. **E-Compós**. Brasília, Distrito Federal. Vol. 24 (2021), p. 1-29, 2021.

REISDOERFER, H. M.. Fait divers: as contribuições de Roland Barthes para o jornalismo. **Revista Temática**, v. 15, n. 3, 2019.

RESENDE, Fernando. Jornalismo e enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista. In: LEMOS, André; BERGER, Christa; BARBOSA, Marialva (org.). **Narrativas midiáticas contemporâneas**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. Brasília: Enap, 2021.

SEABRA, Cecília. Jornalismo, democracia e afetos: ódio, medo e ressentimento no primeiro ano do governo Bolsonaro. **Revista ComPolis**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 84-112, fev./maio 2020.

SEIBT, Taís; DANNENBERG, Murilo. Pandemia, desinformação e discurso autoritário: os sentidos das declarações de Jair Bolsonaro no Twitter a partir de checagens do Aos Fatos. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 01, e5687, maio 2021. <https://doi.org/10.18617/liinc.v17i1.5687>.

SILVA, Amanda Tenório Pontes da Silva. A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico. **Estudos em jornalismo e mídia**, v. 7, nº 2, julho/dezembro de 2010.

SILVA, Andreia Fernandes. Porque é que as *fake news* se transformaram em protagonistas do jornalismo contemporâneo? **Comunicação Pública [Online]**, vol. 14, nº 26. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cp/4139>. Acessado em: 2 de novembro de 2021.

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4ª ed. – Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, Laerte J. C.; ARAÚJO, Mateus B.; OLIVEIRA, Vanessa S. Os ataques aos jornalistas na cobertura da pandemia da Covid-19: O caso da TV Cabo Branco – Afiliada da Rede Globo em João Pessoa-PB. **XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação**, do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2021.

SILVA, Roberta D. F. C.; GONLÇALVES, Leandro A.P.. As pílulas do Messias: salvação, negação e política de morte em tempos de pandemia. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30 (2), e300208, 2020.

SIQUEIRA, Fabiana; NEVES, Gabriela; MOREIRA, Thayane. Pandemia e o novo fazer jornalístico: as mudanças nas rotinas de produção da TV Cabo Branco. In **Jornalismo em tempos de pandemia: reconfigurações na TV e na Internet**. Fabiana Siqueira e Patrícia Monteiro (Org.). João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. 3ª ed. – São Paulo: Summus Editorial LTDA, 1992.

VASCONCELOS, Iury. **Jornalismo científico traduz temas e assuntos complexos para leigos**. UNIDADE, Sindicato dos Jornalistas Profissionais no estado de São Paulo, maio-junho de 2020.

VILLEGAS, Jesús Becerra. Sujeto y función. Hacia una comunicología semiótica de la tensión. In: CÁCERES, Galindo (org). **Comunicología posible**. Hacia una ciencia de la comunicación, Universidad Intercontinental, p. 161-198, 2011.

VIEIRA, Marcus; GENTILLI, Victor Israel. **O pandemônio informacional em meio à pandemia da Covid-19 e a necessidade do jornalismo**. 6º Seminário de Comunicação e Territorialidades. Universidade Federal do Espírito Santo, setembro de 2020.

WECKER, Ana Cláudia; FROEHLICH, Cristiane; GONÇALVES, Manuela A. Capacidades dinâmicas e estratégias para enfrentamento da crise diante da pandemia da Covid-19. **Revista Gestão Organizacional**, v. 14, n. 1, 2021.

XAVIER, Chico. Mídia e saúde, saúde na mídia. In: **Caderno mídia e saúde pública**. Adriana Santos (org). Belo Horizonte: Escola de Saúde Pública/FUNED, 2006.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. 2ª ed. – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração, UFSC, 2013.



## APÊNDICES

### Apêndice A – Entrevista semiestruturada feita com os jornalistas

#### ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Perguntas que compõem a entrevista semiestruturada da pesquisa “A COMPLEXIDADE NA CONSTITUIÇÃO DA NARRATIVA JORNALÍSTICA EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19 NA IMPRENSA DE RORAIMA”, do pesquisador Josué Ferreira Gomes, para a dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima (PPGCOM/UFRR). A entrevista será realizada com 10 jornalistas que atuaram nos veículos de comunicação: g1 Roraima, Roraima em Tempo, TVRR (Rede Amazônica), Rádio 93FM, e Rádio Tropical.

1. Há quanto tempo você atua como jornalista?
2. Quais coberturas causaram maior impacto na sua vida profissional? Foi semelhante à pandemia da Covid-19? Por quê?
3. Você pode descrever como foi fazer a cobertura da pandemia da Covid-19?
4. Você acredita que a forma de fazer jornalismo foi alterada com a crise sanitária? Por que?
5. Se sim, quais mudanças você apontaria?
6. De que forma você foi afetado pela pandemia?
7. Sabemos que fazer notícias está cercado de interferências, sejam elas internas ou externas. Que interferências você avalia que tenham ocorrido no processo de constituição da narrativa?
8. Você consegue dizer qual reportagem mais te marcou nesse período? Por quê?
9. Como você enxerga a profissão durante a crise sanitária, a partir do ponto de vista do público externo. Ou seja, como você avalia a forma com que a profissão foi tratada na pandemia pelo público?
10. Houve interferência política no processo de construção da notícia? De que forma ela se manifestou?
11. Houve interferência pessoal nesse processo? Escolha de pauta por afinidade, por questões pessoais? Como isso esteve presente no seu cotidiano?
12. Você acredita que as questões familiares também estiveram presentes nesse processo de constituição da narrativa jornalística? Seja por pensar nos seus familiares ao ter que sair de casa para escrever, seja por razões ligadas ao seu processo de criação?

13. Como você enxerga o jornalismo daqui para frente, após essa série de mudanças provocada pela crise sanitária?